



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**CAIO DIAS TAVARES**

**LEITURA DE NOTÍCIAS NO 6º ANO: NA PEGADA DO PASSINHO, UM OLHAR  
CRÍTICO SOBRE O BREGAFUNK NOS JORNAIS DE PERNAMBUCO**

Recife

2020

CAIO DIAS TAVARES

**LEITURA DE NOTÍCIAS NO 6º ANO: NA PEGADA DO PASSINHO, UM OLHAR  
CRÍTICO SOBRE O BREGAFUNK NOS JORNAIS DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clara Catanho Cavalcanti.

Recife

2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

T2311 Tavares, Caio Dias  
Leitura de notícias no 6º ano: na pegada do passinho, um olhar crítico sobre o bregafunk nos jornais de Pernambuco / Caio Dias Tavares. – Recife, 2020.  
136f.: il.

Orientadora: Maria Clara Catanho Cavalcanti.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, 2020.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Análise crítica do discurso. 2. Bregafunk. 3. Leitura crítica. 4. Notícia. I. Cavalcanti, Maria Clara Catanho (Orientadora). II. Título.

400 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2020-160)

CAIO DIAS TAVARES

**LEITURA DE NOTÍCIAS NO 6º ANO: NA PEGADA DO PASSINHO, UM OLHAR  
CRÍTICO SOBRE O BREGAFUNK NOS JORNAIS DE PERNAMBUCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 15/07/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clara Catanho Cavalcanti (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Hérica Karina Cavalcanti de Lima (Examinadora interna)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. LÍlian Noemia Torres de Melo Guimarães (Examinadora externa)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

À memória de Marielle Franco, por sua luta permanente e incansável pelos direitos dos excluídos e oprimidos.

## AGRADECIMENTOS

A **minha família**, pelo apoio incondicional. Em especial a minha mãe, **Genice**. Obrigado pelo exemplo de determinação, resistência e fortaleza.

Aos **amigos queridos**, sobretudo por entenderem a minha ausência na etapa do mestrado. Vocês são incríveis!

A minha orientadora **Clara Catanho**, pela parceria e confiança no meu trabalho. Grato pelas contribuições acadêmicas e por todo incentivo durante esse processo. Até quando eu achei que não fosse dar conta, você me incentivou a enxergar os meus pontos positivos.

Às professoras que compõem a minha banca. A **Lílian Noemia**, por ter me apresentado o enquadre teórico da Análise Crítica do Discurso, ainda nos tempos da Especialização. Grato pelas orientações durante a etapa da qualificação do projeto do mestrado. A **Hérica Karina** pelas observações tão precisas e valiosas durante as aulas do Profletras e também durante a qualificação da dissertação deste mestrado.

Aos **colegas da turma 5 do Profletras**, pelas trocas de experiências e pela parceria durante esses dois anos, em especial a elas: **Mônica**, pela sensibilidade e pelo carinho de sempre. Obrigado por me tratar como filho e por ser tão humana. A **Soraya**, por ser tão leal, atenciosa e presente nas minhas angústias e nas minhas alegrias. A **Pamella**, pela paciência, companheirismo, incentivo e por ser tão altruísta. Vocês são incríveis, meninas!

A **minha vice-gestora Cristiane** e a minha coordenadora **Eliane**, da Escola municipal Dr. Rodolfo Aureliano, pela parceria durante as etapas da intervenção, por serem tão presentes e por acreditarem numa educação calcada na construção de cidadãos engajados com as questões sociais da comunidade, da cidade e do País.

Aos **estudantes do 6º C**, pela participação ativa durante as oficinas de leituras, por serem tão responsáveis e tão atentos diante da necessidade da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A **todas as dançarinas e dançarinos de bregafunk**, pela luta diária pela visibilidade e pela resistência, mesmo diante de uma sociedade preconceituosa que, por muitas vezes, invisibiliza e/ou criminaliza os movimentos culturais da periferia.

A **todo mundo que participou de alguma forma**, seja sugerindo leituras, indicações de autores, de filmes, discutindo no dia a dia sobre tantas questões inquietantes e desafiadoras para os direitos humanos.

**A todas as pessoas que atuam diariamente na busca de um mundo mais justo e igualitário.**

“O tempo só será generoso na medida em que você usá-lo para fazer coisas mais produtivas: procurar amigos sumidos, praticar um esporte, retomar um projeto adiado, viajar.”  
(MEDEIROS, 2011, p. 109).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal desenvolver estratégias de abordagem do gênero notícia no 6º ano, propondo uma metodologia de leitura de jornais sobre os movimentos culturais da periferia, especialmente o bregafunk, com o intuito de desvelar as questões ideológicas presentes no discurso da mídia. A partir da proposta de intervenção através de oficinas de leituras de notícias busca-se levar o estudante a refletir sobre os aspectos linguísticos e as questões sociais presentes nos textos jornalísticos. Nesta perspectiva, nosso trabalho contempla a leitura de quatro notícias (da revista Piauí, do Jornal do Commercio, da Folha de Pernambuco e do Diário de Pernambuco) sobre o passinho do Recife, uma das manifestações do bregafunk. Por meio da aplicação de três questionários no decorrer das oficinas, debruçamos nossas análises acerca dos títulos e subtítulos e das questões sociais. Nosso estudo se fundamentou no enquadre teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD). Baseamo-nos em Fairclough (2001), Wodak (2004) e Teun A. van Dijk (2015, 2017), a fim de respaldar nossa proposta de leitura crítica em sala de aula. Trabalhamos os conceitos e discussões propostas por Bakhtin (1997), Kleiman e Moraes (2002), Bazerman (2006), Riolfi (2008) e Koch e Elias (2010) para legitimar as perspectivas de leitura e linguagem no contexto da nossa proposta. A pesquisa elucidou também os estudos de Traquina (2005), Rossi (2007), Lage (2012), Pena (2017), com o intuito de elucidar as teorias e práticas do jornalismo. A presente pesquisa recorreu aos documentos oficiais que orientam a Educação Básica no Brasil: PCN e BNCC. Ao final, por meio dos resultados obtidos nas análises, validamos a hipótese de que a abordagem de leitura de textos de jornais pernambucanos pode permitir ao estudante um olhar crítico sobre as questões ideológicas que perpassam nas notícias.

**Palavras-chave:** Análise crítica do discurso. Bregafunk. Leitura crítica. Notícia.

## ABSTRACT

This paper aims to develop strategies approach on news articles to sixth grade students, proposing a reading methodology through newspapers for better understanding the cultural movements in Recife's urban peripheries, focusing on bregafunk, in order to reveal the ideological issues present in media discourse. The intervention proposal was based on reading workshops, which encourage students to think critically about the linguistic aspects and also the social issues present in journalistic texts. From this perspective, our research involved four reading news articles (from Piauí magazine, Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco and from Diário de Pernambuco) focusing on bregafunk, also known as passinho from Recife. After students answered three different surveys during the workshops, we were able to analyze the news articles titles and subtitles as well as the social issues. This study was tied on the theoretical framework of Critical Discourse Analysis (ACD). We were guided by Fairclough (2001), Wodak (2004) and Teun A Van Dijk (2015, 2017), in order to strenghten our critical reading intervention proposal among students. We focused on the concepts and discussions suggested by Bakthin (1997), Kleiman and Moraes (2002), Bazerman (2006), Riofi (2008) and Koch and Elias (2010) to validate the reading and language perspectives in our intervention proposal. This study was also guided by Traquina (2005), Rossi (2007), Lage (2012), Pena (2017), with the aim of elucidate the theories and practices in Journalism. Official documents which regulate Brazil Education System: PCN and BNCC were also consulted. In conclusion, according to the results obtained through the analysis, we were able to validate the hypothesis that exploring news articles in newspapers encourages students to think critically about the ideological issues which are present in their lives through the reading intervention.

**Keywords:** Critical discourse analysis. Bregafunk. Critical Reading. News articles.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Notícia no livro didático do volume Para viver juntos .....	32
Figura 2 –	Notícia no livro didático do volume Universos .....	33
Figura 3 –	Modelo tridimensional de Fairclough .....	43
Figura 4 –	Fachada da escola .....	50
Figura 5 –	Capa da publicação da Piauí .....	56
Figura 6 –	Momento de discussão com os estudantes sobre a notícia lida .....	57
Figura 7 –	Capa da notícia do Jornal do Commercio .....	59
Figura 8 –	Capa da notícia da Folha de Pernambuco .....	59
Figura 9 –	Capa da notícia do Diario de Pernambuco .....	60
Figura 10 –	Leitura dos jornais em equipes .....	60
Figura 11 –	Produção de cartazes em equipes .....	63
Figura 12 –	Apresentação das produções dos estudantes .....	64
Figura 13 –	Capa do jornal produzido pelos estudantes .....	65
Figura 14 –	Apresentação do jornal produzido pelos estudantes .....	66
Figura 15 –	Resposta 1 – questionário 1 – microestruturas .....	73
Figura 16 –	Resposta 2 – questionário 1 – microestruturas .....	73
Figura 17 –	Resposta 3 – questionário 1 – microestruturas .....	74
Figura 18 –	Resposta 1 – questionário 2 – microestruturas .....	79
Figura 19 –	Resposta 2 – questionário 2 – microestruturas .....	79
Figura 20 –	Resposta 3 – questionário 2 – microestruturas .....	80
Figura 21 –	Resposta 1 – questionário 3 – microestruturas .....	86
Figura 22 –	Resposta 2 – questionário 3 – microestruturas .....	86
Figura 23 –	Resposta 3 – questionário 3 – microestruturas .....	87
Figura 24 –	Resposta 4 – questionário 3 – microestruturas .....	87
Figura 25 –	Resposta 1 – questionário 1 – macroestruturas .....	92
Figura 26 –	Resposta 2 – questionário 1 – macroestruturas .....	92
Figura 27 –	Resposta 3 – questionário 1 – macroestruturas .....	93
Figura 28 –	Resposta 1 – questionário 2 – macroestruturas .....	97
Figura 29 –	Resposta 2 – questionário 2 – macroestruturas .....	97
Figura 30 –	Resposta 3 – questionário 2 – macroestruturas .....	98
Figura 31 –	Resposta 1 – questionário 3 – macroestruturas .....	104

Figura 32 – Resposta 2 – questionário 3 – macroestruturas .....	104
Figura 33 – Resposta 3 – questionário 3 – macroestruturas .....	105
Figura 34 – Resposta 4 – questionário 3 – macroestruturas .....	105

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Respostas dos estudantes para o item do questionário 1 – microestruturas .....	72
Gráfico 2 –	Respostas dos estudantes para o item do questionário 2 em números – microestruturas.....	77
Gráfico 3 –	Detalhamento das respostas dos estudantes para o item do questionário 2 – microestruturas .....	78
Gráfico 4 –	Respostas dos estudantes sobre o JC no item 3 – microestruturas .....	83
Gráfico 5 –	Respostas dos estudantes sobre a FP no item 3 – microestruturas .....	84
Gráfico 6 –	Respostas dos estudantes sobre o DP no item 3 – microestruturas .....	85
Gráfico 7 –	Respostas dos estudantes para o item do questionário 1 – macroestruturas .....	91
Gráfico 8 –	Respostas dos estudantes para o item do questionário 2 – macroestruturas .....	96
Gráfico 9 –	Respostas dos estudantes sobre o JC o item 3 – macroestruturas .....	101
Gráfico 10 –	Respostas dos estudantes sobre a FP o item 3 – macroestruturas .....	102
Gráfico 11 –	Respostas dos estudantes sobre o DP o item 3 – macroestruturas .....	103

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Resumo das atividades das oficinas .....	54
Quadro 2 –	Materiais usados na intervenção .....	68
Quadro 3 –	Perguntas extraídas dos questionários sobre microestruturas .....	69
Quadro 4 –	Perguntas extraídas dos questionários sobre macroestruturas .....	70
Quadro 5 –	Item do questionário 1 – microestruturas .....	71
Quadro 6 –	Título e subtítulo da notícia 1 .....	71
Quadro 7 –	Item do questionário 2 – microestruturas .....	76
Quadro 8 –	Título da notícia 1.....	76
Quadro 9 –	Item do questionário 3 – microestruturas .....	81
Quadro 10 –	Títulos e subtítulos dos jornais pernambucanos .....	82
Quadro 11 –	Item do questionário 1 – macroestruturas .....	90
Quadro 12 –	Item do questionário 2 – macroestruturas .....	95
Quadro 13 –	Item do questionário 3 – macroestruturas .....	100
Quadro 14 –	Ordem dos jornais no questionário 3 .....	100

## LISTA DE SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DP	Diario de Pernambuco
FP	Folha de Pernambuco
JC	Jornal do Commercio
MPPE	Ministério Público de Pernambuco
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>DE OLHO NA NOTÍCIA.....</b>	<b>23</b>
2.1	REDAÇÕES DE JORNAIS E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	23
2.2	LEITURA EM SALA DE AULA E PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	26
2.3	DOCUMENTOS OFICIAIS E ENSINO DA NOTÍCIA.....	31
<b>3</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE AS NOTÍCIAS.....</b>	<b>37</b>
3.1	ACD: ENQUADRE TEÓRICO E AUTORES .....	37
3.2	O CONTROLE DAS MENTES EM FUNÇÃO DE INTERESSES IDEOLÓGICOS.....	41
3.3	PODER E DOMÍNIO NO DISCURSO DA MÍDIA.....	45
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>48</b>
4.1	TIPO DE PESQUISA .....	48
4.2	O CONTEXTO DA PESQUISA .....	49
4.3	OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	51
4.4	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E PROCEDIMENTOS.....	51
4.4.1	Apresentação da proposta de intervenção .....	53
4.4.2	Descrição das atividades realizadas .....	54
4.4.3	Atividade inicial: a apresentação do texto jornalístico (aulas 1 e 2) .....	55
4.4.4	Reflexão sobre a temática e análises das estruturas (aulas 3 e 4) .....	57
4.4.5	Leituras de notícias e comparações entre os jornais locais (aulas 5 e 6) .....	58
4.4.6	Debate sobre os discursos da mídia (aulas 7 e 8) .....	61
4.4.7	Orientação para a atividade final e culminância das oficinas (aulas 9 e 10) .....	62
<b>5</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>67</b>
5.1	CATEGORIAS DE ANÁLISES .....	67
5.2	RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS .....	70
5.2.1	Categoria títulos e subtítulos (microestruturas) .....	71
5.2.2	Categoria questões sociais (macroestruturas) .....	90
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>108</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>112</b>
	<b>APÊNDICE A – PLANOS DE AULA DAS OFICINAS .....</b>	<b>115</b>

<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 1 .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 2 .....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO 3 .....</b>	<b>122</b>
<b>APÊNDICE E – JORNAL DE OLHO NA NOTÍCIA .....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO A – NOTÍCIA 1 (REVISTA PIAUÍ) .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO B – NOTÍCIA 2 (JC) .....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO C – NOTÍCIA 3 (FP) .....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO D – NOTÍCIA 4 (DP) .....</b>	<b>134</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo de gêneros jornalísticos na escola pública é, muitas vezes, realizado por meio de textos propostos nos livros didáticos, de apontamentos na lousa ou da aplicação de atividades descontextualizadas reproduzidas por muitos professores. Nesse contexto, a leitura de notícias dificilmente é realizada pelos estudantes através de textos publicados nos próprios jornais impressos, *sites* e portais informativos.

No que tange à leitura, convém destacar que esta é desenvolvida por muitos professores apenas como um caminho para se chegar às respostas dos exercícios, sem maiores reflexões sobre o contexto da temática tratada. A notícia, embora seja um gênero factual e situado temporalmente, é abordada na sala de aula com a finalidade do reconhecimento da sua estrutura, da localização das ideias centrais do texto e da análise gramatical, na maioria das vezes.

A partir disso, uma proposta de leitura efetiva em sala de aula relaciona bem o uso da linguagem quando possibilita ao estudante estabelecer conexões com a sua realidade. Conforme Kleiman e Moraes (2002, p. 91):

A principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos. Somente quando elaboramos relações significativas entre objetos, fatos e conceitos podemos dizer que aprendemos. As relações entretecem-se, articulam-se em teias, em redes construídas social e individualmente, e em permanente estado de atualização. A ideia de conhecer assemelha-se à de enredar-se, e a leitura constitui a prática social por excelência para esse fim.

Dessa maneira, a escolarização do gênero notícia pode mobilizar um repertório amplo de temas e de assuntos diretamente relacionados ao universo social dos alunos através da comparação de um mesmo fato em diferentes periódicos, partindo do entendimento de que a notícia que circula no jornal é produzida por meio das intenções dos editores e interesses diversos do interior da empresa de comunicação.

Nessa direção, temas como discriminação contra moradores da periferia, racismo e violência em suas diversas formas de manifestação, por exemplo, são relevantes para reflexão em sala de aula. Além de serem temáticas recorrentes nos jornais das grandes cidades, são assuntos frequentes, de alguma forma, na vida dos nossos estudantes. Assim, cabe (re) pensar a cobertura da mídia sobre esses eventos, sobretudo em relação às questões ideológicas subjacentes ao discurso jornalístico.

O interesse pela abordagem da notícia no contexto das aulas de Português surgiu por duas razões. Primeiramente, percebemos, ao longo da nossa prática docente, o tratamento superficial e pouco crítico nos livros didáticos no que concerne à didatização do gênero notícia. Dessa forma, o estudante dos anos finais da rede pública, muitas vezes, não apresenta reflexões a respeito das questões sociais que abarcam assuntos do próprio cotidiano, do bairro ou da cidade. A nossa pesquisa não se opõe ao livro didático ou a outros materiais sugeridos em formações continuadas, nos planejamentos coletivos de professores de Língua Portuguesa etc. Acreditamos que a escolarização da notícia pode servir para trazer à baila temas que retratem a realidade social do estudante da escola pública, com o intuito de mostrar-lhes que as estruturas linguísticas das notícias são calcadas em intenções ideológicas. Por meio disso, poderemos contribuir para a formação de cidadãos críticos e engajados socialmente.

A segunda razão está diretamente relacionada ao intento do professor-pesquisador, formado em Letras e em Jornalismo, em desenvolver uma pesquisa-ação de caráter intervencionista, preconizada pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que também pudesse perpassar pelo universo da notícia. Nesse enfoque, são nas redações dos jornais que os textos jornalísticos são pensados e produzidos. Discutir sobre a prática profissional do jornalista é, de certa forma, refletir sobre os critérios de escolhas que envolvem o que é, o que não é, como é ou como poderia ser veiculada uma notícia, por exemplo.

No âmbito da escola, essa discussão contribui para o entendimento do espaço social como meio para manifestações de ideias, denúncias sociais, combate à injustiça, engajamento cidadão etc. Sobre isso, a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife orienta:

Na escola democrática, a diversidade presente vem sendo incluída como tema de estudo, para desenvolvimento de novas relações que questionem a discriminação, as relações de opressão e a violência decorrentes. É importante perceber a importância de educar as (os) estudantes enquanto pessoas que precisam se posicionar diante das diferenças, não para serem simplesmente reconhecidas, toleradas, mas para compreendê-las como resultado das singularidades dos grupos, direito de cada cidadão e cidadã a novas ideias e valores, a diferentes maneiras de ser e de viver. (RECIFE, 2014, p. 52).

Dessa forma, é possível fazer com que a escola seja concebida como espaço dialético para debates e reflexões sobre os problemas sociais que, de alguma maneira, contribuem para o cerceamento dos direitos das pessoas. Assim, torna-se oportuno promover formas saudáveis de convívio justo e igualitário na etapa de formação do estudante.

Para Pena (2017), o trabalho jornalístico deve ser pautado na construção da realidade. A esse respeito, ele defende que “revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.” (p. 71).

Nesse viés, a leitura da notícia atua no desvelamento das questões suscitadas nos jornais. A compreensão sobre a escolha dos discursos, dos atores sociais descritos nos fatos apresentados e os aspectos ideológicos que sedimentam os textos jornalísticos permitem um olhar crítico sobre a atuação social dos jornais impressos e *on-line*.

Partindo dessa perspectiva, o estudo da notícia em sala de aula pode servir para desvelar as possíveis intenções das opções dos jornalistas por determinadas estruturas lexicais em detrimento de outras, uma vez que a produção desses discursos não é apenas intencional, mas também atende a interesses diversos dos grupos midiáticos aos quais os jornais pertencem.

Segundo Teun A. van Dijk (2015), as manchetes das notícias tendem a descrever as minorias de forma negativa; a sintaxe escolhida pode ser tendenciosa a favor do grupo dominante socialmente. A circulação desses discursos nos textos jornalísticos pode contribuir para a manutenção do preconceito contra determinados segmentos sociais, já que nem todas as pessoas têm consciência da influência cultural, política, ideológica e histórica nos discursos da mídia, o que facilita a manipulação das opiniões acerca dos fatos apresentados nas notícias.

É possível observar, muitas vezes, a opção dos jornais por determinados recortes para noticiar manifestações culturais que acontecem na periferia com o enfoque em confusões, tumultos ou crimes, por exemplo. Apesar disso, as recentes discussões sobre a democratização do espaço urbano, os movimentos culturais e a visibilidade, por meio de manifestações artísticas, da população da periferia têm, de certa forma, orientado uma mudança no uso de determinadas estruturas linguísticas e nas abordagens dos jornais quando se trata de veicular eventos que não envolvam diretamente interesses de grupos sociais com poder aquisitivo elevado.

Acreditamos que o estudo do gênero notícia em sala de aula, além de contemplar o currículo escolar previsto para os anos finais, pode contribuir para promover reflexões sobre o lugar de fala dos atores sociais descritos nos textos jornalísticos. Assim, seria possível fomentar discussões pertinentes a respeito do discurso da mídia e sobre a importância da formação de cidadãos éticos e engajados socialmente.

A presente pesquisa-ação tem por foco a investigação e prática de leitura do gênero notícia em sala de aula do 6º ano, justificando-se pelo fato de garantir a prática da determinação

dos documentos oficiais que regulam a educação no Brasil, ao evidenciarem a importância do trabalho com os textos jornalísticos nas aulas de Português, para que seja possível tornar os alunos engajados no combate às desigualdades sociais.

Nesse prisma, acreditamos que o estudo da notícia na sala de aula deva perpassar pela reflexão sobre as condições de produção e circulação do texto jornalístico, sobre a compreensão do uso de determinadas estruturas linguísticas em prol de interesses empresariais diversos e o lugar social de prestígio que repousa o discurso dos jornais na sociedade.

Ainda que os manuais das redações de jornalismo atentem para a busca da neutralidade e da isenção do texto impresso, há notícias e reportagens tendenciosas veiculadas diariamente. Faria e Zanchetta Jr. (2005) elucidam que mesmo utilizando linguagem referencial ou explicativa, os veículos acabam por transparecer seus posicionamentos, muitas vezes por meio escolha de palavras. Os autores defendem: “O exercício de comparação entre jornais equivalentes pode ser muito proveitoso para mostrar que a linguagem também pode sustentar opiniões claras mesmo revestindo as palavras de uma pretensa “neutralidade” ”.(2005, p.17).

A partir disso, aspectos ideológicos são, muitas vezes, evidenciados através do uso de determinados termos, na omissão de informações e até na hierarquia da estrutura de um sintagma ao longo da notícia (no título, no lead, no corpo do texto etc).

A leitura crítica do texto jornalístico, nessa perspectiva, desponta como um caminho para reflexão sobre as inúmeras formas de desigualdades nas relações em sociedade. Para isso, é indispensável entender como as notícias são veiculadas nos jornais de grande alcance e, respectivamente, quais são as intenções ideológicas presentes e as consequências delas no âmbito social.

Cabe destacar, ainda, a escolha por uma turma de sexto ano para a realização da nossa pesquisa. A opção se deu pelo desafio de propormos uma metodologia para as aulas de Português que pudesse levar o estudante a repensar sobre seu bairro, sua comunidade e as questões sociais cotidianas por meio do ensino do gênero notícia. A abordagem de leitura crítica nessa fase escolar visa contribuir na formação engajada e cidadã dos estudantes. Além disso, muitas vezes, professores partem da premissa de que só é possível desenvolver atividades de leitura crítica com debates e discussões sobre respostas dos questionários no 9º ano ou no Ensino Médio. Acreditamos, dessa forma, que seja possível oferecer aos estudantes já no 6º ano subsídios para que eles possam ter acesso a textos jornalísticos que circulam na imprensa, a fim de perceber a relação das estruturas linguísticas com as questões ideológicas presentes nas notícias.

Diante da necessidade de se conceber a leitura crítica sobre a notícia em sala de aula numa perspectiva do enquadre teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD), como processo que envolve as etapas de leitura de jornais impressos e *sites* de informações em consonância com que é respaldado nos documentos oficiais para os 6º anos, pretendemos refletir, a partir deste Projeto, sobre a importância do desvelamento das questões ideológicas e o tratamento dado nos textos jornalísticos para casos que abordam os movimentos culturais da periferia, especialmente o passinho do Recife, uma das manifestações do bregafunk.

Temos, neste estudo, como objetivo principal desenvolver estratégias de abordagem do gênero notícia no 6º ano, propondo uma metodologia de leitura de jornais sobre os movimentos culturais da periferia, especialmente o bregafunk, com o intuito de desvelar as questões ideológicas presentes no discurso da mídia.

Nesta perspectiva, temos como objetivos específicos:

- orientar leitura de texto jornalístico, com enfoque nos aspectos textuais e nas questões sociais;
- estimular a análise das estruturas títulos e subtítulos enquanto escolhas editoriais intencionais;
- fomentar discussão sobre as representações sociais nos veículos de comunicação acerca de fatos referentes ao contexto da periferia;
- promover o desvelamento das intenções dos discursos evidenciados e/ou silenciados pelos jornais nas notícias analisadas.

Almejou-se, então, produzir e aplicar oficinas de leituras de notícias sobre o passinho do Recife para estudantes de uma turma de 6º ano. Com a finalidade de esclarecer melhor a proposta desta pesquisa, convém explicitar a estruturação do nosso trabalho.

Para fins didáticos, apresentamos uma seção com uma breve contextualização histórica sobre a notícia. Em seguida, abordamos algumas teorias e as práticas do jornalismo nas redações dos jornais. Respaldamo-nos nos estudos de Traquina (2005), Rossi (2007), Lage (2012), Pena (2017), dentre outros. Nesse sentido, interessou-nos atentar para os motivos que levam um tema ou assunto a ser escolhido para ocupar espaço numa publicação. Ainda, nessa direção, o que faz um fato ser omitido ou pouco evidenciado num jornal. Em seguida, fizemos um apanhado sobre as concepções teóricas que abarcam a prática da leitura em sala de aula e como os propósitos dos docentes podem direcionar o trabalho que é feito na escola em relação ao gênero notícia. Trabalhamos com alguns conceitos e discussões propostas por Bakhtin (1997), Kleiman e Moraes (2002), Bazerman (2006), Riolfi (2008) e Koch e Elias (2010). Fechamos a seção

com a apresentação dos documentos oficiais que norteiam o ensino fundamental. Coube-nos, neste caso, analisar a importância de refletir sobre as diretrizes de ensino de leitura nas aulas de Português, considerando as constantes mudanças pelas quais passa a sociedade. Para isso, fundamentamos nossa discussão por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), da Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Fundamentos Teóricos – Metodológicos (2014), da Base Nacional Comum Curricular (2017) e Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental, Área de Linguagens (2019).

Na seção seguinte, versamos sobre o enquadre teórico que encaminha a nossa pesquisa, a Análise Crítica do Discurso (ACD). Baseamo-nos em Fairclough (2001), Wodak (2004) e van Dijk (2015, 2017). Começamos a seção com a contextualização histórica sobre a referida perspectiva teórica. O tópico seguinte versou sobre a característica de trabalho das pesquisas em ACD e a contribuição dos autores que encorpam a nossa investigação. Tratamos, depois, sobre a abordagem de notícias dos jornais sob a perspectiva do controle das mentes dos leitores em detrimento de interesses ideológicos dos grupos midiáticos. Nesse sentido, discorreremos acerca do jogo de interesses subjacentes à produção e veiculação dos periódicos. No tópico seguinte, abordamos a relação do poder com o discurso. Nessa perspectiva, “quem diz”, “como diz”, “como” e “para quem” são alguns caminhos para entender as intenções e escolhas que perpassam o uso de determinadas estruturas linguísticas em detrimento de outras e a abordagem de determinadas temáticas.

Na seção dos procedimentos metodológicos, apresentamos o percurso do nosso trabalho. Organizamos a metodologia por meio da descrição do contexto da pesquisa, dos sujeitos participantes, como se deu a constituição do *corpus* e os procedimentos adotados para a etapa de intervenção.

Na seção de análise, discorreremos sobre as atividades realizadas, assim como os resultados obtidos por meio dos questionários aplicados nas oficinas de leituras. Apresentamos um apanhado sobre as respostas da turma para cada item analisado e, respectivamente, a relação com as abordagens teóricas preconizadas nesta pesquisa.

Nas considerações finais, foi desenvolvida uma síntese dos aspectos expressivos da pesquisa, bem como os resultados constatados pelas análises realizadas.

Buscou-se, portanto, com a proposta de leitura de textos jornalísticos realizada, levar o estudante do 6º ano a desvelar as questões ideológicas presentes no discurso da mídia.

## 2 DE OLHO NA NOTÍCIA

Nesta seção, apresentaremos um breve histórico sobre o surgimento da imprensa. Embora os primeiros registros da notícia resgatem o contexto das relações comerciais e religiosas, a imprensa firmou-se ao longo dos séculos, reverberando sobre os aspectos mais diversos da vida das pessoas, da economia, da política etc. No mesmo tópico, discutiremos sobre os critérios de escolhas na veiculação das notícias nas redações de jornais dos dias de hoje. Nesse sentido, convém refletir sobre as motivações e interesses que direcionam essas escolhas. Em seguida, abordaremos as perspectivas teóricas da linguística no que diz respeito à leitura no âmbito da sala de aula. Dessa forma, a compreensão do texto envolve etapas de processamento de informações sobre o mundo e experiências do leitor. Versaremos, também, nesta seção, a respeito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), da Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Fundamentos Teóricos – Metodológicos (2014), da Base Nacional Comum Curricular (2017) e Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental, Área de Linguagens (2019), a fim de relacionar as perspectivas fundamentadas nos documentos oficiais sobre o ensino de leitura com a nossa proposta de trabalho sobre os textos jornalísticos.

### 2.1 REDAÇÕES DE JORNAIS E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

O surgimento da imprensa remonta ao século XVII, então, sob a ascensão da burguesia. Assim, segundo Lage (2012, p.10), a produção e circulação de notícias dessa época davam conta das transações mercantis, catástrofes e expansão da economia. Em contraposição aos palácios, a burguesia usava os jornais na sua luta por outras conquistas. Nesse contexto, a Igreja e o Estado tentaram impedir os impressos através do índice e da censura. Os aristocratas da época, mais tarde, lançaram seus próprios periódicos. A interminável disputa pelo poder e pelo controle das informações no exercício dessa atividade, como vemos, vem de séculos.

A derrubada da censura, que acontece na última metade do século XIX, na maior parte da Europa Ocidental decorre de três motivos. Como destaca Lage (2012, p.11), o surgimento de um mercado para os jornais, já que o número de leitores crescia exponencialmente; a aparição de máquinas diminuía o custo da produção do periódico impresso e a publicidade, que passava a custear a produção.

Quando pensamos na produção jornalística dos dias de hoje, habitualmente associamos essa produção à rotina dos grandes jornais. E, nesse sentido, a matéria-prima vem a ser a notícia.

Embora as publicações impressas tenham diminuído nas últimas décadas, é inegável reconhecer a legitimidade da voz do jornal na vida cotidiana. A esse respeito, convém refletir sobre o percurso que leva uma notícia a ser discutida numa redação de uma empresa de comunicação até chegar a ocupar espaço nos periódicos (sejam impressos ou na versão *on-line*).

Conforme Cotta (2005, p. 32): “notícia é uma informação de impacto sobre fato, declaração ou acontecimento impactante, de interesse ou que desperta a curiosidade do maior número possível de pessoas”. Para ele, um conteúdo precisa ter relevo, abrangência e aguçar o interesse das pessoas para merecer ser publicado. Dessa forma, entender as razões que levam um determinado fato a ganhar relevo nas páginas de um jornal pode suscitar algumas reflexões.

Nesse viés, é fundamental considerar as condições e o contexto de produção e de circulação de uma publicação. Traquina (2005, p. 63) ressalta que “a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham.” Assim, é imprescindível considerar que valores-notícia respaldam a estruturação de um jornal impresso e/ou *on-line*. Dessa maneira, as notícias são veiculadas nos jornais em consonância com o interesse que poderá causar diante do público. Esses critérios vão desde proximidade, notoriedade, relevância, notabilidade, conflito, escândalo, novidade etc. Como assinala o autor:

Os acontecimentos são retratados em termos de personalidades-chave envolvidas naquilo que transpirou. Enquanto as notícias são acerca da vida organizacional, as organizações são personificadas pelos atores significativos envolvidos. O fato de uma figura pública estar envolvida pode ser um fator decisivo para julgar algo noticiável. Por exemplo, na cobertura de um crime, os incidentes envolvendo uma figura proeminente estão mais aptos a serem noticiados.” (TRAQUINA, 2005, p. 74).

A partir disso, um fato de grande repercussão envolvendo um político, um crime protagonizado por uma personalidade pública ou uma catástrofe natural em nível local ou nacional, por exemplo, atendem a interesses maiores, pois atinge um número grande de interessados em saber da notícia. Em linhas gerais, o bom senso, a experiência e o olhar profissional do jornalista devem (deveriam) orientar a escolha de notícias que alcançarão o leitor da publicação. Cabe frisar, porém, que não se trata de fatores objetivos e claros. Temáticas que perpassam sobre direitos das mulheres, visibilidade de grupos marginalizados e políticas ambientais, por exemplo, ganham mais destaque nos jornais de hoje que há algumas décadas.

Embora se ressalte, muitas vezes, a importância da objetividade na prática jornalística, há muitos questionamentos a respeito de o repórter relatar um fato com total isenção ou

imprimir o seu olhar pessoal na abordagem. Como defende Rossi (2007, p.10), “é realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos...”. Por meio desse enfoque, cabe-nos, suscitar reflexões permanentes sobre a presença da subjetividade nos textos jornalísticos lidos e debatidos no âmbito da sala de aula, sobretudo quando dessa subjetividade originar, eventualmente, desigualdades, estereótipos e preconceitos.

Ainda, a compreensão sobre o que é publicado poderá mobilizar vários critérios de noticiabilidade o tempo todo. O motivo de algum fato ser timidamente veiculado ou simplesmente omitido pelo jornal também contribui diariamente para provocar a reflexão sobre tantos outros fatores relativos ao espaço de uma notícia dentro de um jornal. Como assinala Kunczik (2001, p. 240): “Algumas notícias se convertem em matérias curtas, outras se tornam matérias longas, o que nos permite determinar a proeminência jornalística de uma matéria de acordo com sua localização, títulos ou comprimento”. Assim, quando discutimos sobre os critérios de noticiabilidade nas redações jornalísticas consideramos, também, os caminhos editoriais para se contar um fato.

A utilização de algum termo específico, o destaque no título, o número de linhas da matéria, o uso de uma foto/imagem para ilustrar uma matéria, por exemplo, passam por critérios lúcidos de escolhas nas redações dos jornais. Essas opções podem contribuir para despertar insatisfação ou descrédito por parte do público leitor em relação ao jornal, como pode respaldar a credibilidade e a confiança sobre o periódico.

Nesse sentido, uma empresa jornalística mais tradicional *versus* outra menos tradicional pode adotar abordagens diferentes para uma mesma notícia. Será que o **jornal “A”** aborda/denuncia a recorrência de assaltos e roubos em um bairro nobre da mesma forma quando eventos ocorrem na periferia? **O jornal “B”** veicula uma apresentação cultural com moradores de comunidades da mesma forma de uma atração conhecida e famosa? **O jornal “C”** dá voz às manifestações de grupos populares ou sobre o suposto caos que os atos impactam na fluidez do trânsito da cidade?

Vale salientar, também, a importância da observação de forma crítica e reflexiva sobre a narrativa dos jornais, sobretudo no que diz respeito à manutenção de certos preconceitos. De acordo com Pena (2017):

A imprensa produz estereótipos tão estapafúrdios quanto consolidados. Quantas vezes você já viu reportagens sobre o ladrão romântico, o herói humilde, o velho de espírito jovem, a vítima da sociedade, a mulher comandante etc., etc., etc. No Brasil, temos o

retirante do Nordeste, o gaúcho macho, o mineiro calado e o carioca esperto. (PENA, 2017, p.95).

A partir disso, é pertinente frisar a importância de se repensar esses rótulos sobre determinados grupos sociais nas matérias veiculadas pelos jornais impressos e pelos portais informativos. Esses preconceitos são corroborados principalmente quando alguns estigmas são repetidos em muitas publicações, porém sem serem questionados pelos leitores em geral, pelos próprios jornalistas que a escreveram e pelas pessoas discriminadas.

Ainda, de acordo com o autor, “revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.” (p. 71). Dessa maneira, cabe considerar que o percurso na escolha da veiculação do que será ou não noticiado envolve etapas que passam por quem escreve, quem edita, quem manda no jornal, quem lê, quem é mostrado, quem é omitido etc.

Arelada a essas reflexões sobre os critérios e as práticas jornalísticas, a perspectiva defendida pela Análise Crítica do Discurso atenta para o olhar do leitor diante das abordagens da mídia. Como assinala van Dijk (2015, p.174) “as práticas de coleta de notícias, bem como os padrões de citação, também mostram que as minorias e suas instituições têm literalmente pouco a dizer na imprensa.”

Cabe, então, promover a observação atenta no percurso da leitura, a fim de deslindar as questões ideológicas (intencionais) presentes no texto jornalístico, no contexto escolar, com o intuito de levar os estudantes a compreenderem a sociedade na qual eles estão inseridos, como veremos no próximo tópico.

## 2.2 LEITURA EM SALA DE AULA E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Quando se discute sobre leitura, sobretudo na escola, é imprescindível deixar claro que os objetivos e as abordagens dessa prática estão diretamente relacionados às concepções de língua a ela subjacentes. Nossa pesquisa fundamenta-se na concepção interacional (dialógica) da língua. Sobre essa concepção, Koch e Elias (2010, p.11) defendem:

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Dessa forma, o percurso de leitura pressupõe a atuação do leitor na descoberta do que há de implícito nos textos. Por meio do contexto sociocognitivo, o estudante mobiliza seu próprio arcabouço cultural e os conhecimentos linguísticos a respeito de temas/ assuntos abordados, a fim de construir sentido(s) para o texto lido.

No âmbito da nossa investigação, esse panorama de leitura está alinhado com o que propomos sobre o olhar crítico nos textos jornalísticos. É esperado que o estudante processe, discorde ou avalie sobre a informação apresentada a ele. A esse respeito, as autoras destacam que é necessário levar em conta a materialidade linguística do texto e os conhecimentos do leitor, como caminho para se estabelecer a interação.

O estudante, dessa forma, constrói um sentido para o texto que tem diante de si. Esse sentido é calcado na interação autor-texto-leitor, apreendida nessa perspectiva de leitura. Contudo, Koch e Elias (2010, p. 21) enfatizam que “é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui”.

Respaldamos a contribuição da concepção interacional (dialógica) da língua na esfera da nossa pesquisa, uma vez que contemplamos nas nossas oficinas de leituras as análises das estruturas linguísticas e das questões sociais nos textos jornalísticos. A nossa proposta, então, caminha no sentido de levar o estudante a ler e refletir sobre itens lexicais usados nos textos, assim como o contexto da temática tratada e a relação do assunto com as experiências vividas pelos estudantes.

Elucidamos, também, a importância da teoria de gêneros no percurso deste trabalho. A propósito desse conceito, Mikhail Bakhtin (1997, p.280) defende que a pluralidade de atividades humanas é manifestada por meio do uso da língua, em forma de enunciados (orais e escritos). O emprego da língua para os objetivos específicos numa esfera de comunicação é o que elabora os tipos relativamente estáveis de enunciados.

Para o autor, cada esfera das atividades humanas abarca um repertório de gêneros do discurso, que, por sua vez, amplia-se e diferencia-se à medida que a própria atividade humana vai se tornando mais complexa. Nesse prisma, ele defende que

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso e não só pelos gêneros secundários (literários, científicos, ideológicos), mas também pelos gêneros primários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica,

filosófica, etc.). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta em todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos, familiares, etc.) a aplicação de um novo procedimento na organização e na conclusão do todo verbal e uma modificação do lugar que será reservado ao ouvinte ou ao parceiro, etc., o que leva a uma maior ou menor reestruturação e renovação dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p.286).

A partir disso, legitimamos a perspectiva difundida pelo autor no sentido de que a produção discursiva, situada num contexto e num momento histórico definidos, está em constante renovação e reestruturação. Convém destacar que essas mudanças estão em consonância com os novos padrões culturais da sociedade, com a interação do leitor com as mídias eletrônicas, com a reflexão dos próprios meios de comunicação em relação à veiculação de determinados conteúdos etc.

Assim, interessa-nos entender a produção e a circulação do discurso midiático no tocante às intenções subjacentes a esses discursos. A leitura em sala de aula, nesse contexto, permite que o estudante não seja passivo e/ou apenas decodificador das informações dispostas na superfície do texto jornalístico.

A propósito da prática docente, convém enfatizar a compreensão de Bazerman (2006, p.30), que defende a atuação do professor para promover o dinamismo acerca do gênero trabalhado nas aulas. O autor respalda que essa prática pode ser realizada levando em conta a experiência anterior dos estudantes com os gêneros, em situações consideradas por ele interessantes ou tornando convidativa a experiência para a qual se deseja explorar.

Nessa perspectiva, o teórico elucida a importância de enfatizar as atividades em sala de aula por meio da participação do estudante e da atuação efetiva do professor. Nesse sentido, ele defende que

Em qualquer discurso de sala de aula, a vitalidade da produção genérica dos alunos dependerá da vitalidade que investimos em nossos comentários e nas tarefas que modelam e eliciam os enunciados dos alunos, bem como da contribuição do aluno para a tarefa. As questões que propomos nos trabalhos não apenas identificam o gênero solicitado, mas também propiciam ao aluno um ambiente de fala, um lugar para investirem sua energia e seu interesse. (BAZERMAN, 2006, p. 31).

Assim, a prática do professor na mediação do estudo da notícia pode considerar o caráter dinâmico, atual e dialético do estudo do gênero em sala de aula. Nessa direção, discussões sobre assuntos e temas que dialoguem com os problemas do bairro ou da comunidade contribuem para formação de estudantes críticos e questionadores, cientes de sua participação engajada na sociedade e conhecedores de seus direitos e deveres.

A efetividade da leitura faz sentido quando ela parte de um contexto da vivência do estudante. Nessa direção, Bazerman (2006, p.48) defende que “a leitura é mais imediata e profundamente interessante se os alunos veem uma conexão entre o texto e alguma tarefa em que estão engajados ou entre o texto e algum assunto sobre o qual estão pensando no momento.” Assim, a leitura da notícia na escola faz sentido quando acessa vivências, experiências, conflitos e anseios dos estudantes. Mais que isso, instiga, provoca e leva o aluno a se inserir no debate, na mesma proporção que o faz pensar em caminhos e soluções para os problemas suscitados no texto.

Enquanto eixo de ensino, contemplado nas atividades previstas para os anos finais nos documentos oficiais, a leitura cumpre seu papel quando promove a reflexão crítica sobre temas próximos da vida do estudante ao mesmo tempo que o convida para se envolver nas discussões propostas, sobretudo no que diz respeito aos textos jornalísticos.

Num panorama semelhante, convém considerar a necessidade de o aluno mobilizar conhecimentos anteriores que vão além das estruturas linguísticas do texto, a fim de compreendê-lo na sua amplitude, de forma crítica. Sobre essa questão, Kleiman e Moraes (2002, p.123) afirmam que

Toda leitura crítica, aquela que desmascara os valores, saberes e práticas que são reproduzidos no texto, principalmente naqueles dos meios de comunicação de massa, parte da recuperação do sentido pretendido pelo autor. A leitura crítica tem um potencial emancipador contra a fragmentação e alienação, mas o leitor crítico é, por definição, um leitor, nunca mero decifrador.

A partir disso, a leitura crítica de um texto jornalístico é possível por meio de reflexões, discussões e retomadas de outros assuntos que, automaticamente, venham a convergir com o que está sendo tratado na notícia. Para isso, é indispensável o papel da escola, das formações continuadas e da percepção do próprio professor na direção desse objetivo.

Sabemos que a educação pública, em muitas cidades, está imersa num panorama de percalços e limitações (que vão desde a precariedade de estrutura física das escolas à falta de investimentos na qualificação dos professores). Nesse contexto, é comum ainda hoje práticas escolares que partem da repetição de uma proposta de ensino de leitura calcada na localização de informações exatas no texto e de resposta única para questões subjetivas só servem para corroborar um modelo fadado ao fracasso. Como proposta didática, Kleiman e Moraes (2002, p. 129) defendem que o planejamento para as aulas de leitura deve impactar “1) na percepção

de elementos linguísticos significativos, com funções importantes no texto; 2) na ativação do conhecimento anterior; 3) na elaboração e verificação de hipóteses que permitam ao aluno perceber outros elementos, mais complexos.”

Essa proposta, no âmbito da nossa pesquisa, alinha-se com o que defendemos no tocante à concepção da escolarização da notícia nos anos finais. A leitura do texto jornalístico na sala de aula, dessa forma, perpassa pela observação sobre as estruturas linguísticas e contextuais, com o objetivo de que o aluno entenda as intenções da publicação (autor), a escolha do uso de determinados itens lexicais, a abordagem sobre o tema e, automaticamente, a relação dele com outras questões sociais.

Riolfi (2016), a esse respeito, afirma que o professor, muitas vezes, desconhece a necessidade de realizar esforços contínuos para ensinar o estudante a ler ou acredita que ele conseguirá por meio de textos desconexos sem objetivos definidos. Nessa perspectiva, a autora defende que: “devemos ensinar aos alunos que o sentido um texto transcende a soma de suas partes. Ler de modo rigoroso exige sucessivas operações de retroação.” (p. 51).

A partir disso, o olhar para o texto atende a um propósito efetivo de leitura quando o professor cria estratégias para que o estudante possa estabelecer retomadas, comparações e reflexões. Acreditamos, assim, que essa imersão no texto, a notícia, no nosso caso, cumpre seu sentido quando faz parte de um planejamento, construído de forma que o aluno possa recuperar pistas, entender as sutilezas e os elementos extratextuais. Nessa direção, a autora ressalta:

- O ato de ler é um exercício de desnaturalização das condições de produção que deram origem a determinado texto;
- A tarefa do leitor é estar atento a um amontoado de condições que tanto dizem respeito ao texto propriamente dito quanto ao modo como ele se coloca diante deste;
- A tarefa do professor implica delicadeza necessária para alterar o posicionamento de seus alunos com relação ao texto, ampliando seu repertório;
- O ato de ensinar a ler tem como propósito ajudar o aluno a compreender que a leitura em si é um tipo de pesquisa vista como questionamento e rearticulação da rede textual que nos cerca;
- A leitura é um ato político, marcado por uma preocupação efetiva de questionar, de afastar-se de um pré-entendimento;
- A experiência de quem lê corajosamente afeta o corpo a ponto de ser alterado pelo que está sendo lido; A ética do leitor consiste na disposição de apreender, compreender, formular hipóteses e coloca-las à prova. (RIOLFI, 2016, p.52).

Com base nessa assertiva, o nosso trabalho considera que as fases que envolvem a leitura em sala de aula perpassam pela mediação do professor, por meio dos subsídios oferecidos para que o aluno possa desvelar os sentidos do texto, assim como estratégias diversas que permitam ao leitor discutir, opinar e refletir sobre o conteúdo abordado. Cabe ressaltar que o estudante do

6º ano chega a essa etapa de ensino com maior acesso a diversos textos, seja pela facilidade de se ler pelo celular ou pelo *tablet* ou até mesmo pela pluralidade de gêneros com os quais os estudantes passam a ter contato na escola, como veremos adiante nas orientações que regem os documentos oficiais.

### 2.3 DOCUMENTOS OFICIAIS E ENSINO DA NOTÍCIA

A abordagem da notícia, gênero contemplado nos planos de ensino dos anos finais, prevê um ensino crítico e reflexivo em sala de aula. Nesse viés, a leitura de textos jornalísticos deve estar a serviço da formação de estudantes engajados e atentos aos discursos (re)produzidos pela mídia.

A esse respeito, a Política de Ensino do Recife (2014, p.24) orienta que “a escola não pode mais desconsiderar ou ignorar a presença da TV, do vídeo, do rádio, do jornal e da internet no cotidiano da (o) educanda (o)”. Dessa forma, é fundamental contemplar por meio do estudo da notícia as temáticas e questões trazidas pelos estudantes, por demandas do cotidiano escolar e/ou até por eventuais problemas da comunidade.

Apesar disso, muitas vezes, o ensino da notícia na escola pública é realizado por vários professores por meio de livros didáticos, da reprodução de apontamentos e de resumos na lousa sobre a estrutura do gênero. Embora a análise de livros didáticos não seja o nosso objetivo de pesquisa, a inquietação que nos motivou para realizar este trabalho parte também da constatação em nossa prática docente de que o ensino por meio de alguns livros didáticos, apenas, não dá conta do ensino do gênero notícia.

A título de exemplificação, citamos os volumes **Para viver juntos: português, 6º ano: anos finais** (2015) e **Universos: língua portuguesa, 6º ano: anos finais: ensino fundamental** (2015), ambos da editora SM e aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para o triênio 2017 – 2019. Estes livros foram adotados por algumas escolas da Rede Municipal do Recife, inclusive na que o professor pesquisador leciona.

As notícias apresentadas nestes volumes trazem os títulos **Animais órfãos adotam brinquedos para simular aconchego de mãe** (p.122) e **Tartaruga marinha ingere lixo e morre após ser resgatada pela polícia ambiental** (p.66), como vemos abaixo.

Figura 1 – Notícia no livro didático do volume Para viver juntos

**LEITURA 1**

**Notícia**

**O QUE VOCÊ VAI LER**

A notícia que você vai ler foi publicada no jornal on-line *A crítica*, em 2 de fevereiro de 2014. Esse veículo é voltado a leitores do estado do Amazonas.

O texto relata uma ação planejada por profissionais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), em Manaus (AM). Com base no título da notícia, crie hipóteses sobre o porquê dessa iniciativa. Depois, leia todo o texto.

**Animais órfãos adotam brinquedos para simular aconchego de mãe**

*Estratégia já era utilizada em outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro e profissionais do Ibama em Manaus aprovaram método. Segundo bióloga, pequenos se agarram ao objeto de maneira única*



A pequena preguiça agarrada a um boneco doado: ao se sentirem confiantes, eles vão deixando de ter contato direto com a pelúcia, assim como acontece com a mãe.

**Animais órfãos que são resgatados da natureza estão recebendo tratamento diferenciado para serem reintroduzidos com mais segurança na floresta. Um**

Fonte: Para viver juntos (2015, p.122)

Figura 2 – Notícia no livro didático do volume Universos

→ **Texto**

**É importante saber**

A notícia que você vai ler foi publicada em um jornal do Rio Grande Norte, mas poderia ter sido apresentada em um jornal que circula em todo o país, pois ela é de interesse geral.

Primeira página do jornal *Tribuna do Norte*.



**Tartaruga marinha ingere lixo e morre após ser resgatada pela polícia ambiental /**

Uma tartaruga marinha da espécie verde morreu na manhã de domingo (18) no Aquário Natal, localizado na Praia da Redinha, litoral norte do Estado. O animal chegou ao local durante a madrugada, levando por policiais ambientais de Mossoró. /



Fonte: Universos (2015, p.66)

Apesar da importância do debate e da reflexão em sala de aula sobre a temática ambiental, consideramos que o estudo de textos jornalísticos precisa levar em conta, também, o caráter novo, factual e de proximidade em relação à realidade da turma.

Nesse aspecto, a maioria dos estudantes da etapa do Ensino Fundamental – Anos Finais já chega nesta fase escolar imersa em discussões oriundas das redes sociais e de outras mídias, em outras linguagens, outros questionamentos sociais etc. Assim, a Política de Rede do Recife (2014, p.125) elucida

Não se pode negar a influência das mídias na adoção de modelos comportamentais pelas (os) estudantes ou adotar uma postura ingênua acerca desse fenômeno midiático. Cabe à escola, enquanto instituição formadora e as/os professoras/es, enquanto agentes de transformação procurar compreender a natureza desses fenômenos e integrá-los ao currículo formal ou informalmente.

Convém, então, contemplar no estudo da notícia um olhar para o texto dos jornais e dos portais informativos, assim como suscitar reflexão sobre as discussões presentes nas redes

sociais e nos espaços físicos de interação dos estudantes. Contudo, não se trata de uma perspectiva de oposição ao trabalho com o livro didático, fichas de aulas ou esquemas de apontamentos na lousa. Estes recursos podem ser complementados com discussões sobre temas originados de outras fontes, leituras de notícias de sites ou oficinas comparativas sobre assuntos do noticiário local, como propomos na nossa intervenção.

De forma análoga, o Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental, Área de Linguagens (2019) defende

(...) os usos e as necessidades com a linguagem não ocorrem da mesma forma em todos os tempos e espaços nem com as mesmas conexões e adaptações em razão, inclusive, da pluralidade cultural e da diversidade de condições de ordem tecnológica. Nessa direção, com as atividades sociais se diversificando e se transformando, novos contextos são criados, novos gêneros textuais surgem ou são modificados a fim de que novas exigências sejam atendidas. (PERNAMBUCO, 2019, p.76).

O documento oficial que norteia a prática do professor, neste caso, aponta para o caráter flexível e dinâmico da sociedade. Sobretudo no que tange às relações do indivíduo com a tecnologia, com a diversidade e, de forma mais ampla, com as constantes mudanças pelas quais vem passando a humanidade.

Acreditamos, então, que os estudantes precisam compreender e refletir sobre diversas temáticas, principalmente as que estão relacionadas ao aspecto social no qual eles estão inseridos. A leitura de textos jornalísticos, no nosso contexto de pesquisa, pode servir para entender os processos de segregação, marginalização e desigualdade no discurso da mídia. Na mesma direção, é possível observar quando as abordagens dos jornais apontam para a visibilidade (positiva) dos movimentos culturais da periferia, para a necessidade de combater o preconceito diário etc.

Numa perspectiva de amplo alcance, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de Língua Portuguesa, na etapa dos Anos Finais do Ensino Fundamental, elucida que o estudante assume maior protagonismo nas práticas de linguagens no espaço escolar e também fora dele. Dessa forma, o aprofundamento dos gêneros que circulam na esfera pública, no campo jornalístico-midiático, deveria levar em conta a interação que já existe por parte dos estudantes diante das redes sociais, *sites*, portais, assim como a utilização de equipamentos eletrônicos para se comunicar, a exemplo dos celulares e dos *tablets*.

Assim, partindo da premissa de que os estudantes desenvolvem diversas atividades comunicativas durante a vida escolar, sobretudo a partir do Ensino Fundamental – Anos Finais,

a reflexão e o debate sobre o gênero notícia em sala de aula podem considerar o contexto de produção dos textos jornalísticos. Nesse sentido, as temáticas próximas ao contexto dos alunos, despontam como caminho para discussão sobre assuntos sociais negligenciados pelo poder público, inclusive questões referentes ao uso do espaço público, ao respeito, ao combate ao preconceito etc. Nessa perspectiva, o documento diz

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de fake news, da manipulação de fatos e opiniões têm destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria. A proliferação do discurso de ódio também é tematizada em todos os anos e habilidades relativas ao trato e respeito com o diferente e com a participação ética e respeitosa em discussões e debates de ideias são consideradas. (BRASIL, p.134).

Nesse sentido, pressupõe-se que as práticas de linguagem estejam a serviço da formação do estudante na sua relação com a sociedade. A pluralidade de textos trabalhados na escola pode contribuir, ao longo do percurso acadêmico do aluno, na sedimentação de um perfil crítico, participativo e cidadão, embora muitas vezes o estudo da notícia seja apenas um artifício para se definir uma nota ou critério de aprovação escolar dos estudantes.

No tocante ao discurso jornalístico-midiático, A BNCC apresenta como referência nas habilidades específicas de leitura para o 6º ano:

(EF06LP01) Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos e identificar diferentes graus de parcialidade/ imparcialidade dados pelo recorte feito e pelos efeitos de sentido advindos de escolhas feitas pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos;

(EF67LP03) Comparar informações sobre um mesmo fato divulgadas em diferentes veículos e mídias, analisando e avaliando a confiabilidade;

(EF67LP06) Identificar os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, topicalização de elementos e seleção e hierarquização de informações, uso de 3ª pessoa etc.;

(EF67LP07) Identificar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e perceber seus efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p.60).

Reiteramos, desta forma, a relevância da abordagem do gênero que contempla as referidas habilidades. Nesse sentido, a reflexão sobre os posicionamentos dos jornais, a linha editorial dos veículos, a escolha de determinados termos (com intenções ideológicas

subjacentes) e as questões sociais presentes no texto fazem parte do processo de leitura que vai além de decodificar informações.

De igual maneira, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa orientam o trabalho de leitura com o foco na atuação do estudante a partir do que ele conhece e do que está sendo posto como conteúdo novo. Os PCN endossam que “não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência.” (BRASIL, 1998, p. 69).

O olhar do estudante para o texto está em consonância com a relação com autor. Nesse trajeto complexo, o leitor constrói sentido por meio do desvelamento dos implícitos e da conexão com os aspectos sociocognitivos que demandam dessa leitura. Nossa pesquisa, nesse enfoque, defende que o percurso da leitura contemple as intenções do autor, as escolhas lexicais, as temáticas sociais abordadas direta e/ou indiretamente e a comparação com outros textos jornalísticos que versam sobre o mesmo assunto.

Conforme os PCN, “é nas práticas sociais, em situações linguisticamente significativas, que se dá a expansão da capacidade de uso da linguagem e a construção ativa de novas capacidades que possibilitam o domínio cada vez maior de diferentes padrões de fala e de escrita.” (BRASIL, 1998, p. 34).

Muitas discussões sobre temáticas sociais diversas chegam no espaço da sala de aula por motivo de força maior e, automaticamente, requerem do professor um olhar diferenciado até no planejamento das aulas. Dessa maneira, contemplar situações que envolvem a realidade dos educandos é contribuir para que eles se sintam incluídos na sociedade e para que possam pensar sobre soluções para os problemas que estão presentes na realidade cotidiana.

### 3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE AS NOTÍCIAS

Nesta seção, apresentaremos o enquadre da Análise Crítica do Discurso (ACD) sobre o qual se debruça a nossa pesquisa. Apontaremos, dessa forma, para a direção dos estudos alinhados com este aporte teórico. As investigações nessa seara associam as manifestações dos discursos nas relações sociais. Faremos um apanhado sobre as contribuições dos estudos realizados pelos autores Norman Fairclough (2001), Wodak (2004) e Teun A. van Dijk (2015, 2017). Na direção dos estudos realizados pelos autores, discutiremos sobre as relações de poder, ideologia, controle e manipulação das mentes por meio do discurso, conceitos comumente discutidos em ACD.

#### 3.1 ACD: ENQUADRE TEÓRICO E AUTORES

No percurso do nosso trabalho, apoiaremos-nos, sobretudo, nos estudos realizados por van Dijk (2015). Os estudos do pesquisador, que remontam à década de 1970, estão inseridas num contexto de ruptura com as análises fonológicas, morfológicas e com as estruturas sintáticas. Ou seja, o conceito de língua adotado nesse enquadre teórico passa a considerar a perspectiva interacionista, uma contraposição às ideias estruturalistas presentes nas pesquisas acadêmicas da época. A produção discursiva é entendida por meio dos elementos extralinguísticos e, respectivamente, o contexto sócio-histórico dos usuários da língua.

As investigações realizadas pelo autor estão centradas, em sua maior parte, na cobertura jornalística sobre eventos de repercussão internacional. De acordo com van Dijk (2015), a mídia jornalística escolhe quais atores serão representados na arena pública, o que será dito sobre eles e, em especial, como será dito. Convém salientar, ainda, o contexto de produção da notícia. Assim, segundo ele, a intertextualidade se manifesta por meio da escolha de fontes específicas para legitimar determinados discursos. O autor defende:

Essa intertextualidade nas notícias se manifesta em formas de citação e referências a outros discursos. Assim, não é surpreendente que os jornais tomam, em geral, textos-fontes da elite (branca) (por exemplo, do governo, dos estudiosos ou da polícia) como mais críveis e de mais valor que textos fontes de membros de grupos minoritários. De fato, os grupos minoritários têm pouco acesso direto à mídia. Se forem citados, eles são sempre acompanhados por declarações de membros majoritários críveis (p.148).

Nesse sentido, é preciso considerar que a produção da notícia está associada a um/uma jornalista, numa condição social privilegiada e representante de uma editoria do jornal

(empresa). O percurso da análise dos textos jornalísticos, na perspectiva defendida pelo autor, visa descortinar racismo, preconceitos étnicos, interesses políticos ou estruturas de dominação presentes no discurso utilizado pelo veículo de comunicação.

Enfatizamos que as nossas análises de pesquisa estão centradas nas categorias macroestruturas e microestruturas, fundamentadas no enquadre teórico defendido por van Dijk (2015). A esse respeito, ele enfatiza que “o uso da linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao micronível da ordem social. O poder, a dominação e a desigualdade entre grupos sociais são tipicamente termos que pertencem a um macronível de análise” (p.116). Assim, para o nível das microestruturas, observaremos os títulos e subtítulos dos textos jornalísticos; para as macroestruturas, refletiremos sobre as questões sociais que perpassam na temática do bregafunk nos mesmos textos.

No que diz respeito ao alcance das pesquisas propostas pelo autor nesse sentido, Oliveira (2013, p.314) elucida:

Ora, se o discurso não é um objeto autônomo, então não é suficiente analisá-lo apenas no nível linguístico, ao qual van Dijk se refere como micronível da escrita e da fala. A análise de entonações, palavras, estruturas sintáticas e gêneros textuais escolhidos pelos usuários da língua é, sim, muito importante. Entretanto, a análise dessas estruturas discursivas não basta. Afinal, se o discurso resulta de uma interação social, histórica, cultural e politicamente situada, é necessário analisarem-se também as relações que as categorias do micronível estabelecem com as categorias daquilo que van Dijk chama de macronível social ou estruturas sociais.

A partir disso, nossas análises de pesquisa enfatizarão os títulos e subtítulos dos textos jornalísticos, com o foco na reflexão sobre as intenções nas escolhas editoriais, ou seja, proporemos questões sobre a adequação (ou não) das estruturas linguísticas nos títulos e subtítulos, assim como lançaremos reflexão sobre o sentido positivo ou negativo no uso de um título em linguagem informal (gírias) na notícia. Para a leitura de jornais pernambucanos, nossa proposta é observar a adequação das categorias analisadas em três jornais que versam sobre a mesma temática, o bregafunk. Dessa forma, as palavras nos textos jornalísticos são analisadas em função das questões sociais que significam os discursos e as intenções da mídia, neste caso.

Para analisar a categoria das macroestruturas, lançaremos questões sobre a situação tratada na primeira notícia, a fim de levar o estudante a refletir sobre o contexto abordado no texto. Além disso, para a mesma categoria, discutiremos sobre o ponto de vista da autora. Dessa forma, cabe sugerir ao aluno que reflita sobre os indícios no texto que revelam a visão do jornalista sobre a notícia. E, para concluir, sugeriremos aos estudantes que apontem a

informação principal apresentada nos textos jornalísticos de Pernambuco, a fim de estabelecer comparativo nas abordagens e no tratamento dado pelos periódicos ao falar sobre as questões sociais relativas ao tema do bregafunk.

Num enfoque semelhante da ACD, Norman Fairclough (2001) concebe a análise do discurso na estruturação de um modelo tridimensional, por meio do qual as relações dialéticas entre discurso e práticas sociais, o grau de conscientização (ou a ausência dela) e a função do discurso nas mudanças sociais são eixos fundamentais para a compreensão da circulação de determinados discursos. O autor elucida o caráter social e de mudança em grupo que a linguagem realiza, através dos discursos:

O discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistema de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante. Os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social particular ou o quadro institucional em que são gerados. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo. (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

A partir disso, a ideia de mudança social discutida por ele transita sobre a moldagem que o discurso estabelece na assimetria entre as relações. Ou seja, alguns discursos legitimados por determinadas instituições, na verdade, enquanto criam a ideia de igualdade para senso comum, servem para garantir a manutenção do poder e dos privilégios de uns em detrimento de outros. A esse respeito, Oliveira e Carvalho (2013, p.290) afirmam: “as elites que controlam o acesso ao discurso público, podem influenciar fortemente a construção de crenças e valores de uma sociedade”.

Dessa maneira, o enquadre teórico da ACD permite ao investigador a possibilidade de analisar o contexto de produção das notícias, ou seja, as intenções do jornal, as questões ideológicas por trás dos discursos, a abordagem sobre a temática observada etc. Ainda, consideramos a relevância de promover reflexão sobre o contexto social do jornalista, do editor, o posicionamento político do jornal, as escolhas de termos nos títulos das notícias, a escolha de determinadas fontes em detrimento de outras no corpo do texto etc.

Conforme Vieira e Resende (2016, p.77), a perspectiva teórica da ACD “ocupa-se de efeitos ideológicos que sentidos de textos, como instâncias de discurso, possam ter sobre relações sociais, ações, interações, pessoas e mundo material.” Esse foco interpretativo caminha no sentido de dar subsídios para se estudar o papel do discurso na manutenção ou superação de exploração, opressão, segregação na sociedade.

Numa direção análoga, Ruth Wodak (2004) defende que as diferenças discursivas são negociadas nos textos e, dessa forma, os textos são espaços de luta, já que eles abarcam traços de diversos discursos e ideologias em disputa pelo controle. A esse respeito, a autora destaca:

Uma característica marcante da ACD é sua preocupação com o poder como condição central da vida social, e seus esforços para desenvolver uma teoria linguística que incorpore essa visão como uma de suas premissas fundamentais. A ACD volta-se não só para a noção das lutas pelo poder e pelo controle, mas também para a intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si. (WODAK, 2004, p. 237).

Nesse viés, situamos o nosso trabalho no intuito de, por meio de textos jornalísticos, deslindar as questões ideológicas, a manifestação do poder que, muitas vezes, cerceia os direitos coletivos ao mesmo tempo que promove (mantém) os interesses de grupos privilegiados etc. A referência a outras fontes, discursos e citações são presentes no texto jornalístico e, por isso, podemos conferir os desdobramentos da noção de poder na sociedade quando nos perguntamos: “Quem diz?”, “O quê?”, “Para quem?”, “Por quê?” e, principalmente, “Como?”

Para analisar o texto jornalístico, faz-se indispensável elucidar como as construções discursivas são reforçadas por meio do discurso. Segundo Resende e Ramalho (2016, p.45):

Os sentidos a serviço da dominação podem estar presentes nas formas simbólicas próprias da atividade social particular ou podem se fazer presentes nas autoconstruções reflexivas, caso a ideologia seja internalizada e naturalizada pelas pessoas. No entanto, a busca pela autoidentidade, que deve ser criada e sustentada rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo, também pode sinalizar possibilidade de mudança social.

Portanto, várias práticas discursivas são naturalizadas pelos falantes, ainda que, muitas vezes, estes sofram a ação de discursos opressores e excludentes. Assim, os estudos da ACD norteiam o debate acerca da produção e da circulação do discurso jornalístico, sobretudo para elucidar quando determinadas formações discursivas promovem o reforço de estigmas, marginalização, segregação social etc.

A propósito da veiculação de determinados discursos por parte da imprensa é fundamental destacar que ocorreram várias mudanças, principalmente no sentido de se dar voz a grupos socialmente excluídos e minorias. Esse panorama deve-se principalmente à atuação de grupos de discussão, estudos acadêmicos e militância de várias frentes em prol da equidade étnica e de gênero.

Mas é inegável afirmar que, ainda assim, a reflexão e análise do texto jornalístico em sala de aula devem ser permanentes e sistemáticas, já que esses textos reproduzem e fomentam discursos no âmbito da sociedade. Nesse sentido, muitas manifestações de preconceito, de estigmatização e de segregação de determinados grupos sociais reverberam, de alguma forma, em muitos textos nos jornais. Dessa forma, entender a produção da notícia jornalística é entender a sociedade. Nesse viés, van Dijk (2015, p.138) afirma:

(...) o objetivo da análise das estruturas discursivas é não apenas examinar as características detalhadas de um tipo de prática social discriminatória, mas também, em especial, obter uma compreensão mais profunda do modo como os discursos expressam e manejam nossas mentes. É especialmente essa interface discurso-cognição que explica como as ideologias e preconceitos étnicos são expressos, transmitidos, compartilhados e reproduzidos na sociedade.

O olhar crítico sobre os jornais, para efeitos da nossa pesquisa, é uma forma de compreensão da sociedade. Nesse sentido, por meio da leitura do contexto que envolve a estrutura da notícia é que entendemos como a produção e a circulação do discurso podem estar a serviço da promoção da inclusão, da marginalização, da reprodução do preconceito, do respeito etc. Os aspectos ideológicos que perpassam no processo da produção e circulação da notícia estão diretamente relacionados com o poder de influência das mentes das pessoas, como veremos no próximo tópico.

### 3.2 O CONTROLE DAS MENTES EM FUNÇÃO DE INTERESSES IDEOLÓGICOS

Em pesquisas e trabalhos sobre os discursos dos jornais, no enquadre da ACD, é fundamental compreender a relação de controle das mentes dos leitores. Dessa forma, as empresas (através de jornalista, publicitário ou editor) estabelecem maneiras de difundir ideologias a fim de legitimarem determinados discursos, ainda que se respalde o conceito de imparcialidade e de objetividade técnica na produção jornalística. Como afirma Cotta (2005), no nível da técnica jornalística o profissional de mídia escolhe temas, abordagens e falas dos entrevistados, embora essas decisões provenham mais do critério do jornalista que da indução dos acontecimentos.

Cotta (2005, p.117) postula que “na verdade, hoje, fica até mais difícil identificar o que é fato, ocorrência natural ou, na verdade, fruto e produto de marketing. Além disso, as empresas jornalísticas, no mundo globalizado, são cada vez mais empresas e cada vez menos

jornalísticas.” Convém, dessa forma, atentarmos para o fato de o controle cognitivo (sob os leitores) se materializar através de escolhas que se apresentam dispostas nos jornais, muitas vezes, sem o leitor perceber as reais intenções nelas.

Nesse contexto, eventuais manipulações editoriais, opções por enquadres/ ângulos sobre um determinado tema e influência comercial nos textos jornalísticos dos grandes veículos de comunicação, por exemplo, precisam ser observados e identificados pelos leitores, sobretudo pela proliferação de notícias falsas (*fake news*) nas redes sociais e nos aplicativos nos dias de hoje. Além disso, a grande mídia ainda é referência de legitimidade de notícias para o grande público.

Considerando as escolhas editoriais que se estabelecem na prática jornalística, van Dijk (2017) reitera que “a norma jornalística geral é contar apenas aquilo que é considerado digno de ser noticiado de acordo com as normas e os valores dos jornalistas, eles próprios controlados por ideologias sociais e profissionais”. (p.151).

Conforme Vieira e Resende (2016, p.27), Thompson (2002), na obra **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**, diz que ideologia é um instrumento semiótico de lutas de poder, através da qual se busca a hegemonia pela difusão da representação de mundo de um grupo como a única e possível.

Nessa direção, van Dijk (2015, p.46) afirma: “a influência decisiva sobre a “mente” das pessoas dá-se por meio de um controle antes simbólico que econômico”. O autor destaca que a influência das “elites simbólicas” na supremacia de escolhas sociais – a voz dos jornalistas –, neste caso, é exercida através da seleção do que vai e como vai ser noticiado, qual o espaço dado pela publicação etc.

A propósito de ideologia, o nosso trajeto de pesquisa priorizará o embasamento teórico adotado por van Dijk (2015). Sobre esse conceito, o autor define que “uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos sociais.” (p.48). Dessa forma, ideologia é entendida como forma de cognição social, que, por sua vez, tem relação com discurso e sociedade. Ou seja, para membros de formações ou instituições sociais esse percurso cognitivo atua na ideologia, que atua nas atitudes sociais, e, concomitantemente, nas práticas sociais.

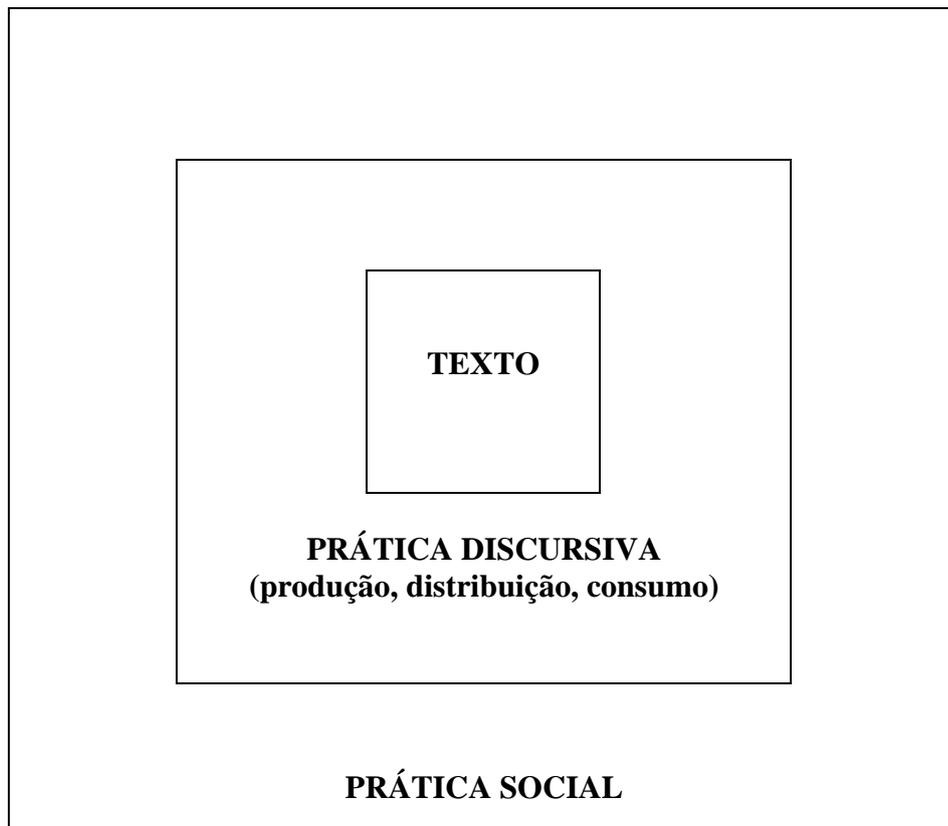
Num enquadre semelhante, Fairclough (2001, p.116) defende que suas bases teóricas a respeito de ideologia são calcadas em três eixos: na existência material presentes nas práticas das instituições que propiciam a legitimam analisar as práticas discursivas como formas

materiais de ideologia; na afirmação de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’ e na defesa de que os ‘aparelhos ideológicos do estado’ são marcos que delimitam as lutas de classes, que se concretizam no discurso. Nessa direção, ele afirma:

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.117).

Convém ressaltar que esse entendimento relaciona o texto como manifestação linguística da prática discursiva, que, respectivamente, é uma forma de prática social. Essa concepção tridimensional do discurso é definida por Fairclough através do modelo abaixo:

Figura 3 – Modelo tridimensional de Fairclough



Fonte: Fairclough (2001, p.101)

A partir disso, o enquadre proposto pelo autor considera as dimensões: 1) textual; 2) das práticas sociais com as estruturas sociais e 3) da compreensão das pessoas e sobre o que elas partilham, ou seja, o nível interpretativo. A propósito do modelo tridimensional de Fairclough, Oliveira e Carvalho (2013, p.292) elucidam que “o texto é a manifestação linguística da prática discursiva, que, por sua vez, é uma forma de prática social.”

Com base nessa conceituação, cabe-nos refletir sobre a dimensão ideológica nos textos jornalísticos. A nossa pesquisa está voltada para a leitura crítica sobre as publicações a dos jornais respeito da mesma temática social. Além de buscar deslindar a reprodução de determinados discursos, essa abordagem de análise nos permite investigar a função das escolhas lexicais com o sentido de respaldar ou propor novos significados a respeito das informações veiculadas. Nesse caso, as escolhas dos títulos e subtítulos, das vozes em discurso direto, das sequências expositivas etc. apontam indícios sobre as ideologias que permeiam os textos.

A esse respeito, porém, convém ressaltar que o poder efetuado pelos meios de comunicação sobre a mente das pessoas é, quase sempre, despercebido por grande parte dos próprios leitores. Contudo, como defendem Resende e Ramalho (2016, p.49):

A focalização da ideologia centrada apenas sobre os eventos discursivos, embora apresente a vantagem de representar a ideologia como processo que transcorre no interior dos eventos, iluminando a possibilidade de mudança social, também apresenta a desvantagem de sobrevalorização da liberdade de ação.

No bojo dessa questão, caberia refletir sobre a consciência do leitor em relação a determinadas estruturas linguísticas no corpo do texto de uma notícia, por exemplo. Embora seja imprescindível considerar a mudança de paradigmas e valores sociais ao longo do tempo e em relação a determinadas culturas, é fundamental frisar que a análise do discurso precisa ser simultaneamente orientada linguística e socialmente. Convém aqui ressaltar o papel do pesquisador ao assumir um engajamento com as questões sociais abordadas.

Sobre isso, as autoras defendem que “o julgamento de quanto uma representação é ideológica só pode ser feito por meio da análise de como as legitimações dessa representação contribuem na sustentação ou transformação de relações de dominação” (p.48). Ainda nesse viés, convém refletir sobre a abordagem de temas sociais nas publicações impressas. Se durante muito tempo era recorrente a manutenção de determinados preconceitos e estigmas nas abordagens de notícias sobre movimentos culturais da periferia, determinados estilos musicais

ou agrupamento de pessoas nos alguns espaços urbanos, atualmente essa discussão tem suscitado vários debates.

Ainda, a percepção que o leitor tem sobre determinadas ideologias que perpassam nos textos jornalísticos pode variar em maior ou menor grau de consciência. A título de exemplificação, poderíamos inserir esse conceito por meio da cobertura de um protesto por moradias populares. O enfoque da publicação pode ser construído no problema habitacional para as pessoas de menor poder aquisitivo ou sobre a retenção no trânsito da cidade causado pelas manifestações. No caso de ser a segunda opção, o nível de consciência de quem lê poderá servir para reiterar a preocupação com o engarrafamento e com eventuais casos de violência dos atos, ou esse mesmo leitor poderá identificar discordar da posição defendida pelo jornal, identificando outras questões, como a necessidade de políticas públicas e planos habitacionais para os participantes dos atos.

O debate sobre o acesso ao lazer, democratização dos espaços públicos, manifestações artísticas e políticas de inclusão da população oriunda da periferia têm perpassado pelas relações de dominação ideológica no discurso jornalístico. Temáticas sobre o feminicídio, a violência contra a população da periferia e, para efeito da nossa pesquisa, o movimento bregafunk no Recife. Cabe, assim, refletir sobre a perpetuação do poder e a relação de dominância por meio do discurso jornalístico, como discutiremos no próximo tópico.

### 3.3 PODER E DOMÍNIO NO DISCURSO DA MÍDIA

No enquadre da ACD, a noção de poder está intimamente relacionada à manifestação de ideologia, matizada, no caso dos textos jornalísticos, na linguagem. Conforme van Dijk (2015, p. 88), o conceito de poder está relacionado ao controle que um grupo (ou seus integrantes) exerce sobre as ações e/ou as mentes de um outro grupo. A dominância representa o abuso de poder social por meio do controle sobre os outros, promovendo desigualdades sociais. Assim, a escolha de determinadas estruturas linguísticas atua na reprodução da constante disputa de supremacia de determinados grupos, como vimos anteriormente.

Nessa direção, uma elite simbólica (empresários, políticos, mídia etc) detém o “poder” do discurso, com a finalidade de exercer domínio e controle sobre os grupos menos favorecidos. A esse respeito, Wodak (2014) elucida:

O poder envolve relações de diferença, particularmente os efeitos dessas diferenças nas estruturas sociais. A unidade permanente entre a linguagem e outras questões sociais garante que a linguagem esteja entrelaçada com o poder social de várias maneiras: a linguagem classifica o poder, expressa poder, e está presente onde há disputa e desafio ao poder. O poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo. A linguagem constitui um meio articulado com precisão para construir diferenças de poder nas estruturas sociais hierárquicas. Pouquíssimas estruturas linguísticas não foram colocadas, em algum momento, a serviço da expressão do poder através de um processo de metáfora sintática ou textual. (WODAK, p.237).

A partir disso, a compreensão sobre a hierarquia dos aspectos linguísticos é, sem dúvida, uma das etapas para entender a manifestação do poder. As estruturas dos jornais (os títulos e subtítulos, a escolha dos discursos diretos e indiretos, o uso de imagens etc.) revelam traços ideológicos e, sobretudo, reiteram descompasso sociais. A ideia de poder no contexto da circulação da notícia vai além do alcance, já que nem sempre as pessoas com menor poder aquisitivo têm acesso ao jornal impresso ou à leitura dos jornais na versão *on-line*.

Considerando que a mídia impressa goza de prestígio, legitimidade do discurso e controle da informação, é imprescindível atentar para o movimento de desafio do poder, sobretudo, quando o espaço do jornal é usado para fomentar debates e discussões que carregam no seu princípio as relações de desigualdade nas instâncias da sociedade. Assim, abordagens frequentemente estereotipadas rompem com a permanência desse poder quando apresentam direcionamentos que dão voz aos grupos excluídos comumente no discurso da mídia.

Nesse sentido, grupos geralmente descritos sob a perspectiva do caos, da desordem e da violência (para citar alguns exemplos nas coberturas de protestos e atos populares na maioria dos jornais impressos) podem ser visibilizados por meio do discurso. Podemos considerar que muitas mudanças nas escolhas editoriais são motivadas pela força de lutas, pressões e questionamentos sociais, que, respectivamente, impactam nos textos jornalísticos.

Convém ressaltar que o discurso do jornal impresso passa por uma maior etapa no processo de elaboração. A esse respeito, van Dijk (2015) endossa que o discurso escrito é controlado e planejado, o que implica no exercício do poder. A manutenção do poder, no caso dos grupos midiáticos, está a serviço da reprodução de determinados discursos e enquadramentos sobre a realidade que estampam os jornais. O recorte sobre o real segue a lógica empresarial, financeira, política etc.

A partir disso, o jornal pode omitir informações para proteger um político, utilizar-se de eufemismos para não evidenciar uma crise social, destacar caráter negativo de uma manifestação popular. Diferentemente dos textos falados, orais, o escrito tem como princípio

ser público. A propósito disso, van Dijk (2015) afirma que “esse caráter público pode implicar que, nos textos, haja a possibilidade de o poder ser exercido e formulado de maneiras mais indiretas, veladas e formalizadas, em especial, quando tal poder não é estabelecido legal ou organizacionalmente” (p.73).

O exercício do poder, no caso dos jornais, é institucionalizado. Cabe enfatizar que o texto passa por vários olhares até ocupar espaço numa publicação: do jornalista que escreve, ao editor, chegando aos donos dos jornais. No contexto dos grupos midiáticos, o poder e o domínio (hegemonia) sobre as pessoas estão diretamente interligados, uma vez que são exercidos por meio da ideologia.

Segundo Vieira e Resende (2016, p. 47), Chouliaraki e Fairclough (1999), no livro **Discourse in Late Modernity. Rethinking critical discourse analysis**, respaldam a relação do conceito de hegemonia com a ideologia na solidificação e na manutenção da dominação. Nessa direção, as autoras justificam que a permanência das articulações baseadas no poder se dá pelo fato de as hegemonias de dominação serem calcadas na relação de consentimento, na naturalização de práticas e relações sociais. Cabe, então, considerar o nível consciência do participante da interação (leitor, no nosso caso), para perceber como os discursos são legitimados nos textos jornalísticos e, dessa forma, promover questionamentos sobre eles.

A partir da problematização sobre determinadas convenções, legitimadas nos textos jornalísticos, nas conversas sociais ou nos discursos de políticos originam-se as contradições sobre a hegemonia dos discursos. Nesse enfoque, Fairclough (2001) atenta para a mudança social. Para ele, quando uma tendência particular de mudança discursiva se fortalece em uma nova convenção a percepção do leitor se altera. Assim, “o que é percebido pelos intérpretes, num primeiro momento, como textos estilisticamente contraditórios perde o efeito de ‘colcha de retalhos’, passando a ser considerado ‘inteiro’. (p.128).

A leitura crítica em sala de aula, nesse sentido, busca estabelecer o olhar mais amplo sobre as intenções e interesses apresentados nas estruturas linguísticas utilizadas nas notícias, a fim de identificar e promover as contradições nos discursos postos socialmente. Nesse sentido, a reflexão e a discussão sobre a abordagem dos jornais sobre as temáticas sociais, neste caso, podem funcionar para suscitar nos textos jornalísticos para instigar a mudança social ou para naturalizar uma nova hegemonia.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentaremos, nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa, realizada no 6º ano do ensino fundamental II, em uma escola pública municipal do Recife- PE, situada no bairro da Várzea, na Zona Oeste da cidade. Para tanto, nesta seção, descreveremos o tipo, o contexto e os sujeitos participantes da pesquisa; em seguida, detalharemos sobre a constituição do *corpus* e os procedimentos adotados na aplicação da proposta de intervenção didática por meio da oficina de leitura de notícias. Ainda, abordaremos como se deram as aulas durante as etapas da intervenção.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

O trabalho investigativo no viés do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) parte de questões vivenciadas e/ ou fomentadas pelos professores e professoras a partir de suas práticas de ensino. Nessa direção, buscamos refletir sobre a escolarização do gênero notícia e, respectivamente, propor intervenção por meio de oficinas de leituras de notícias (da revista Piauí, do Jornal do Commercio, da Folha de Pernambuco e do Diário de Pernambuco) sobre o bregafunk, com o foco no olhar crítico sobre as intenções das respectivas publicações. A pesquisa-ação contempla, desse modo, a nossa proposta de trabalho. A esse respeito, Paiva (2019, p. 73) defende que:

A pesquisa-ação em linguística aplicada é feita por um professor pesquisador ou por um pesquisador em colaboração com um ou mais professores, visando compreender ou melhorar um ambiente educacional. A pesquisa-ação é, por natureza, participativa, pois os pesquisados, em conjunto com o pesquisador, são os produtores diretos do conhecimento.

Dessa maneira, a reflexão sobre a nossa própria prática de ensino é o ponto de partida para o trabalho de investigação. A relação didática entre professor e estudante guia o direcionamento do trabalho, uma vez que o pesquisador conhece, em tese, o funcionamento de determinadas ações de ensino em sua sala de aula. A nossa proposta partiu, então, da possibilidade de mudanças nas práticas pedagógicas, como legitima o PROFLETRAS.

A pesquisa-ação, volta-se, geralmente, para um problema constante nas aulas de língua portuguesa. No nosso caso, acreditamos que a maneira tradicional como a escolarização do gênero notícia é realizada nas escolas públicas: por meio dos textos dos livros didáticos, da

leitura de notícias descontextualizadas e de apontamentos na lousa não é suficiente para que o estudante perceba e entenda o contexto social da notícia, a função de determinadas estruturas linguísticas (a serviço de interesses ideológicos específicos) e o reforço ou a superação de preconceitos no texto.

Por meio do enquadre teórico da ACD, buscamos elucidar as relações de poder, o silenciamento de vozes e a repetição de preconceitos e estereótipos presentes, muitas vezes, no discurso da mídia.

Nessa perspectiva, nosso estudo relaciona a leitura de notícias, gênero textual contemplado nas séries dos Anos Finais do Fundamental II com a discussão sobre escolhas das estruturas linguísticas, ponto de quem escreve o texto jornalístico, abordagens dos jornais etc., a fim de contribuirmos na formação de cidadãos críticos e engajados com o grupo no qual estão inseridos, com o bairro e com a cidade.

#### 4.2 O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Dr. Rodolfo Aureliano, localizada na Rua José Avelar, 221, no bairro da Várzea, Recife- PE. O espaço conta com 10 salas de aulas, biblioteca, sala de vídeo, sala dos professores, laboratório de ciências e pátio. A Unidade funciona com nove turmas no turno da manhã (5º a 7º anos), nove no da tarde (7º a 9º anos) e seis no da noite (Educação de Jovens e Adultos – EJA), totalizando uma média de 750 estudantes.

Os alunos matriculados são do bairro da Várzea, na sua maioria, mas também de outros bairros, como Engenho do Meio, Iputinga e Cordeiro. A escola realiza com frequência parcerias e projetos com vários órgãos e instituições, como a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e com o Instituto Ricardo Brennand (IRB).

Figura 4 – Fachada da escola



Fonte: Cristiane Cavalcanti (arquivo pessoal)

Além disso, a Várzea é conhecida pela movimentação cultural, artística e acadêmica; abriga uma praça, a Pinto Dâmaso, também conhecida pelo nome do próprio bairro, na qual são realizados diariamente jogos de futebol e de queimado na quadra, circuitos de exercícios funcionais com mobiliário fixo. Na praça da Várzea são frequentes as apresentações de hip hop, zumba e de passinho (bregafunk), sobretudo no turno da noite. As apresentações musicais de chorinho, forró e instrumental são rotineiras também nas ruas do entorno da praça, o que faz da Várzea um bairro predominantemente cultural.

O bairro também abriga feiras de alimentos orgânicos e de roupas, como a Sulanca, que acontece toda quinta-feira, na Avenida Afonso Olindense, próximo a Secretaria de Educação do Estado. No entorno, a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, a matriz da Várzea, mobiliza moradores em função das missas e atividades ligadas à igreja.

A Várzea também é conhecida pelas tradicionais festas juninas, pelas agremiações e blocos carnavalescos – o bairro tem um polo de eventos durante o Carnaval –, além de também ser lembrado pelos casarões históricos e pelos espaços arborizados.

Nesse sentido, é indispensável considerar o contexto artístico da comunidade na vida dos estudantes. A nossa proposta de pesquisa leva em conta essas vivências culturais para propor uma reflexão sobre as abordagens dos jornais sobre movimentos culturais como o bregafunk, jovens da periferia, acesso a lazer etc. Por meio da leitura crítica dos textos jornalísticos, acreditamos que seja possível contribuir para que os alunos possam compreender

as questões sociais que precisam ser debatidas e possam propor caminhos para combater as desigualdades sociais e o preconceito.

### 4.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes desta pesquisa são os estudantes matriculados no 6º ano C da Escola municipal Doutor Rodolfo Aureliano, na Várzea, Recife- PE, no ano letivo de 2019. A turma é formada por 27 alunos e funciona no turno da manhã.

Optamos por desenvolver nossa pesquisa numa turma de 6º ano devido ao fato de o estudante começar a ter maior contato, com outras leituras nessa fase escolar, com outros gêneros textuais e maior acesso a fontes de informações, sobretudo com avanço das novas tecnologias; além de o professor pesquisador lecionar na referida turma. Ainda, de acordo com o currículo para os anos finais o estudo do gênero notícia está previsto nos documentos oficiais.

A turma do 6º C, desde o início do ano, mostrou-se interessada em atividades de leituras, em equipes, de exposições de ideias e de opiniões. Para esta pesquisa, não participaram estudantes de outras séries/anos, desta ou de outras escolas e com idade inferior a 10 anos.

Os alunos, em sua maioria, são moradores do bairro da Várzea e adjacências, como Engenho do Meio, Iputinga e Cordeiro. Boa parte dos estudantes são advindos de famílias em condições financeiras desfavoráveis, cuja provedora financeira é apenas a mãe. Muitas famílias são beneficiárias de algum programa de transferência de renda e têm mais de um filho matriculado na mesma escola.

Embora alguns estudantes apresentem dificuldades de aprendizagem e/ou apatia diante das atividades propostas, a maioria do grupo-classe destaca-se pelo interesse e comprometimento com as atividades escolares.

Durante a realização das oficinas de leituras, alguns alunos faltaram aos encontros, seja por motivos de saúde ou pessoais. Dessa forma, para efeitos de análises das respostas dos questionários, compusemos o *corpus* da pesquisa com o número de participantes presentes no dia em que a atividade foi aplicada, totalizando até 19 participações.

### 4.4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS

O foco principal desta pesquisa foi desenvolver estratégias de abordagem do gênero notícia no 6º ano, propondo uma metodologia de leitura de jornais sobre os movimentos

culturais da periferia, especialmente o bregafunk, com o intuito de desvelar as questões ideológicas presentes no discurso da mídia.

Por meio de uma proposta de intervenção para o ensino de leitura, aplicamos oficinas de leituras de notícias, com o objetivo de constatar como a abordagem crítica pode contribuir na construção de leitores engajados com as questões sociais da comunidade e da cidade.

A escolha e o recorte do ritmo do passinho do Recife nos jornais se deram pela recorrência da execução do ritmo musical e pelos comentários feitos pelos próprios estudantes da escola, a propósito das apresentações de passinho nos bairros, além de que muitos dançarinos e dançarinas do passinho do Recife são conhecidos pelos alunos nas comunidades do Recife e nos programas de televisão locais.

Para efeitos de contextualização da temática bregafunk na nossa pesquisa, é pertinente lançar luz sobre um dos eventos propulsores da discussão acerca do uso do espaço público pelos jovens da periferia *versus* abordagens policiais durante as apresentações do passinho. O debate sobre oportunidades de lazer e de visibilidade de manifestações culturais da periferia, que é antigo, ganhou maior relevo após encontro realizado no Parque 13 de Maio, no Recife, em 05 de janeiro de 2019.

Na ocasião, após desentendimentos entre grupos que realizavam disputa de passinho, houve princípio de confusão. Um maior debate começou a tomar fôlego nas redes sociais depois que participantes do encontro musical começaram a questionar a abordagem policial diante dessas apresentações. Na semana seguinte ao evento, grupos locais convocaram pelo Facebook e pelo Instagram encontro de jovens para dançar o passinho, no Marco Zero, no centro do Recife.

Os jornais locais, fizeram reportagens sobre o evento, como também passaram a realizar cobertura sobre outros encontros de passinho, noticiaram as orientações do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) para se evitassem excessos por parte da Polícia no Carnaval de 2019 e até mesmo lançaram debates e discussões sobre estigma e preconceito em relação aos jovens dançarinos e dançarinas de passinho.

Nessa direção, compusemos plano de aulas para oficinas de leituras de notícias, composto por fichas de atividades com questões para reflexões sobre as estruturas linguísticas das notícias e sobre a temática do bregafunk. Para as leituras nas oficinas, selecionamos quatro notícias: uma da revista Piauí e mais três dos jornais pernambucanos Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco e Diário de Pernambuco, referentes ao primeiro semestre de 2019, as quais abordaram a manifestação cultural passinho do Recife.

Embora o nosso intuito seja a abordagem com textos dos jornais pernambucanos, escolhemos um texto jornalístico da revista Piauí como uma das etapas iniciais das oficinas. Nesse sentido, por se tratar de uma publicação nacional que versa sobre o bregafunk no Recife, este primeiro texto serviu para apresentar ao estudante uma contextualização sobre a temática e outras questões sociais relativas, assim como para debatermos sobre as escolhas linguísticas e o ponto de vista da autora, sobretudo por se tratar de um texto composto por várias sequências expositivas e descritivas. Realizamos um trabalho de leitura e retroação a fim de deslindar os aspectos mais relevantes sobre a abordagem do texto jornalístico. Ainda, esse percurso contribuiu para que os alunos estivessem mais confortáveis e seguros para realizar um trabalho comparativo com três jornais locais, nas etapas seguintes das oficinas.

As atividades realizadas tiveram como objetivo maior a análise do discurso da mídia e as questões ideológicas imbricadas nas estruturas linguísticas e contextuais. Para a realização dessa proposta, fizemos uma pesquisa bibliográfica a respeito dos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), defendidos por Norman Fairclough (2001), Wodak (2004) e Teun van Dijk (2015, 2017).

Os estudos realizados por esses autores contribuem para a importância do desvelamento das relações de poder, de dominação, o silenciamento de vozes e a manipulação presentes no discurso jornalístico. Além disso, levaremos em considerações as contribuições sobre concepções de leitura, preconizadas por Bakhtin (1997), Kleiman e Moraes (2002), Bazerman (2006), Koch e Elias (2010) e Riolfi (2016).

#### 4.4.1 Apresentação da proposta de intervenção

A apresentação da proposta didática é uma etapa fundamental para fornecer aos estudantes informações sobre as atividades planejadas para as oficinas. Dessa maneira, busca-se levar os alunos ao entendimento sobre o percurso do estudo do gênero notícia a partir da perspectiva do olhar crítico para as estruturas linguísticas em detrimento de intenções e interesses dos jornais, como preconiza o enquadre teórico da ACD.

A proposta didática foi apresentada aos estudantes na semana anterior ao início da aplicação das oficinas com o intuito de esclarecer dúvidas e apontar como seria a metodologia adotada. Por meio de explanação na lousa, expusemos que as etapas programadas aconteceriam durante 10 aulas. Aproveitamos para atentar, mais uma vez, para a importância da participação e o engajamento da turma na realização das atividades programadas. Foi mencionado que as

propostas das oficinas de leituras contemplariam o gênero notícia, com o objetivo de ampliar a compreensão leitora a respeito das estruturas linguísticas (termos, expressões) e contextuais (assuntos, temáticas sociais etc) usados nos textos jornalísticos com fins específicos.

Investigamos, por meio da conversação, o conhecimento prévio dos estudantes acerca da notícia, a fim de fomentar discussão sobre a produção e circulação do gênero. Inicialmente, buscou-se instigar e fazer os estudantes exporem o que entendiam sobre o acesso deles a jornais impressos e/ou leitura de notícias pelo celular ou pelo computador, os temas que eles observavam com mais frequência nessas publicações e a forma como os jornais abordavam os fatos.

Uma aluna, voluntariamente, falou que não costumava ter acesso a jornais impressos. Um estudante, por sua vez, disse que lia jornais quando queria saber de alguma informação sobre esportes ou sobre algo de grande impacto na cidade. Outros, pontualmente, foram relatando experiências com a leitura de textos jornalísticos. Boa parte da turma afirmou utilizar internet em celular ou computador doméstico, porém para jogos eletrônicos e/ou redes sociais. Muitos relacionaram o contato com a notícia por meio da cobertura dos diversos programas policiais da televisão sobre mortes e tragédias nas comunidades onde residem.

#### 4.4.2 Descrição das atividades realizadas

Para melhor compreensão de nossa proposta didática, elaboramos planos de aula e aplicamos nossas oficinas de leituras de notícias em 10 aulas (**ver apêndice A**), durante duas semanas consecutivas, na referida turma. As oficinas foram aplicadas entre 16 e 25 de setembro de 2019.

A seguir, mostraremos um resumo das etapas de trabalho que compuseram as oficinas.

Quadro 1 – resumo das atividades das oficinas

<p><b>Aulas 1 e 2</b></p>	<p>Apresentação do gênero notícia por meio do texto jornalístico da revista Piauí sobre o bregafunk, a fim de ambientar o estudante a respeito da temática das oficinas; releitura do texto e aplicação de questionário com enfoque nos aspectos textuais e contextuais; leitura e socialização das respostas dos estudantes.</p>
---------------------------	---

<b>Aulas 3 e 4</b>	Retomada do texto trabalhado na etapa anterior; reflexão sobre questões referentes ao acesso ao espaço público, preconceito, direito ao lazer, periferias etc; aplicação de questionário com foco na organização das estruturas linguísticas e sobre o contexto social da temática; discussão sobre as respostas dos alunos.
<b>Aulas 5 e 6</b>	Leitura de três notícias nos jornais pernambucanos (atividade em duplas ou equipes); aplicação de questionário com o objetivo de observar as abordagens das publicações.
<b>Aulas 7 e 8</b>	Retomada da atividade proposta nas aulas 5 e 6: socialização e discussão das atividades produzidas/ reflexão sobre os três jornais pernambucanos.
<b>Aulas 9 e 10</b>	Orientação para atividade final: produzir cartazes com manchetes sobre questões sociais, promovendo o bairro, a visibilidade de grupos marginalizados, o ritmo musical do passinho etc; apresentação com debate e discussão sobre as propostas construídas.

Fonte: dados da pesquisa

#### 4.4.3 Atividade inicial: a apresentação do texto jornalístico (aulas 1 e 2)

Com a turma disposta em semicírculo, no espaço da sala de vídeos, iniciamos a nossa proposta didática por meio da distribuição de cópias do texto jornalístico intitulado Braba na Sentada – A rainha do “passinho dos malokas” (**notícia 1 – ver anexo A**), publicado na revista Piauí, na edição 150, de março de 2019, para leitura individual. Nosso objetivo foi estabelecer um primeiro contato do estudante com a temática (bregafunk) e com a estrutura do texto jornalístico. Ainda, para efeitos didáticos, adaptamos os quatro textos jornalísticos trabalhados nas oficinas, a fim de deixá-los adequados para a faixa etária do grupo-classe. Nesse sentido, retiramos trechos que continham palavras impróprias (versos de letras de algumas músicas), parágrafos das notícias com descrições sobre algumas coreografias do evento de passinho no Marco Zero, assim como diminuimos falas de especialistas com mais de dois ou três parágrafos (muito longos).

Figura 5 – Capa da publicação da Piauí



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/braba-na-sentada/>

Buscamos, também, estabelecer um diálogo sobre as impressões da turma em relação ao conteúdo abordado, a fim de instigar a percepção leitora dos alunos sobre a situação elucidada no texto. Por se tratar de um tema próximo da realidade social de muitos estudantes, notamos uma elevada participação e interesse com a proposta apresentada.

Vários estudantes reconheceram a personagem descrita no texto da Revista Piauí, Clara Araújo, uma jovem moradora da comunidade de Santo Amaro, no Recife, dançarina do passinho, conhecida nas redes sociais pelos vídeos de suas coreografias e apresentações.

Em seguida, aplicamos ficha de atividades (**questionário 1 – ver apêndice B**), com o intuito de observar os aspectos mais gerais da composição da notícia, como tipo de linguagem, o uso das aspas nas citações diretas, a estrutura dos títulos e subtítulos, a situação abordada no texto e a função do texto jornalístico.

Por se tratar de uma primeira atividade, alguns estudantes demonstraram insegurança no preenchimento do questionário. Fizemos um acompanhamento individual, no sentido de sanar as dúvidas que surgiram. Após a resolução das atividades, sugerimos a leitura das respostas de dois ou três estudantes para cada item do exercício aplicado.

Por outro lado, a familiaridade do tema para a maioria dos estudantes contribuiu na desenvoltura da turma para comentar a matéria, e, respectivamente, apontar o assunto principal, a personagem entrevistada e a descrição feita no encontro de passinho, realizado no Marco Zero do Recife, conforme informa o texto trabalhado.

Encerramos esse primeiro momento com a leitura dos estudantes das respostas do questionário. Foi relevante a reflexão sobre a organização dos termos nos títulos e subtítulos. Alguns alunos citaram exemplos do tom sensacionalista e, muitas vezes exagerado, das

chamadas (apresentações) de notícias e reportagens de televisão e do rádio sobre fatos ocorridos nas comunidades do Recife. Discutimos também sobre a função informativa da notícia, as fontes (vozes) escolhidas pelo jornal e o uso de formalidade e informalidade no texto jornalístico.

Figura 6 – momento de discussão com os estudantes sobre a notícia lida



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

#### 4.4.4 Reflexão sobre a temática e análises das estruturas (aulas 3 e 4)

Começamos este momento com uma retomada sobre as ideias apresentadas no texto lido na etapa anterior. Com a turma disposta em semicírculo, debatemos sobre a temática do bregafunk e do contexto da periferia. Alguns estudantes pediram para ler as respostas do questionário, já que não foi possível socializá-las na aula passada.

Apresentamos breve contextualização sobre a veiculação do texto jornalístico trabalhado, uma vez que tratou de uma temática musical característico do Recife sob a ótica de uma revista de circulação nacional.

Em seguida, aplicamos ficha de atividades individual (**questionário 2 – ver apêndice C**) com perguntas sobre a organização estrutural da notícia por meio do título, do subtítulo e as questões ideológicas/contextuais no corpo do texto.

Após a etapa da resolução das atividades, sugerimos a leitura das respostas, intercalando com comentários sobre a discussão proposta. Uma estudante voluntariamente reforçou que o

texto não apresentou abordagem preconceituosa, pois tratou mais do evento de dança, da personagem Clara Araújo e da movimentação no Marco Zero. Um outro aluno citou que a notícia parecia falar sobre “marginais” e “arruaça”, mas que foi mudando de opinião no decorrer da leitura.

Alternamos as falas com temáticas como estigma social, discriminação, espaço público de lazer na periferia etc. Um outro estudante falou que gostava do ritmo do passinho, porém nunca parado para pensar sobre preconceito, como a notícia abordou o tema. As contribuições dos alunos foram bastante positivas, sobretudo por terem levantado reflexões sobre o contexto social pelo qual perpassa a notícia, por meio de exemplos e situações vivenciadas pelos próprios estudantes no dia a dia.

#### 4.4.5 Leituras de notícias e comparações entre os jornais locais (aulas 5 e 6)

Propusemos uma atividade de leituras em grupos de até 4 estudantes, com o objetivo de observar os pontos em comum e/ou divergentes sobre a temática do bregafunk. Selecionamos três notícias publicadas no primeiro semestre de 2019, período de maior efervescência e visibilidade dos encontros de passinho no Recife veiculados pela imprensa. As notícias foram extraídas do Jornal do Commercio (**notícia 2 – ver anexo B**), Folha de Pernambuco (**notícia 3 – ver anexo C**) e Diário de Pernambuco (**notícia 4 – ver anexo D**), jornais de maior circulação em Pernambuco, como vemos abaixo.

Figura 7 – Capa da notícia do Jornal do Commercio



**FOLIA**

## MPPE quer que PM evite excessos e não reprima bregafunk no Carnaval 2019

Para o órgão, polícia deve agir com base nos princípios da legalidade, necessidade, razoabilidade e proporcionalidade durante as manifestações públicas'

**Fillipe Vilar**  
Publicado em 28/02/2019 às 14:57

Fonte: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/02/28/mppe-quer-que-pm-evite-excessos-e-nao-reprima-bregafunk-no-carnaval-2019-372691.php>

Figura 8 – Capa da notícia da Folha de Pernambuco



**FOLHA PE** /Diversão

**RECIFE**

## 'Passinho' reúne centenas de jovens no Marco Zero

Através de divulgação nas mídias sociais, segunda edição da 'Dança do Passinho' reuniu centenas de jovens e adolescentes no Bairro do Recife

Por: Aquiles Lopes em 08/01/19 às 22H01, atualizado em 09/01/19 às 06H10

f t g+ w

REPORTAR ERRO

Fonte: <https://www.folhape.com.br/noticias/passinho-reune-centenas-de-jovens-no-marco-zero/92725/>

Figura 9 – Capa da notícia do Diário de Pernambuco



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/04/estigma-e-repressao-a-grupos-de-passinho-reacendem-debate-sobre-o-uso.html>

Distribuímos cópias dos textos para que fossem realizadas as leituras. Durante esta etapa, orientamos os estudantes a dialogar entre as próprias equipes no sentido de apontar as informações principais em cada texto jornalístico e a abordagem adotada nos três veículos de comunicação. Embora a maioria tenha debatido com seus pares, alguns alunos disseram ter identificado apenas a temática do ritmo do passinho como aspecto em comum entre os textos. Sugerimos a releitura.

Figura 10 – Leitura dos jornais em equipes



Fonte: arquivo do pesquisador

Em seguida, registramos na lousa algumas perguntas a fim de instigar reflexões durante as leituras: Como cada jornal fala sobre o passinho?, Quais as informações apresentadas nos títulos e subtítulos?, A linguagem em cada notícia é formal ou informal?, De quem são as falas (fontes) mostradas nas notícias?

Aplicamos ficha de atividades individual (**questionário 3 – ver apêndice D**) com o intuito de comparar as perspectivas adotadas nos jornais. Ressaltamos aos estudantes a importância de levarem em conta as discussões em equipes, a releitura dos textos jornalísticos etc. Por se tratar de uma proposta mais densa e minuciosa, a realização do exercício demandou 45 minutos da última aula desta etapa. A maioria da turma não apresentou dúvidas em relação aos itens do questionário.

#### 4.4.6 Debate sobre os discursos da mídia (aulas 7 e 8)

Com a sala disposta com as mesmas equipes do questionário aplicado na aula anterior, retomamos ao trabalho comparativo dos jornais locais. Embora a discussão inicial tenha sido feita em grupos, foi possível notar a direção individual dos alunos por meio das respostas lidas.

Muitos estudantes relataram a permanência do preconceito, da discriminação e da marginalização em relação a moradores de periferias, ritmos musicais e classes sociais. Um estudante relatou que a escolha da foto na matéria do Jornal do Commercio não foi adequada, pois mostrava uma abordagem policial. Por outro lado, uma aluna da mesma equipe defendeu que a notícia em questão falava mais sobre o que os policiais não deveriam fazer contra os dançarinos de bregafunk, logo, não apresentava uma condução preconceituosa.

Notamos, ainda, a diversidade de respostas nos comentários dos estudantes. Muitos alunos citaram a existência da estigmatização contra moradores de comunidades e da marginalização de movimentos sociais. Em linhas gerais, a maioria atingiu o nosso objetivo na aplicação da intervenção.

Durante vários momentos, inclusive, os alunos relataram casos vivenciados com irmãos, primos ou amigos, referentes a abordagens discriminatórias nas ruas, nas lojas, em hospitais etc. Outros estudantes, contudo, perceberam a abordagem das notícias como mera divulgação dos eventos musicais de bregafunk, sem conexão crítica com a realidade de estigma e de segregação social dos moradores de periferia diante de espaços públicos da cidade.

Boa parte do grupo-classe citou a abordagem positiva dos jornais lidos em relação ao passinho do Recife. Discutimos sobre possíveis evidências preconceituosas indicadas por

algum termo no título ou no subtítulo, por escolha de falas das fontes ou na própria descrição do evento (encontros de jovens para dançar o passinho, no Recife). Debates, inclusive, sobre o olhar (pessoal e parcial) do jornalista quando escreve uma notícia ou reportagem, além dos interesses (editoriais, comerciais e financeiros) da empresa de comunicação quando adota determinada abordagem em detrimento de outra.

Ainda que se trate de uma turma de 6º ano, a discussão foi conduzida de forma satisfatória. É preciso considerar, até pela faixa etária dos alunos (11 e 13 anos), a dificuldade da turma, em alguns momentos, em sistematizar respostas por meio dos questionários. Ou seja, o estudante apresenta reflexões pertinentes sobre a temática presente nos textos, suscita diversas questões sociais referentes ao contexto da periferia (preconceito, falta de acesso ao lazer, violência etc), mas não faz associações mais aprofundadas em relação às estruturas lexicais dos títulos e subtítulos, por exemplo.

#### 4.4.7 Orientação para a atividade final e culminância das oficinas (aulas 9 e 10)

Propusemos aos estudantes, em duplas trios ou quartetos, a criação de cartazes para promover ou divulgar o bairro, a comunidade ou sobre questões do cotidiano deles que pudessem estampar a capa de um jornal com abordagem positiva. Nesse sentido, retomamos brevemente as reflexões sobre marginalização dos jovens da periferia, democratização do espaço público, direito ao lazer, racismo e movimentos culturais, como o bregafunk.

Os alunos confeccionaram essas produções por meio de cartolinas e colagens. Optamos por orientar a realização de uma atividade lúdica, que mobilizasse o potencial criativo dos estudantes e que depois pudesse ser afixada no mural da escola, a fim de que outras turmas da escola tivessem acesso às produções construídas pelo grupo do 6º C.

Além disso, os cartazes poderiam representar, de acordo com orientações do professor, as estruturas título e subtítulo de uma notícia, e, por serem claramente identificadas antes mesmo da leitura de uma notícia, discutimos no sentido de que a turma criasse produções chamativas, com estruturas bem construídas e com assuntos que despertassem uma discussão sobre a importância de dar visibilidade às manifestações culturais que ocorrem nas comunidades.

Em seguida, os estudantes apresentaram o porquê de terem criado as estruturas para os cartazes. A maioria elaborou “manchetes” sobre eventos referentes ao próprio bregafunk. Alguns alunos e alunas citaram outras temáticas que atingem o espaço social no qual eles estão

inseridos diretamente, como respeito aos moradores de bairros populares – seja pela mídia, pelos políticos ou pelos policiais.

Figura 11 – Produção dos cartazes em equipes



Fonte: arquivo do pesquisador

A atividade foi desenvolvida de forma relevante, através da qual foi possível ver uma direção crítica e engajada da turma com a discussão promovida durante as etapas anteriores desta intervenção. Durante a realização da proposta, os estudantes puderam tirar dúvidas com o professor sobre as escolhas linguísticas adotadas nesses cartazes. Alguns estudantes usaram, por exemplo, muitos verbos nos títulos. Sete alunos foram orientados a serem mais concisos no subtítulo, já que apresentaram estruturas muito longas.

Na segunda parte desta etapa realizamos a culminância das produções dos estudantes. Contamos com a presença da coordenadora pedagógica, da gestão escolar e de dez estudantes convidados de outros sextos anos, que não participaram das oficinas. Buscamos, dessa forma, não deixar a socialização limitada ao próprio grupo do 6º ano C. Montamos um painel com os cartazes dos estudantes para exposição e sugerimos que os alunos da turma que quisessem poderiam comentar sobre a produção de seu título e subtítulo e fazer comentários a respeito do seu processo de escolha e da temática.

Figura 12 – Apresentação das produções dos estudantes



Fonte: arquivo do pesquisador

Em linhas gerais, a reflexão com os estudantes durante as etapas das oficinas de leituras foi calcada na importância de olharmos a eventual posição dos jornais de grande circulação por meio das estruturas linguísticas e das abordagens das temáticas nas notícias veiculadas. Ou seja, como a escolha de termos, de fotos, de falas das fontes ou a abordagem do jornalista podem servir para discriminar uma classe social ou para omitir o envolvimento de outra, para silenciar ou para conferir autoridades às fontes escolhidas.

Uma abordagem respeitosa pode dar voz a grupos comumente silenciados nos textos jornalísticos, promover debates sobre a necessidade de promoção dos direitos humanos, de igualdade e de inclusão social, como vimos nas notícias trabalhadas. Nessa perspectiva, debatemos, por exemplo, como seria a abordagem da mídia sobre um “escândalo”, uma “tragédia” ou “ato violento” se os envolvidos fossem moradores de bairros de alto poder aquisitivo do Recife, como Boa Viagem, Casa Forte ou Espinheiro em contraponto a fatos da mesma natureza que abrangessem habitantes de comunidades menos favorecidas.

No que se refere aos debates e discussões durante as oficinas, as experiências individuais e coletivas puderam ser explanadas pela maioria estudantes de forma relevante. Foram recorrentes relatos sobre marginalização, preconceito e falta de oportunidades para as pessoas que vivem na periferia. Constatamos, inclusive, durante as falas dos alunos o olhar crítico sobre a necessidade de emancipação, de visibilidade positiva do bairro, ainda que proporcional a uma turma de sexto ano, que, por sua vez, está começando a ter acesso a uma maior diversidade de gêneros textuais e a discussões mais profundas sobre temas e assuntos do cotidiano.

Duas semanas após a etapa de intervenção, produzimos um jornal informativo intitulado **De olho na notícia (ver apêndice E)**. Nele, os alunos deram visibilidade a eventos culturais, curiosidades, história do bairro, entrevista com moradora, temáticas geralmente pouco abordadas pelos grandes jornais da cidade.

Criamos uma sessão intitulada **NO PASSINHO**, na qual socializamos a culminância das oficinas realizadas no 6º ano C com os títulos e subtítulos criados pelos estudantes por meio da produção de cartazes. O nosso intuito foi divulgar ações e atividades do bairro da Várzea, para que os estudantes de outras turmas pudessem ver o bairro retratado num jornal de forma positiva.

Figura 13 – Capa do jornal produzido pelos estudantes



Fonte: dados da pesquisa

O informativo foi compartilhado na **LITERARTE** (Feira de Literatura e Arte) da Escola Municipal Rodolfo Aureliano, realizada no dia 19/11/2019. Os estudantes do 6º C distribuíram cópias do jornal e expuseram sobre o conteúdo produzido por eles.

Figura 14 – Apresentação do jornal produzido pelos estudantes



Fonte: arquivo do pesquisador

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos as atividades desenvolvidas e analisaremos as respostas dos questionários aplicados durante as oficinas de leituras de notícias. Para sistematizar o nosso percurso, dividimos as categorias de análises em microestruturas (títulos e subtítulos) e macroestruturas (questões sociais) dos textos sobre o bregafunk, a propósito da perspectiva teórica de van Dijk (2015), como vimos na seção 3.

Para efeitos da nossa pesquisa, optamos por extrair seis perguntas dos questionários aplicados: três que versavam sobre títulos e subtítulos, ou seja, as microestruturas, e três a respeito das questões das macroestruturas, neste caso, os aspectos sociais que abarcam as notícias estudadas.

### 5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISES

Com base no que desenvolvemos para a etapa da intervenção, a análise de todo nosso material foi organizada com foco em duas categorias. A primeira delas refere-se aos títulos e subtítulos, que corresponde à microestrutura da notícia. Para este item, debruçaremos-nos sob o aspecto linguístico. Embora não sejam suficientes para analisar uma notícia completa, os títulos e subtítulos são as estruturas mais visíveis ao nos depararmos com um jornal e, respectivamente, carregam as posições ideológicas da empresa.

Nesse sentido, convém observar também na organização sintática desses sintagmas a possibilidade da presença de algum termo específico que possa remeter a algum juízo de valor, o uso da voz ativa ou passiva, um sinônimo que dificulta a compreensão do leitor ou até mesmo a escolha intencional de um adjetivo ou substantivo específicos nessas estruturas jornalísticas, por exemplo.

De acordo com van Dijk (2015, p.144), “os títulos sumarizam as informações mais importantes de uma notícia e, portanto, também expressam seu tópico principal.” Assim, acreditamos que a leitura da notícia deva, no processo de compreensão leitora, atentar para a relação do título e do subtítulo com a notícia propriamente dita.

Nossa segunda categoria de análise (macroestruturas) são as questões sociais, ou seja, o que abarca os aspectos culturais, históricos e contextuais presentes na notícia. Nesse viés, a reflexão e a discussão sobre assuntos que perpassam pelo racismo, pela violência, pela discriminação aos moradores de periferia etc. contribuem para evidenciar como se constitui o

texto jornalístico. Dessa maneira, é pertinente considerar a direção de cada periódico a respeito do tema da nossa pesquisa, o bregafunk.

A fim de deixar mais compreensível o nosso trajeto na fase dessas análises, exibiremos um quadro com os materiais de leitura e de escrita utilizados durante as oficinas com os estudantes.

Quadro 2 – materiais usados na intervenção

ORDEM	MATERIAL	PROPOSTA
Anexo A	Piauí (Notícia 1) <b>BRABA NA SENTADA A rainha do “passinho dos malokas”</b>	Ler e refletir sobre as questões propostas nos questionários 1 e 2
Apêndice B	(Questionário 1)	Ler a ficha da de atividades e reconhecer o título, o subtítulo, a linguagem e a situação tratada
Apêndice C	(Questionário 2)	Ler a ficha da de atividades e reconhecer aspectos da composição (estrutura) e do contexto
Anexo B	Jornal do Comercio (Notícia 2) <b>MPPE quer que PM evite excessos e não reprima bregafunk no Carnaval 2019</b>	Ler a notícia em equipes – observar os aspectos linguísticos e de contexto social
Anexo C	Folha de Pernambuco (Notícia 3) <b>‘Passinho’ reúne centenas de jovens no Marco Zero</b>	Ler a notícia em equipes – observar os aspectos linguísticos e de contexto social
Anexo D	Diario de Pernambuco (Notícia 4) <b>Estigma e repressão a grupos de passinho reacendem debate sobre o uso do espaço público</b>	Ler a notícia em equipes – observar os aspectos linguísticos e de contexto social
Apêndice D	(Questionário 3)	Ler a ficha de atividades e estabelecer comparação entre os jornais por meio de quadros

Fonte: dados da pesquisa

Para a análise da primeira categoria, extraímos três perguntas, sendo uma da primeira ficha de atividades (**questionário 1**), uma da segunda (**questionário 2**) e outra da última (**questionário 3**), com o objetivo de observar as respostas dos estudantes a respeito dessas estruturas específicas. Escolhemos perguntas que pudessem dar conta das estruturas título e subtítulo e da temática social, conforme apontamos nos nossos objetivos da pesquisa, como veremos abaixo:

Quadro 3 – Perguntas extraídas dos questionários sobre microestruturas

<b>CATEGORIA DE ANÁLISE: TÍTULOS E SUBTÍTULOS (Microestruturas)</b>	
<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>PERGUNTA</b>
1	<p><b>A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou sutiã, no jargão do jornalismo).</b></p> <p>Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo? Comente.</p>
2	<p>A autora explica o significado da expressão <b>BRABA NA SENTADA</b>. A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.</p>
3	<p>A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?</p>

Fonte: dados da pesquisa

Na segunda categoria de análise, assim como fizemos na primeira, selecionamos uma pergunta de cada ficha de atividades (**questionários 1, 2 e 3**), a fim de buscar desvelar o tratamento das publicações a propósito do bregafunk e, automaticamente, do acesso dos moradores das periferias ao espaço público, como mostraremos a seguir.

Quadro 4 – perguntas extraídas dos questionários sobre macroestruturas das notícias

<b>CATEGORIA DE ANÁLISE: QUESTÕES SOCIAIS (Macroestruturas)</b>	
<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>PERGUNTA</b>
1	Qual situação está sendo tratada no texto?
2	O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc. Extraia um trecho que represente <b>o ponto de vista da autora</b> sobre o tema.
3	Qual a informação principal apresentada na notícia?

Fonte: dados da pesquisa

## 5.2 RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

Com o intuito de analisar as respostas dos questionários, elaboramos um resumo, em forma de gráficos, com as informações mais recorrentes dos alunos. Depois disso, comentaremos sobre afirmativas apresentadas, mostraremos algumas respostas pertinentes dos estudantes e explanaremos o que foi mais relevante em categoria observada. Ressaltamos, ainda, que observamos entre 3 e 4 respostas dos estudantes para cada item dos seis analisados (3 para as microestruturas e 3 para as macroestruturas). A escolha se deu pela relevância do comentário, seja para reiterar ou refutar as nossas hipóteses. Destacamos que não realizamos nesta etapa uma análise individual dos estudantes, uma vez que nossa pesquisa-ação é de natureza qualitativa. Assim, o que pontuamos como “resposta 1” em um item não se refere, obrigatoriamente, ao mesmo aluno na “resposta 1” do item seguinte etc.

### 5.2.1 Categoria títulos e subtítulos (microestruturas)

Quando o lançamos em sala de aula a reflexão a respeito da adequação de um título e um subtítulo numa notícia, a discussão sobre estas estruturas contemplou os aspectos linguísticos e ideológicos (intencionais) dos jornais. Para analisar o texto Braba na Sentada – A rainha do “passinho dos malokas” (**notícia 1**), aplicamos questionário com sete perguntas, porém, para efeitos de pesquisa, nosso recorte considerou uma pergunta do questionário 1, que versava sobre a adequação do título e do subtítulo, como veremos a seguir.

Quadro 5 – item do questionário 1 – microestruturas

QUESTIONÁRIO	PERGUNTA
1	<p><b>A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou sutiã, no jargão do jornalismo).</b></p> <p>Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo? Comente.</p>

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 6 – título e subtítulo da notícia 1

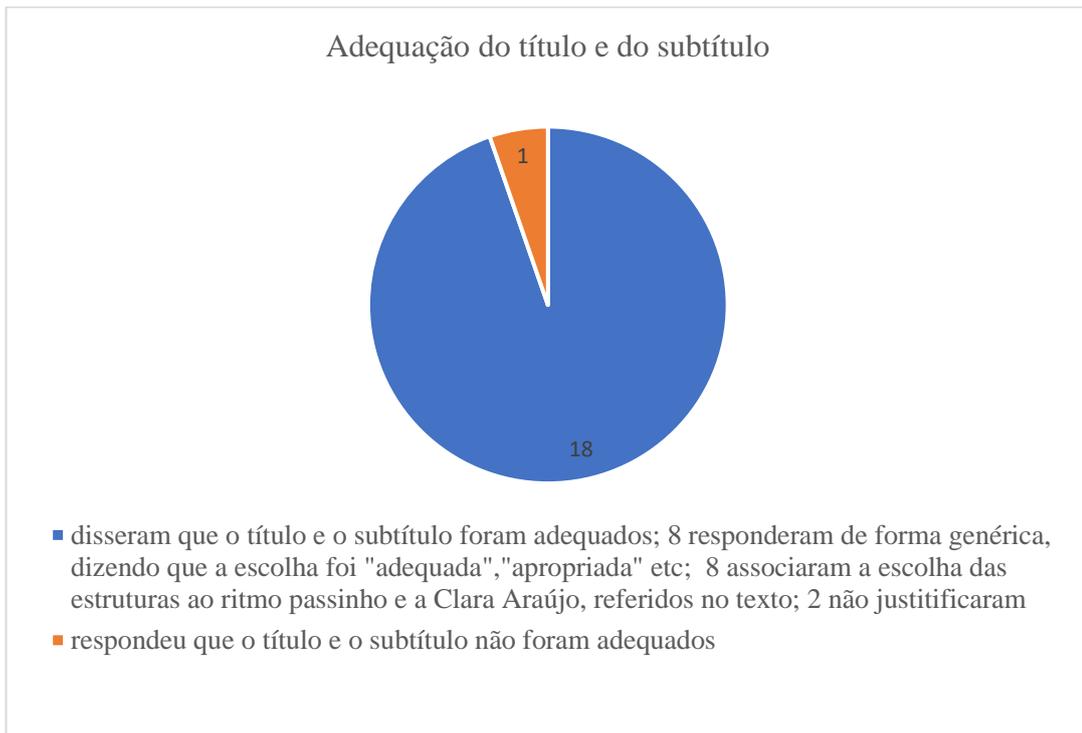
<b>TÍTULO</b>	<b>BRABA NA SENTADA</b>
<b>SUBTÍTULO</b>	A rainha do “passinho dos malokas”

Fonte: dados da pesquisa

Com base no que apresentamos anteriormente como proposta de análise das microestruturas das notícias trabalhadas nas oficinas de leituras, destacaremos nossas observações sobre as respostas dos alunos. O questionário foi respondido por 19 estudantes.

Em relação ao que foi registrado pelos estudantes, observamos que não houve estranhamento dos estudantes sobre as estruturas título e subtítulo na notícia analisada, como vemos a seguir.

Gráfico 1 – respostas dos estudantes para o item do questionário 1 – microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

Ainda que se trate do primeiro questionário aplicado na oficina, notamos que os estudantes identificaram a relação do título e subtítulo com a notícia completa. De acordo com as respostas apresentadas, a turma não estranhou o uso das estruturas em linguagem informal, elucidando gírias do universo do bregafunk.

Ao ver dos estudantes, o título e o subtítulo estão em consonância com o assunto/temática do texto. Nesse sentido, a jornalista organizou a manchete de forma a chamar a atenção do leitor. Extraímos algumas respostas dos estudantes a esse respeito, como veremos a seguir.

Figura 15 – resposta 1 – questionário 1 – microestruturas

A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou sutiã, no jargão do jornalismo).	<p style="text-align: right;"><i>impres</i></p> <p>Sim, Para esse momento  <del>foi bom</del> porque <del>foi bom</del>      Para a matéria porque      fala do passinho, aí não      era bom colocar uma      coisa formal pro passinho</p>
3) Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo? Comente.	
4) Quais as palavras no título e no	

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante destacou que foi adequada a organização das estruturas analisadas. Pela resposta apresentada, infere-se que existe uma relação de conformidade na utilização de gírias e/ou expressões específicas do bregafunk numa publicação jornalística, uma vez que elas estabelecem conexão com as letras das próprias músicas. Alguns estudantes, inclusive, relataram nos momentos debate e discussão que o uso de termos em linguagem informal na notícia era adequado porque “errado seria falar de passinho cheio de palavras difíceis”.

Figura 16 – resposta 2 – questionário 1 – microestruturas

A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou sutiã, no jargão do jornalismo).	<p>Sim, porque Braba na      sentada e que ela fazia      subunquira e que requebra-      va muito. E rainha do      passinho e que ela      dança muito aí é considerado      como "Rainha do Passinho"</p>
3) Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo? Comente.	

Fonte: dados da pesquisa

No comentário do(a) estudante é possível ver a justificativa do título com o fato de a dançarina “requebrar” nos palcos. Em relação ao subtítulo, o(a) aluno (a) associou o termo “rainha” ao fato de Clara Araújo dançar muito, por isso a designação “Rainha do Passinho”. Notamos que as escolhas lexicais não apresentam nenhuma incoerência com a proposta do texto, de acordo com a resposta do(a) aluno(a).

Figura 17 – resposta 3 – questionário 1 – microestruturas

<p>A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou sutiã, no jargão do jornalismo).</p> <p>3) Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo?</p> <p>Comente.</p>	<p>Sim. chama muita atenção porque não é <del>normal</del> normal ter uma título assim no texto</p>
--	---

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante identificou a adequação do título e do subtítulo por estarem chamando a atenção (do leitor). É possível entender que quando ele(ela) diz que não é “normal” a forma como as estruturas analisadas estão dispostas, a observação possa estar relacionada ao nível de formalidade comumente apresentada na maioria dos textos jornalísticos.

De acordo com o que foi apresentado neste item por meio das respostas dos estudantes, reiteramos o percurso investigativo da ACD com as estruturas linguísticas do texto a serviço das intenções imbricadas no texto.

Assim, atentamos aos pressupostos definidos por van Dijk (2015, p.122) quando ele afirma que “a ACD também focaliza o modo como as estruturas do discurso influenciam as representações mentais.” Nesse sentido, a apresentação dos títulos e subtítulos nas publicações pode atuar no sentido de legitimar discursos específicos defendidos pelo jornal. Muitas vezes, as manchetes são construídas por meio de tópicos que podem influenciar as mentes – seja para corroborar ou contradizer a respeito de um tema.

Chamamos a atenção para o fato de vermos com frequência títulos de jornais com ‘chamadas’ tendenciosas quando se trata de estereotipar ou sugerir crenças sobre determinados grupos. No caso de jovens dançarinos de bregafunk e moradores de periferias, muitas vezes, essas notícias são negativas. A manipulação pode se dar através do recorte que o jornal adota para evidenciar fatos.

Retomamos, em nível de ilustração, ao contexto da cobertura sobre encontros de passinho no Recife no início de 2019, como elucidamos na constituição do *corpus* e procedimentos desta pesquisa. A veiculação de notícias sobre os eventos de bregafunk

apareceu, em linhas gerais, nos jornais pernambucanos, focalizando eventuais tumultos, atos de vandalismo e violência.

Para o texto jornalístico que trabalhamos nesta etapa (notícia 1), é possível observar uma aproximação da autora com expressões familiares ao universo do bregafunk, como ‘braba’, ‘sentada’, ‘passinho’ e ‘malokas’. Embora se tratem de termos informais, o(a)s estudantes apontam a coerência para o uso destas palavras no título e no subtítulo do texto jornalístico. Nos exemplos das respostas 1 e 2 notamos, inclusive, uma direção argumentativa para respaldar as estruturas usadas pela jornalista; na resposta 3 percebemos a defesa de que não é “normal” utilizar um título como vimos na notícia.

Dessa forma, ao discutirmos sobre o título da notícia resgatamos informações dispostas no texto e ativamos outros conhecimentos de várias áreas. No contexto da notícia trabalhada, a jornalista explica o sentido de uma expressão informal, uma gíria local do universo do passinho. “Braba na sentada”, “Rainha” (do passinho) e “passinho dos malokas” são termos presentes no contexto do bregafunk e, neste caso, alçados nas estruturas do título e do subtítulo da notícia.

Buscamos, dessa forma, levar o estudante a refletir sobre a escolha lexical no título, de forma a relacionar com a explicação da autora para o sentido dele e, respectivamente, outros trechos que pudessem caracterizar uma posição ideológica. Nosso objetivo foi observar com os estudantes a adequação dos termos nas estruturas analisadas e a forma (respeitosa) da jornalista em legitimar a linguagem do passinho, sem promover segregação, preconceito ou racismo.

Percebemos que os estudantes apresentaram respostas relevantes no primeiro item analisado. Ainda que essa maioria (18 no universo de 19 respostas) tenha considerado, no primeiro questionário, adequadas as escolhas dos termos nas estruturas analisadas no texto jornalístico, boa parte dos estudantes apresentou comentários genéricos e/ou embrionários (8 no universo de 19 respostas).

Acreditamos, dessa forma, que, por se tratar de um primeiro momento das atividades escritas nas oficinas as respostas não apresentaram uma argumentação mais aprofundada. Além disso, considerando o perfil da faixa etária, falta de autonomia e pouca experiência com leituras sobre aspectos linguísticos com foco no contextual, observamos uma melhor desenvoltura nos momentos de debate e discussão sobre a temática do texto trabalhado.

O nosso segundo item de análise sobre títulos e subtítulos foi extraído da ficha de atividades 2. A pergunta referia-se aos termos usados nessas estruturas. Sabemos que esses sintagmas carregam opiniões e ideologias. A escolha de uma palavra ou da própria organização

sintática tem o intuito, muitas vezes, de direcionar o olhar e a percepção do leitor em relação ao assunto, de acordo com os interesses da publicação.

Para a análise deste segundo item, convém elucidar que a autora usou na notícia 1 linguagem informal, presente no universo do bregafunk, nas estruturas título e subtítulo, como vimos anteriormente.

Utilizaremos as respostas para a pergunta da ficha de atividades abaixo:

Quadro 7 – item do questionário 2 – categoria microestruturas

<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>PERGUNTA</b>
2	A autora explica o significado da expressão <b>BRABA NA SENTADA</b> . A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.

Fonte: dados da pesquisa

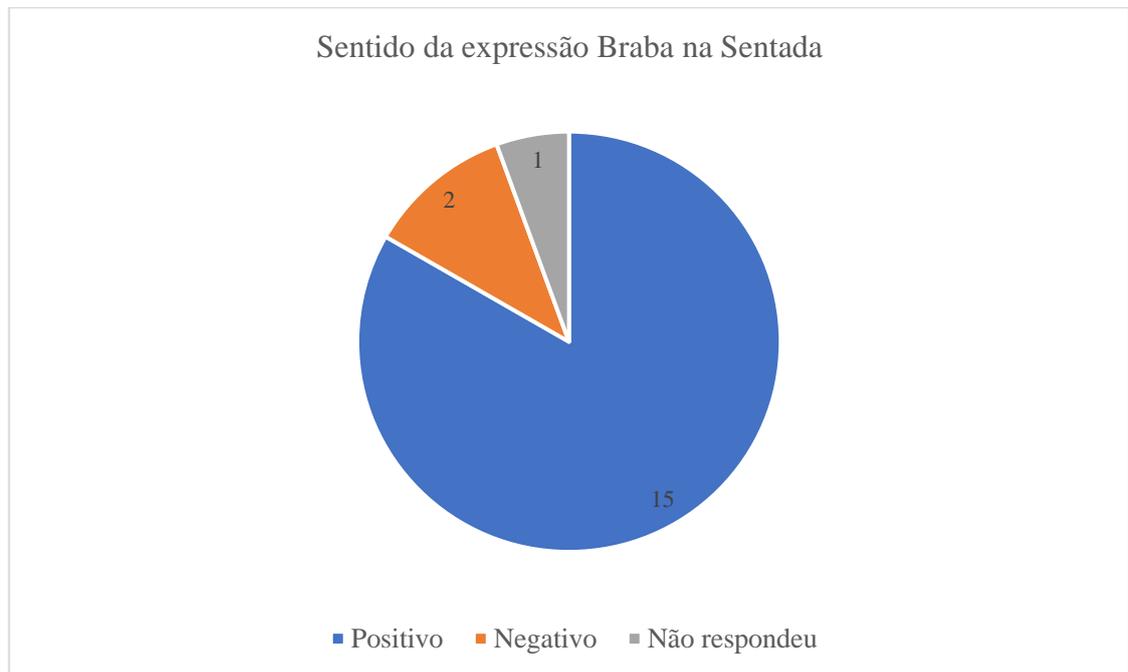
Quadro 8 – título da notícia 1

<b>TÍTULO</b>	<b>BRABA NA SENTADA</b>
---------------	-------------------------

Fonte: dados da pesquisa

Para este item, obtivemos 18 respostas dos estudantes. Por meio dos termos apresentados no título “braba” e “sentada”, perguntamos se o sentido era positivo ou negativo. Dessa forma, o estudante deveria reler o texto (notícia 1), a fim de chegar à conclusão. A respeito da pergunta do questionário, explanaremos as respostas abaixo:

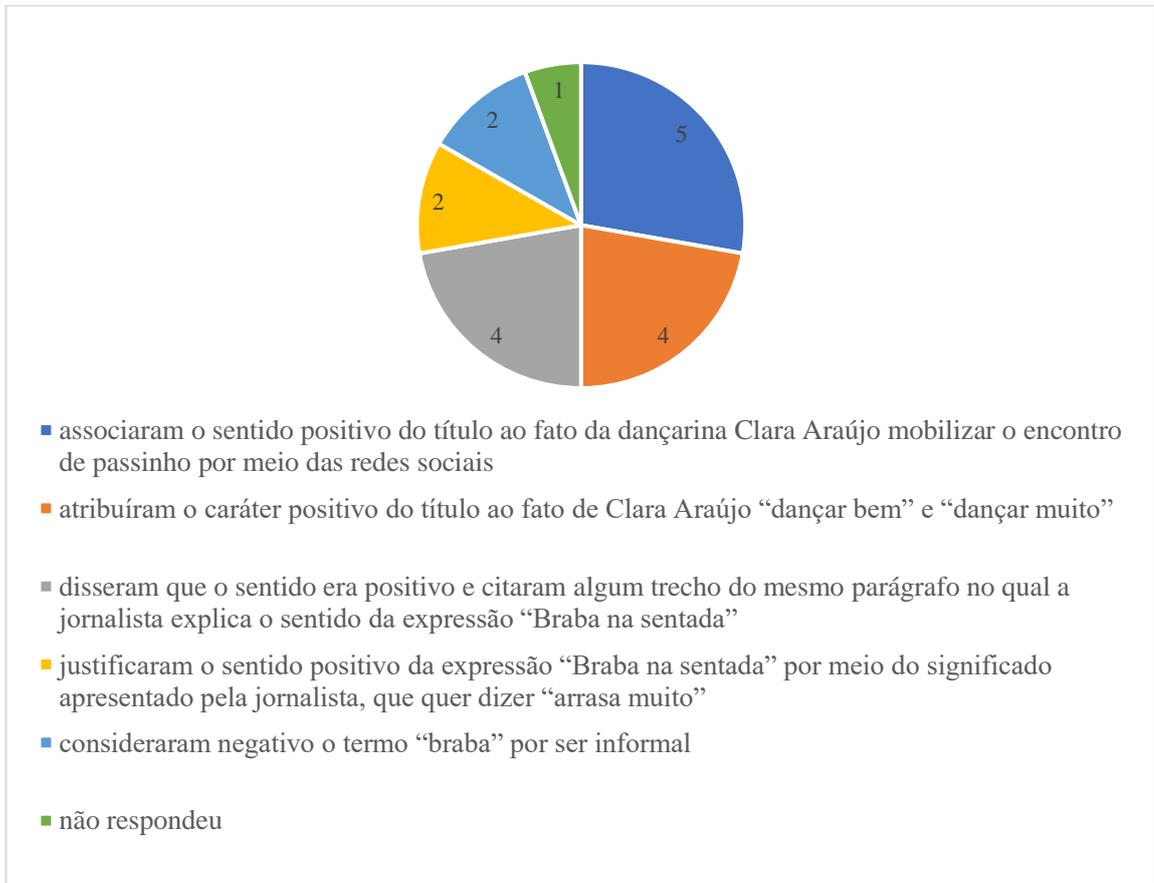
Gráfico 2 – respostas dos estudantes para o item do questionário 2 em números – microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

No item analisado, 15 estudantes consideraram positivo o sentido dos termos “braba” e “sentada” no título. Dessa forma, cabe pontuar que houve releitura da notícia 1, o que nos leva a inferir a possibilidade de reflexão e conscientização dos estudantes ao responder ao segundo questionário. A propósito dos comentários apresentados, elaboramos um apanhado sobre o que os alunos pontuaram, por meio de um gráfico com esse detalhamento, como vemos abaixo.

Gráfico 3 – detalhamento das respostas dos estudantes para o item do questionário 2 – microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o gráfico, a maioria da turma conseguiu relacionar o uso do termo “braba” e “sentada” ao sentido positivo. Além disso, identificamos uma ampla diversidade de respostas, o que configura uma tentativa de argumentação individual e consciente. Nesse viés, algumas respostas apresentaram associação a algum trecho do texto no qual a autora descrevia o ritmo bregafunk. Explanaremos alguns exemplos dos estudantes.

Figura 18 – resposta 1 – questionário 2 – microestruturas

A autora explica o significado da expressão **BRABA NA SENTADA**. A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.

Positivo. Quando no texto tem "uma braba na sentada" fazemos muito.

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o que foi apresentado na resposta 1, o título tem relação com o sentido da expressão “braba na sentada”, presente no penúltimo parágrafo da notícia. Embora o texto apresente algumas expressões e gírias do universo do ritmo musical, notamos que o(a) aluno(a) conseguiu identificar o trecho exato que explica o sentido de “braba na sentada”, ainda que ele(ela) não tenha elaborado um comentário sobre o sentido positivo da expressão no título.

Figura 19 – resposta 2 – questionário 2 – microestruturas

A autora explica o significado da expressão **BRABA NA SENTADA**. A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.

Negativo, porque expressa uma frase informal.

Fonte: dados da pesquisa

Diferente da observação apontada no exemplo anterior, o(a) estudante 2 defende que o sentido da expressão usada no título é negativo, já que utiliza linguagem informal. Ainda que esse exemplo de resposta tenha ocorrido apenas em dois casos num universo de 18, consideramos importante observar a direção adotada para produzir a sua resposta. O(a) aluno(a) provavelmente associa o texto jornalístico impresso ao nível de formalidade da língua.

Figura 20 – resposta 3 – questionário 2– microestruturas

A autora explica o significado da expressão **BRABA NA SENTADA**. A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.

Positivo. Porque ela dançava muito  
swingueira e deu o nome ao título  
Braba Na Sentada.

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante considerou o sentido do título positivo, estabelecendo uma retomada ao histórico de experiências musicais da dançarina Clara Araújo, apresentado pela autora no penúltimo parágrafo. Contudo, a escolha do título não tinha relação diretamente com o ritmo ‘swingueira’.

Quando lançamos luz sobre o aspecto positivo ou negativo numa estrutura linguística que compõe a manchete de uma notícia, atentamos para as intenções presentes no discurso de quem escreve. Consideramos, dessa forma, a possibilidade de o jornal reiterar a sua concepção sobre o tema apresentado no texto jornalístico. Resende e Ramalho (2016, p.70) defendem que através das escolhas que o autor realiza para enunciar o discurso do outro revela também sua perspectiva em relação ao tema abordado. Nesse viés, afirmam que “é possível analisar seu grau de engajamento com o que enuncia, em sua atitude responsiva ativa, ou seja, se ele concorda, discorda ou polemiza outros atos de fala da rede de práticas sociais”.

Assim, ao identificar no próprio texto os trechos que fundamentam as suas respostas, os estudantes puderam refletir sobre a seleção de termos adotados no título, das vozes em discurso direto e das sequências descritivas apresentadas na notícia.

De acordo com os resultados expostos no item analisado, é possível identificar que a grande maioria entendeu que o uso dos termos “braba” e “sentada” tem relação com o contexto musical. Dessa maneira, os estudantes conseguiram resgatar o sentido por meio do trecho que cita a mobilização que a dançarina Clara Araújo exerce nas redes sociais e porque ela “dança bem” (arrasa muito).

As respostas do grupo-classe revelaram uma compreensão adequada sobre a relação do título com trechos (sequências descritivas, expositivas e adjetivações) da notícia. Por outro lado, os dois estudantes que consideraram os termos com sentido negativo, fizeram menção ao nível de informalidade. Inferimos, portanto, a probabilidade de esses estudantes acreditarem que o texto jornalístico deva apresentar linguagem formal.

Ainda, a respeito do sentido positivo ou negativo das estruturas linguísticas adotadas pela publicação, 15 estudantes (de um total de 18) apontaram que os títulos e subtítulos carregavam sentido positivo. Destacamos, também, uma maior diversidade na composição das respostas. Ou seja, os estudantes apresentaram justificativas mais diversificadas para legitimar suas opiniões. Consideramos, assim, uma melhor desenvoltura em relação ao que foi produzido por eles no item anterior.

Nosso terceiro item de análise nesta categoria sugeriu uma observação sobre as escolhas dos termos nos títulos e subtítulos em três jornais pernambucanos. Por se tratar do último questionário aplicado nas oficinas de leituras, a reflexão sobre as especificidades dos jornais serviu para orientar a identificação das características das estruturas linguísticas e contextuais de cada periódico e o tratamento dado por eles para as notícias que versam sobre o ritmo musical passinho.

Com base na leitura de cada notícia, o estudante deveria associar a abordagem da publicação ao título e subtítulo, podendo considerar as escolhas dos termos adequadas ou não. Para este item, levamos em conta a observação das estruturas dos títulos e subtítulos nos jornais trabalhados, a fim de permitir ao estudante analisar a questão proposta. O comparativo entre os jornais foi realizado após a leitura das notícias.

Por meio das reflexões realizadas, conduzimos os estudantes a destacar algum termo ou sentido usado nas estruturas do título e subtítulo que pudesse configurar posição do jornal, considerando as discussões já promovidas a propósito da adequação ou não e do aspecto positivo ou negativo na notícia 1, nos questionários 1 e 2.

Quadro 9 – item do questionário 3 – microestruturas

<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>PERGUNTA</b>
3	<b>A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?</b>

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 10 – títulos e subtítulos dos jornais pernambucanos

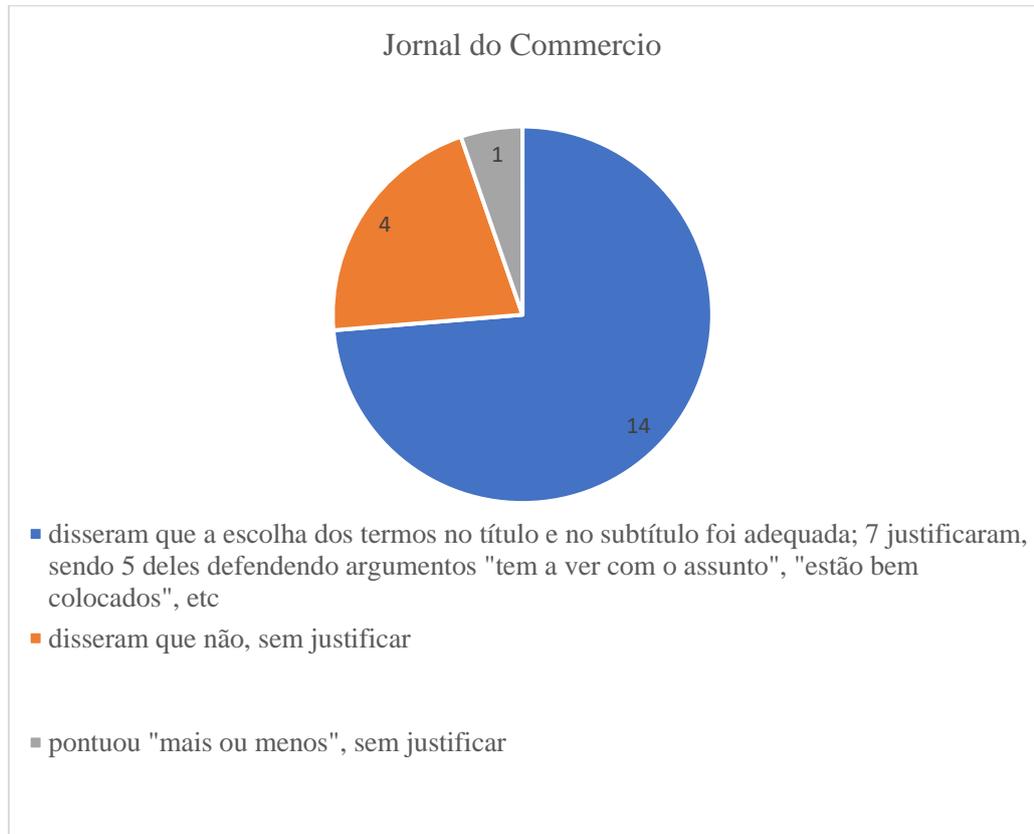
<b>JORNAL</b>	<b>JORNAL DO COMMERCIO</b>	<b>FOLHA DE PERNAMBUCO</b>	<b>DIARIO DE PERNAMBUCO</b>
<b>TÍTULO</b>	MPPE quer que PM evite excessos e não reprima bregafunk no Carnaval 2019	‘Passinho’ reúne centenas de jovens no Marco Zero	Estigma e repressão a grupos de passinho reacendem debate sobre o uso do espaço público
<b>SUBTÍTULO</b>	Para o órgão, polícia deve agir ‘com base nos princípios da legalidade, necessidade, razoabilidade e proporcionalidade durante as manifestações públicas’	Através de divulgação nas mídias sociais, segunda edição da ‘Dança do Passinho’ reuniu centenas de jovens e adolescentes no Bairro do Recife	X
<b>Data de veiculação</b>	28/02/2019	08/01/2019	02/04/2019

Fonte: dados da pesquisa

Na análise deste item, notamos que os estudantes destacaram aspectos diversos no que diz respeito à adequação ou não dos termos usados nos títulos e subtítulos. Por meio atividades executadas nas oficinas, os alunos e alunas puderam observar e pontuar essas estruturas linguísticas em cada jornal. O questionário 3 foi respondido por 19 estudantes.

Explanaremos as informações mais relevantes, destacando o que foi mais perceptível nas respostas dos estudantes para cada notícia.

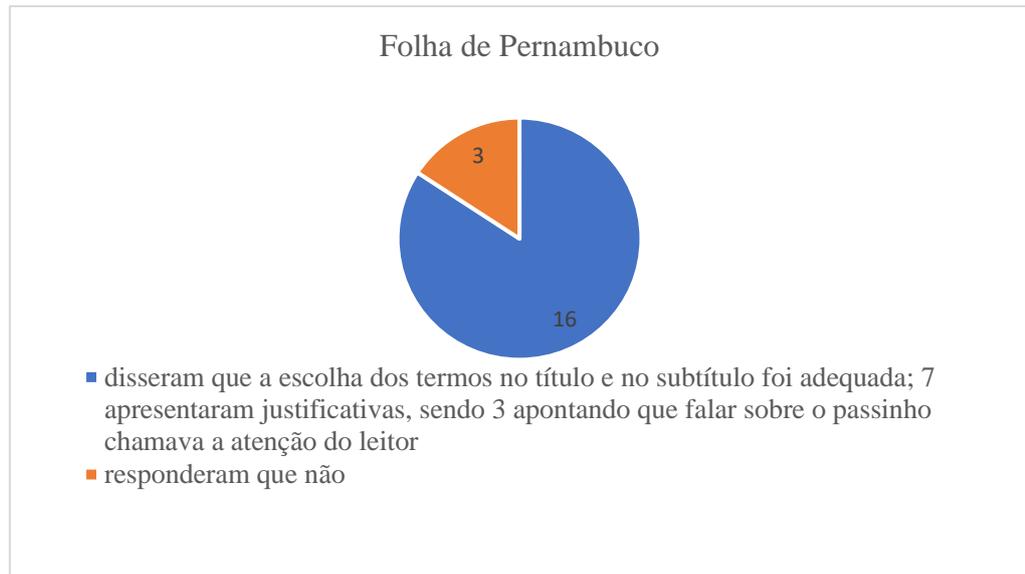
Gráfico 4 – respostas dos estudantes sobre o JC no item 3 – microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

A maioria da turma julgou adequada a escolha do JC para as estruturas analisadas. Ainda que os comentários apresentados tenham demonstrado um nível ainda embrionário na argumentação, consideramos relevante o fato de sete alunos apontarem uma justificativa para as suas respostas.

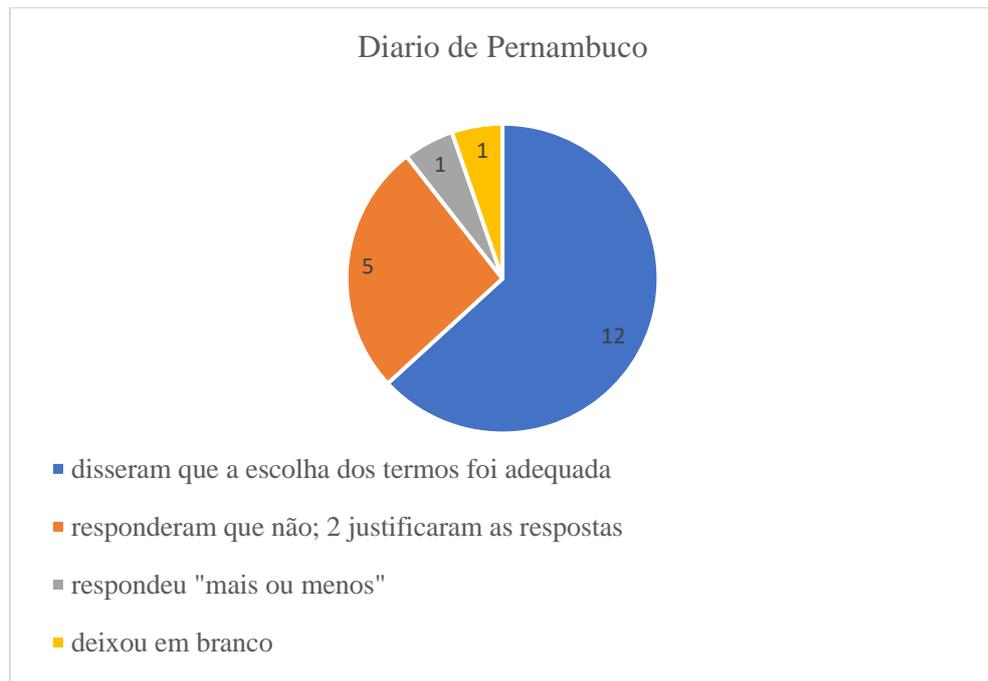
Gráfico 5 – respostas dos estudantes sobre a FP no item 3– microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

Numa direção semelhante ao gráfico anterior, a maioria considerou adequada a escolha dos termos no título e subtítulo da FP. Sete alunos desenvolveram justificativas para suas respostas. Destacamos neste item a direção apontada por três estudantes sobre a adequação das estruturas analisadas, sob a argumentação de que o jornal quis “chamar a atenção do leitor”.

Gráfico 6 – respostas dos estudantes sobre o DP no item 3 – microestruturas



Fonte: dados da pesquisa

Em relação ao DP, analisamos apenas o título, pois a matéria apresentada não continha subtítulo. Frisamos aos estudantes, dessa forma, que a expressão “Racismo ambiental”, presente acima do título, funciona como “chapéu” (termo do jargão jornalístico), recurso que serve para contextualizar o título. Embora a maioria tenha considerado o título adequado, notamos que os alunos não justificaram como o fizeram em relação aos jornais anteriores.

Em linhas gerais, com base nas respostas apresentadas no item analisado, é pertinente destacar os comentários utilizados pelos estudantes para respaldar a adequação ou não do uso de determinados termos nos títulos e subtítulos para as três publicações. Os critérios apresentados variaram tanto para concordar quanto para discordar. Nesse sentido, alguns estudantes consideraram a escolha dos termos como adequada porque os títulos e subtítulos davam conta do assunto ou resumia o que estava sendo tratado na notícia. Para outros, não estavam adequados porque essas estruturas poderiam abordar mais ou melhor a atuação da polícia ou o ritmo do passinho.

A seguir, mostraremos algumas respostas desenvolvidas pelos estudantes, a respeito dos jornais Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco e Diario de Pernambuco, respectivamente.

Figura 21 – resposta 1 – questionário 3 – microestruturas

A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?	Sim, as palavras encaixam várias vezes no título	Sim, é muito adequado	Sim, se encaixa muito bem
---	--	-----------------------	---------------------------

Fonte: dados da pesquisa

Notamos que o(a) estudante justifica a adequação dos termos no título e subtítulo reconhecendo que as “palavras se encaixam”. Embora os comentários sigam a mesma direção, é possível perceber que há algumas diferenças sobre cada jornal. No primeiro, “as palavras se encaixam várias vezes no título”, no segundo, “é muito adequado”, enquanto no terceiro, “se encaixa muito bem”. Inferimos, portanto, que o(a) aluno (a) considerou a relação do título e do subtítulo com a abordagem geral da temática, ou seja, em “as palavras encaixam várias vezes no título” a justificativa pode estar funcionando para dizer não há discrepância ou incoerência nas estruturas analisadas quando se observa o texto propriamente dito.

Figura 22 – resposta 2 – questionário 3 – microestruturas

A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?	Mais ou menos	Sim	Não
---	---------------	-----	-----

Fonte: dados da pesquisa

Percebemos que as respostas do(a) estudante são diferentes para cada jornal. Contudo, não é possível inferir o que o(a) faz considerar a escolha dos termos “mais ou menos” adequada no primeiro jornal, “sim” (adequada) no segundo e “não” (inadequada) no terceiro. Ainda, cabe ressaltar que foi sugerido pelo professor durante a realização da atividade que o grupo-classe poderia justificar suas respostas, desenvolver comentários ou observações que achassem pertinentes sobre suas respostas.

Nesse sentido, consideramos que alguns estudantes apresentaram dificuldades em organizar as respostas por meio da escrita, ainda que tivéssemos orientado a atividade com explicações para o grupo-classe e individualmente. A argumentação sobre as características de cada jornal foi realizada com boa desenvoltura por meio da oralidade nos momentos de debates e discussões.

Figura 23 – resposta 3 – questionário 3 – microestruturas

<p>A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?</p>	<p>não                  foi tão bom, foram muitos os policiais.</p>	<p>sim, por que tem tudo a ver</p>	<p>não tem muito a ver poderia ser o preconceito da polícia com os danças</p>
--	---	------------------------------------	---

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com as observações do(a) estudante, o título e o subtítulo do JC não estão adequados, pois apresenta a PM (Polícia Militar) na estrutura, e, pelos que inferimos, o(a) aluno(a) defende que o assunto/tema da notícia seria outro, por exemplo: Carnaval, bregafunk, passinho etc. Para a FP, ele(ela) defende que está adequado por “ter tudo a ver”. Nesse sentido, essa resposta pode estar associando a adequação ao tema abordado no texto. Para o DP, o(a) aluno(a) diz não “ter muito a ver” e sugere que o título poderia destacar o “preconceito da polícia”. Embora os termos “estigma” e “repressão” carreguem esse sentido, parece não ter sido compreendido. A esse respeito, convém reiterar que a escolha lexical dos jornais pode, muitas vezes, levar o leitor a não entender o significado dos termos.

Figura 24 – resposta 4 – questionário 3 – microestruturas

<p>A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?</p>	<p>sim, pois está falando da reação dos Policiais</p>	<p>sim, pois eles divulgaram mas redes sociais</p>	<p>não</p>
--	---	--	------------

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante justifica a adequação do título e subtítulo na matéria do JC à reação dos policiais (em relação às abordagens nos eventos de bregafunk), como é apontado no texto. Sobre

a notícia da FP, a resposta relaciona o fato de a segunda edição da ‘Dança do Passinho’ ter sido divulgada nas redes sociais, já que o subtítulo traz ‘mídias sociais’. Para a notícia do DP, porém, o(a) aluno(a) apenas indica que a escolha não foi adequada.

Para fechar a análise das microestruturas, observamos as respostas dos estudantes a respeito da adequação dos títulos e subtítulos nos jornais pernambucanos que versavam sobre o bregafunk. Ainda que cada jornal tenha sido lido e analisado isoladamente, a observação sobre as especificidades das abordagens na temática do bregafunk levaria o estudante a considerar a estrutura de títulos e subtítulos de notícias por meio de recortes diferentes sobre o ritmo do passinho.

Enquanto o Jornal do Commercio tratou das recomendações aos policiais nas abordagens às manifestações de bregafunk durante o Carnaval, a Folha de Pernambuco veiculou um evento de dança realizado no Marco Zero e o Diário de Pernambuco abordou o preconceito, a discriminação aos dançarinos de passinho e a discussão sobre o uso dos espaços públicos.

Embora consideremos bastante relevante o que foi apresentado por boa parte dos estudantes, notamos que algumas respostas manifestaram caráter mais geral sobre a adequação dos títulos e subtítulos dos jornais analisados. Alguns comentários transitaram entre “sim”, “não” ou “mais ou menos”, sem maiores aprofundamentos. Nesse sentido, convém elucidar a abordagem respeitosa nos títulos e subtítulos dos três jornais analisados, sobretudo por não utilizarem termos de cunho preconceituoso e por apresentarem consonância com o que estava sendo discutido no texto propriamente dito.

Em alguns momentos, as escolhas lexicais nos títulos e subtítulos despertaram dúvidas nos estudantes sobre o significado dos termos. Nossa orientação, inicialmente, foi pela sugestão de releitura do texto e de se estabelecer relação com o sentido do texto. Disponibilizamos dicionários para que os estudantes pudessem fazer consultas.

Num primeiro momento de leituras, os textos do Jornal do Commercio e da Folha de Pernambuco apresentaram-se com compreensíveis para os estudantes, enquanto que o do Diário de Pernambuco exigiu uma atenção maior.

Dessa forma, a adequação ou inadequação poderia ser citada pelo aluno se ele achasse que algum termo tivesse numa linguagem mais rebuscada, se os léxicos denotassem segregação ou desrespeito, se as estruturas títulos e subtítulos não comungassem com o que foi tratado na notícia ou até mesmo se as estruturas analisadas destacassem um ator social em detrimento de outro, por exemplo. Ou seja, se a notícia falasse sobre dançarinos de bregafunk, mas trouxesse na manchete a abordagem dos policiais ou de algum outro órgão de segurança.

A análise sobre os títulos e subtítulos, no âmbito na nossa pesquisa, como dissemos anteriormente, vai além da questão linguística/lexical. A reflexão sobre essas estruturas nos jornais locais, a respeito da temática do bregafunk, buscou desvelar a relação da linguagem com os aspectos de lutas de poder.

Nessa direção, Wodak (2004) defende que a linguagem tem relação com o poder social. Neste contexto, a linguagem matiza a constante luta pela hegemonia, ao mesmo tempo que a linguagem pode subverter o poder. Dessa maneira, ao propor observação e reflexão sobre os títulos e subtítulos, buscamos levar o estudante a entrar em contato com as escolhas de cada jornal e, respectivamente, com o modo como a empresa aborda a temática do passinho do Recife e as questões sociais relacionadas a ela.

Lançar luz a respeito da adequação ou não das escolhas dos jornais é, de certa forma, um caminho para instigar o estudante a pensar se o título e o subtítulo estão em consonância com a notícia propriamente dita, se as manchetes são claras, se alguma informação poderia ser priorizada em detrimento de outra, se um ou outro jornal apresenta algum termo preconceituoso ou até mesmo busca combatê-lo etc.

Cabe destacar, ainda, a constatação de um itinerário mais elaborado em outras respostas. A justificativa que alguns estudantes utilizaram para defender a escolha adequada dos títulos e subtítulos por parte dos jornais foi “estar bem colocado”, “ter a ver com o que estava sendo discutido”, “falou bem” ou “se encaixa”.

Em linhas gerais, observamos que os resultados apresentados por meio das respostas dos questionários aplicados revelam o grau de envolvimento e de comprometimento dos estudantes com as atividades propostas. É notório constatar o nível de crescimento da turma das discussões iniciais até a aplicação da última ficha de atividades, de forma gradativa.

Nossas reflexões e observações sobre as estruturas linguísticas dos títulos e subtítulos, ao longo da oficina, começaram com a adequação ou não, passando para o sentido positivo ou negativo e finalizaram no olhar para os três maiores jornais pernambucanos. Em se tratando de um sexto ano, acreditamos que os estudantes poderão ampliar nas séries escolares seguintes esse olhar crítico para essas estruturas linguísticas nos textos jornalísticos, como também em contato com outros gêneros textuais, sobretudo para poder apontar injustiças, repressão ou tratamento diferenciado, exercendo uma posição engajada no combate às desigualdades sociais.

### 5.2.2 Categoria questões sociais (macroestruturas)

Na perspectiva da ACD, compreender a notícia é elucidar o contexto que abarca o fato veiculado, no caso da nossa pesquisa, nos textos jornalísticos. De acordo com van Dijk (2015, p.119):

O contexto é constituído por categorias, tais como a definição global da situação, o cenário (tempo, espaço), as ações em curso (incluindo os discursos e os gêneros discursivos), os participantes em vários papéis comunicativos, sociais ou institucionais, assim como suas representações mentais: metas, conhecimento, opiniões, atitudes e ideologias.

Dessa maneira, vários aspectos englobam a produção e a publicação da notícia. É imprescindível no nosso trajeto da pesquisa observar quem são os participantes dos atos descritos nessas notícias, as principais informações evidenciadas e/ou silenciadas e, sobretudo, considerar a existência de uma empresa de comunicação responsável pela circulação de um jornal (impresso ou *on-line*), a fim de desvelarmos as questões subjacentes ao texto jornalístico. Além disso, mobilizar essas etapas requer, muitas vezes, reflexão sobre as questões sociais, percepção sobre ideologias predominantes etc.

Com o objetivo de analisar as respostas dos estudantes, extraímos uma pergunta presente no primeiro questionário da oficina. Essa ficha de atividades tratou da notícia veiculada na Revista Piauí, intitulada Braba na Sentada- A rainha do “passinho dos malokas”, como vimos anteriormente.

Quadro 11 – item do questionário 1 – macroestruturas

QUESTIONÁRIO	PERGUNTA
1	Qual situação está sendo tratada no texto?

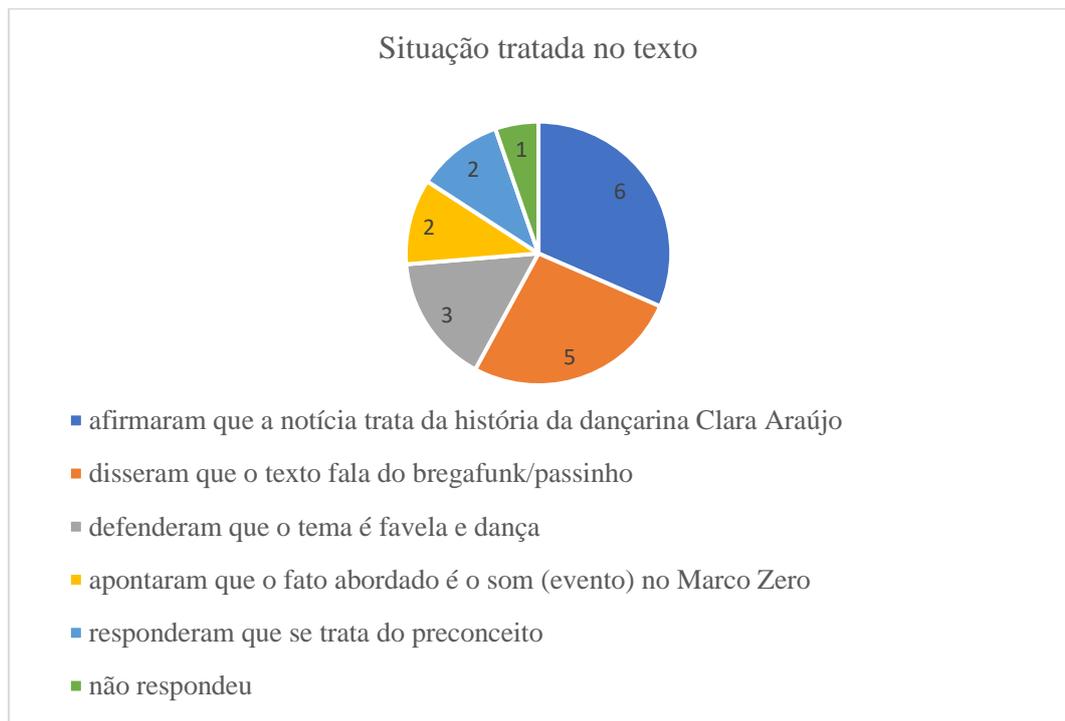
Fonte: dados da pesquisa

Ao apresentarmos uma pergunta que remetesse ao fato abordado no texto, o estudante poderia mobilizar as informações principais, secundárias, título e subtítulo na composição de

sua resposta, assim como ter evidenciado questões sociais dispostas ao longo da notícia. Nesse sentido, convém analisar a direção adotada pelos alunos e alunas sobre a compreensão do fato tratado na notícia.

Com base nas 19 respostas para este item, o fato ou a situação apresentada na notícia é, para alguns, o bregafunk, para outros é o preconceito e há quem afirme que seja a história da dançarina Clara Araújo. De acordo com o que foi proposto aos estudantes, obtivemos:

Gráfico 7 – respostas dos estudantes para o item do questionário 1 – macroestruturas



Fonte: dados da pesquisa

Com base nas respostas expostas neste gráfico, ainda que haja predominância nos comentários que fazem menção a Clara Araújo, dançarina de bregafunk, alguns estudantes apresentaram alguma referência a questões sociais, como preconceito diário, visibilidade das favelas e, respectivamente, a relação do passinho com julgamentos feitos por muitas pessoas. Evidenciaremos algumas das respostas construídas pelos estudantes.

Figura 25 – resposta 1 – questionário 1 – macroestruturas

5) Qual situação está sendo tratada no texto?	Sobre a vida de Clara Araújo, sobre as favelas
---	--

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante relaciona a notícia à “vida de Clara Araújo” e a “favelas”. Embora se trate de uma resposta curta, é correto afirmar que o texto apresenta quem é a jovem Clara Araújo, dançarina de passinho. A temática sobre favelas é resgatada no texto quando a autora discorre sobre as condições dos jovens da periferia.

Figura 26 – resposta 2 – questionário 1 – macroestruturas

5) Qual situação está sendo tratada no texto?	uma sobre passinho é as pessoas que estão nas favelas nem todas são	errado!
---	---	---------

Fonte: dados da pesquisa

O(a) segundo (a) defende que se trata do ‘passinho’ e afirma que a notícia diz que “as pessoas que estão nas favelas nem todas são erradas”. Embora esta afirmativa não esteja presente no texto, nota-se a construção de um ponto de vista sobre o que é apresentado pela jornalista. Cabe destacar que a inferência feita pelo(a) aluno(a) é coerente, ainda que a reportagem, de forma geral, aborde o perfil da dançarina Clara Araújo, o evento de passinho organizado por ela e a realidade socioeconômica dos jovens da periferia.

Figura 27 – resposta 3 – questionário 1 – macroestruturas

5) Qual situação está sendo tratada no texto?	A forma como as pessoas que dançam são vistas, e o preconceito das pessoas
---	--

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante define a situação tratada na notícia como “a forma como as pessoas que dançam são vistas” e “o preconceito das pessoas”. Diferente dos exemplos 1 e 2, o (a) aluno (a) não cita o evento do passinho nem menciona a personagem da reportagem, Clara Araújo.

A propósito do contexto das questões sociais na notícia analisada, convém elucidar a diversidade de comentários produzidos pelos estudantes. O texto trata da vida de uma personagem em meio a um de evento de passinho, no Marco Zero do Recife. Além disso, percorre pelo racismo, pela democratização do lazer, pelo acesso a espaços públicos e pela marginalização dos jovens das periferias.

No que diz respeito ao que investigamos nesta categoria, a pergunta que serviu de base, no primeiro item desta categoria, versou sobre a situação tratada no texto. É preciso levar em conta a possibilidade de o estudante ter citado o que estava mais aparente, de acordo com o título e/ou o subtítulo, termo recorrente no corpo do texto, escolha das imagens etc.

Nessa perspectiva, a nossa proposta visou promover, por meio da reflexão da turma, o olhar sobre a abordagem da notícia, ou seja, o(s) assunto(s) tratado(s) no texto. Os alunos e alunas evidenciaram a história da dançarina, o ritmo musical passinho, a situação das favelas, o preconceito e o evento musical no Marco Zero.

Dessa forma, a compreensão sobre a notícia mobilizou várias experiências anteriores dos estudantes, através do contato com outros textos jornalísticos e/ou práticas sociais, como evidenciamos nas respostas do questionário para o item analisado. Por meio do texto jornalístico trabalhado, foi possível constatar a menção a várias questões sociais.

A discussão sobre as temáticas relacionadas ao universo do bregafunk evidenciou, em alguns momentos, a referência dos alunos a notícias e reportagens vistas nos programas de televisão locais e/ou nas capas de jornais populares (citaram o informativo pernambucano Aqui PE). Muitas vezes os estudantes viam os jovens de periferia sendo retratados na mídia por meio de conteúdos quase sempre relacionados ao mundo da violência, das drogas e dos assassinatos.

A análise da notícia, nesse viés, propiciou reflexão sobre a abordagem da empresa/da jornalista e os assuntos presentes no texto. Como afirmam Resende e Ramalho (2016, p.114):

Entender, por um lado, que a mídia constrói a realidade segundo uma visão particular de mundo submetida, por exemplo, às pressões do mercado e da ideologia dominante e, por outro, entender que há leituras diferentes de um mesmo evento pode ser um princípio para uma leitura crítica, leitura essa que considere tanto a existência de diferentes interesses de grupos sociais em lutas hegemônicas quanto o fato de que o texto da notícia é um produto social que internaliza essas lutas.

Assim, a discussão e o debate sobre as respostas dos questionários serviram para elucidar a amplitude de possibilidades da (para uma) leitura crítica nos textos jornalísticos, a propósito do que as autoras elucidam. A percepção sobre o tema central ou o assunto do texto, como aparecem na maioria dos exercícios escolares, pode ir além de uma resposta padronizada. Em se tratando da escolarização dos textos jornalísticos, defendemos que a reflexão em sala de aula possa contemplar as temáticas sociais presentes no texto, as escolhas lexicais dos jornalistas, o uso de discurso direto e indireto etc.

Em linhas gerais, o item proposto na ficha de atividades serviu para instigar os estudantes a perceber a pluralidade de respostas para a situação tratada, a questão central, o tópico mais amplo etc. Destacamos, contudo, a importância de não se considerar qualquer resposta como relevante. Os estudantes puderam, como dissemos anteriormente, expor suas respostas e, dessa forma, argumentar e refletir sobre suas considerações sobre as questões sociais suscitadas no texto jornalístico.

Obtivemos, dessa forma, resultados positivos no tocante às percepções dos estudantes sobre as questões suscitadas nos textos jornalísticos. Boa parte da turma identificou que a notícia tratava de Clara Araújo, dançarina de passinho; outros enfatizaram o bregafunk/passinho. Podemos considerar corretas todas essas possibilidades de respostas, uma vez que não divergem do tema central da notícia nem apresentam incoerências em relação ao conteúdo.

Contudo, para efeito da nossa pesquisa, cabe enfatizar as respostas que levavam em conta as questões sociais presentes na notícia. Nessa perspectiva, quase todos os estudantes apontaram para uma direção alinhada com o que estava sendo abordado no texto, além dos que fizeram menção ao preconceito, favelas etc.

Dessa maneira, acreditamos que a escolarização do gênero notícia, quando instiga a construção de um olhar crítico no tocante ao que está sendo discutido no texto jornalístico,

pode(rá) ser uma possibilidade para que o estudante possa compreender o texto de uma forma mais ampla, com a perspectiva de pensar sobre eventuais questões no âmbito da sociedade.

Por meio das nossas discussões neste item, defendemos que os estudantes poderão desenvolver um olhar mais aguçado para o ponto de vista da autora a respeito do texto jornalístico, como observaremos na questão para análise do próximo questionário.

No segundo item dessa categoria, propusemos a identificação do ponto de vista da jornalista da publicação, que, por sua vez representa a perspectiva da empresa jornalística que veiculou o texto jornalístico. Dessa forma, ao evidenciar as escolhas na abordagem feita por ela na construção do texto jornalístico o estudante poderia refletir e, respectivamente, posicionar-se acerca da compreensão sobre a discussão a respeito dos movimentos culturais como o bregafunk, o uso do espaço urbano pelos jovens da periferia e o preconceito.

A autora desenvolveu seu texto por meio do uso de sequências expositivas, descrições sobre o lugar, o público presente no evento, o crescimento de grupos de dança nas periferias da cidade, referências e uso de citações diretas da personagem da notícia, Clara Araújo.

Para essa questão, a turma deveria compreender o texto jornalístico em sua totalidade, com a finalidade de reconhecer algum indício que apontasse para a opinião da jornalista (em relação ao tema discutido) na notícia.

Quadro 12 – item do questionário 2 – categoria macroestruturas

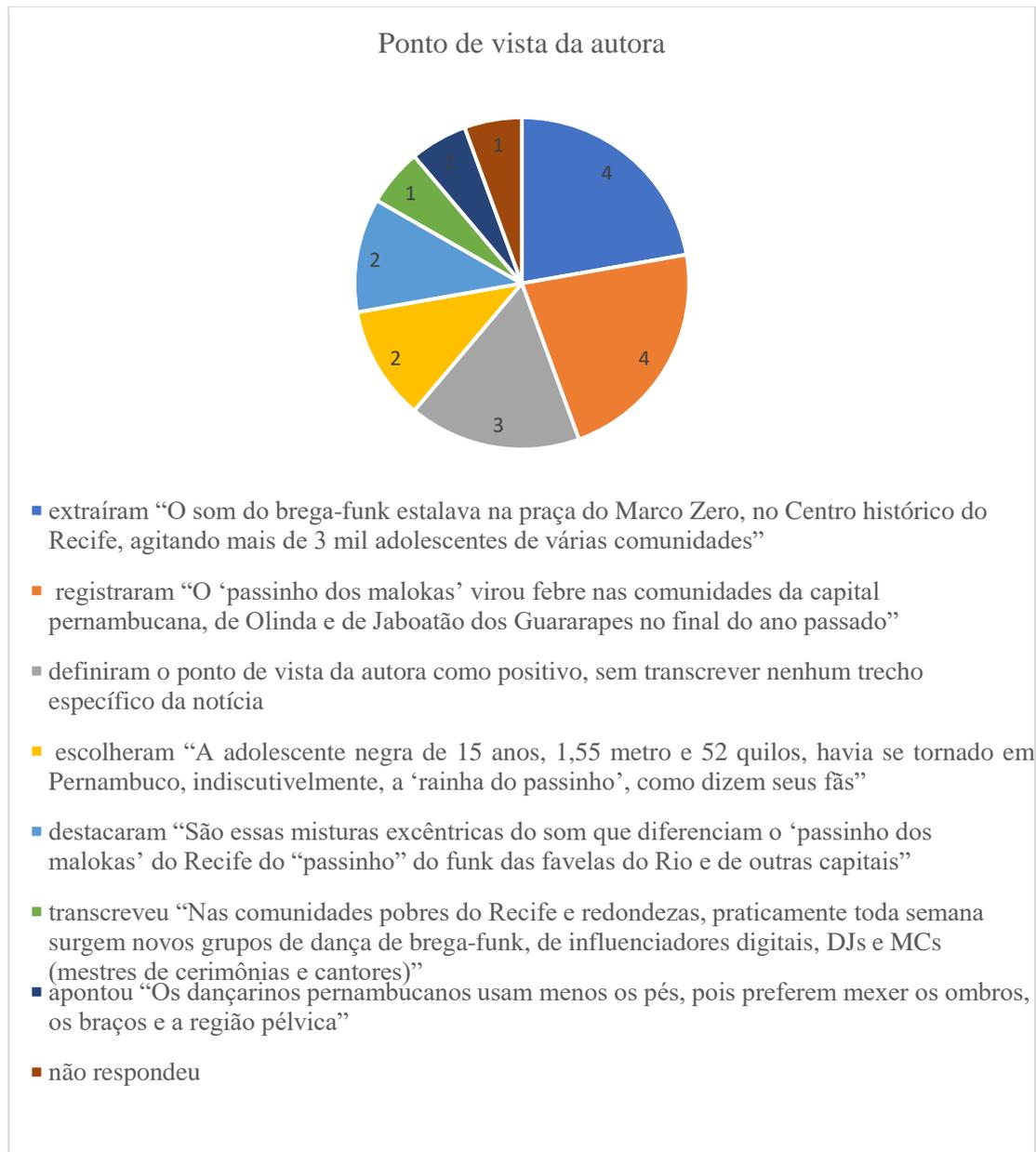
QUESTIONÁRIO	PERGUNTA
2	O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc. Extraia um trecho que represente <b>o ponto de vista da autora</b> sobre o tema.

Fonte: dados da pesquisa

Em relação às respostas dadas pelos estudantes, notamos uma diversidade nos trechos escolhidos por eles para respaldar o ponto de vista da autora. Em linhas gerais, podemos considerar que a maioria escolheu alguma citação referente ao evento do passinho ou ao ritmo propriamente dito. Além disso, outros alunos e alunas pontuaram partes do texto que descrevem fisicamente Clara Araújo, características/expansão do ritmo musical etc.

Fizemos um apanhado sobre o que foi apresentado no item analisado, como veremos a seguir.

Gráfico 8 – respostas dos estudantes para o item do questionário 2 – macroestruturas



Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o que foi construído pelos estudantes, a pluralidade de respostas contemplou as sequências descritivas e expositivas presentes na notícia. Cabe ressaltar que alguns alunos relataram nas etapas de debates e discussões que suas escolhas sobre o ponto de

vista da autora levaram em conta o fato de ela “não ter falado mal” ou “não ter detonado” o passinho/evento sobre o ritmo musical.

Apresentaremos alguns exemplos das respostas elaboradas pelos estudantes.

Figura 28 – resposta 1 – questionário 2 – macroestruturas

O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc.  
 Extraia um trecho que represente o ponto de vista da autora sobre o tema.  
 O "passinho dos malicanos" nasceu favela  
 mas comunidades

Fonte: dados da pesquisa

O trecho destacado pelo(a) estudante, presente no quinto parágrafo do texto, evidencia o olhar da autora sobre o ritmo musical do passinho. Nesse mesmo parágrafo, a jornalista apresenta a expansão do bregafunk pelo Recife e pelas cidades de Olinda e Jaboatão dos Guararapes, além de elucidar como são os movimentos que caracterizam o ritmo musical. Dessa forma, podemos considerar adequado para a proposta solicitada o trecho extraído na atividade.

Figura 29 – resposta 2 – questionário 2 – macroestruturas

O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc.  
 Extraia um trecho que represente o ponto de vista da autora sobre o tema.  
 o ponto de vista dela é positivo porque  
 tem um ponto no artigo que demonstra  
 isso. mas tem um menino que afirma que  
 estar em droga, agente não é só favelado

Fonte: dados da pesquisa

É pertinente destacar que o(a) estudante 2 emite um juízo de valor para o ponto de vista da autora antes mesmo de apresentar o trecho escolhido. Nesse sentido, a explicação inicial é utilizada para justificar a resposta, que faz menção a uma citação de Clara Araújo, na verdade, presente no terceiro parágrafo: “O povo da favela mostrou que tem diferença, que não tem só menino que quer estar em droga, a gente não é só favelado, também tem respeito.”

Cabe salientar o percurso adotado pelo(a) aluno(a) defende que o olhar da autora do texto é positivo sobre os moradores das favelas, embora utilize um trecho de uma fonte que não é a própria autora, como foi sugerido na atividade. Ainda, convém enfatizar ter algum sentido

produtivo esse raciocínio, se levarmos em conta que a escolha de vozes no texto é ideológica e pode refletir a opinião da autora e/ou da empresa jornalística.

Figura 30 – resposta 3 – questionário 2 – macroestruturas

O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc.  
 Extraia um trecho que represente o **ponto de vista da autora** sobre o tema.

São essas misturas excêntricas do som que diferenciam o passinho dos malokas

Fonte: dados da pesquisa

O(a) estudante destacou “São essas misturas excêntricas do som que diferenciam o passinho dos malokas”. Cabe destacar que o trecho completo estabelece um contraponto do passinho do Recife com o funk do Rio e de outras capitais. Nessa direção, infere-se que o(a) estudante pode ter levado em conta os termos “misturas” e “excêntricas” que caracterizam os movimentos físicos da dança do passinho e/ou “diferenciam” também pode ser o ponto de vista da autora, uma vez que se estabelece uma relação de comparação com outro ritmo musical, o funk carioca/brasileiro.

O segundo item observado nesta categoria consistiu em levar os estudantes a observar e selecionar trecho(s) que pudesse(m) estar em consonância com o ponto de vista da autora de Braba na Sentada – A rainha do “passinho dos malokas”. Nessa direção, nossa meta foi levar o estudante a refletir sobre a visão, a percepção ideológica de quem escreve o texto jornalístico, já que algumas escolhas podem apontar para a concepção que se adota a respeito do tema tratado.

Nossa mediação foi no sentido de promover a discussão e o debate sobre a leitura dos comentários dos alunos para o item analisado. Nesse enfoque, consideramos satisfatórias as direções apontadas pelos estudantes, já que a maioria indicou trechos que faziam menção a sequências descritivas e expositivas na notícia. Na perspectiva da ACD, essas escolhas no texto jornalístico não aleatórias. Como assinalam Resende e Ramalho (2016, p.67):

A representação do discurso não é uma mera questão gramatical, ao contrário, é um processo ideológico cuja relevância deve ser considerada. Analisar em textos quais vozes são representadas em discurso direto, quais são representadas em discurso indireto e quais as consequências disso para a valorização ou depreciação do que foi dito e daqueles (as) que pronunciaram os discursos relatados no texto pode lançar luz sobre questões de poder no uso da linguagem.

Nesse sentido, os posicionamentos ideológicos representados no texto jornalístico por meio das escolhas feitas pela jornalista não se restringem ao repertório lexical. A abordagem feita pela jornalista evidenciou o contexto social dos jovens da periferia, a efervescência do ritmo musical passinho no encontro do Marco Zero e o alcance da divulgação do evento nas redes sociais.

Além disso, a escolha da voz em discurso direto e indireto, da própria Clara Araújo, elucida o olhar da autora sobre o passinho. A esse respeito, podemos destacar a resposta apresentada pelo(a) estudante da resposta 2. Embora não tenha citado nenhum trecho específico que justificasse a visão da jornalista, ressaltou que “o ponto de vista dela é positivo porque tem um ponto no artigo que demonstra isso”, fazendo referência a um trecho da fala de Clara Araújo presente no terceiro parágrafo. Ou seja, o(a) aluno(a) justifica o ponto de vista da autora (positivo sobre a temática bregafunk) por meio do uso do discurso direto no texto jornalístico.

Reiteramos, dessa forma, a atuação do professor na elaboração de propostas de leituras que, numa perspectiva de levar o estudante a refletir sobre a temática abordada, promova a imersão do leitor no texto lido. Ao indicar um trecho que indicasse o ponto de vista da autora relacionado às manifestações culturais da periferia, espaço urbano etc., o aluno poderia suscitar os argumentos dispostos na notícia, a abordagem construída pela jornalista e o uso específico de determinadas estruturas linguísticas em função da ideologia, por exemplo. A propósito desse enfoque, Kleiman e Moraes (2002, p.126) afirmam que:

O desenvolvimento de estratégias de leitura adequadas depende da mediação do professor: o tipo de perguntas que ele faz determinará se o aluno lê para memorizar trechos ou para inferir e entender as entrelinhas; se ele lê porque o professor pediu ou porque tem um objetivo que justifique seu envolvimento, se apenas passa os olhos pela página ou se autoavalia constantemente para não perder o fio, se começa a ler como se sua mente fosse uma tabula rasa ou um complexo organismo que precisa ser nutrido.

A partir disso, acreditamos que o trabalho de leitura sobre as especificidades do texto jornalístico como realizamos até aqui na categoria da macroestrutura (a situação tratada e a opinião da autora) buscou preparar o estudante para observar, identificar e refletir sobre as estruturas linguísticas com fins específicos na nossa proposta de leitura. Buscamos, assim, preparar o estudante para desenvolver um olhar mais criterioso sobre três publicações de empresas diferentes, como veremos adiante.

Para o último item da categoria analisada, lançamos questão sobre especificidades de três notícias dos jornais pernambucanos. Nesse sentido, ao apontar a informação principal apresentada na publicação, o estudante poderia levar em conta a forma como o periódico abordou a temática do bregafunk, os dados veiculados para compor a notícia, de quem são as vozes do discurso presentes no texto jornalístico etc.

Quadro 13 – item do questionário 3 – macroestruturas

<b>QUESTIONÁRIO</b>	<b>PERGUNTA</b>
3	Qual a informação principal apresentada na notícia?

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 14 – ordem dos jornais pernambucanos no questionário 3

<b>JORNAIS PERNAMBUCANOS</b>		
<b>JORNAL DO COMMERCIO</b>	<b>FOLHA DE PERNAMBUCO</b>	<b>DIARIO DE PERNAMBUCO</b>

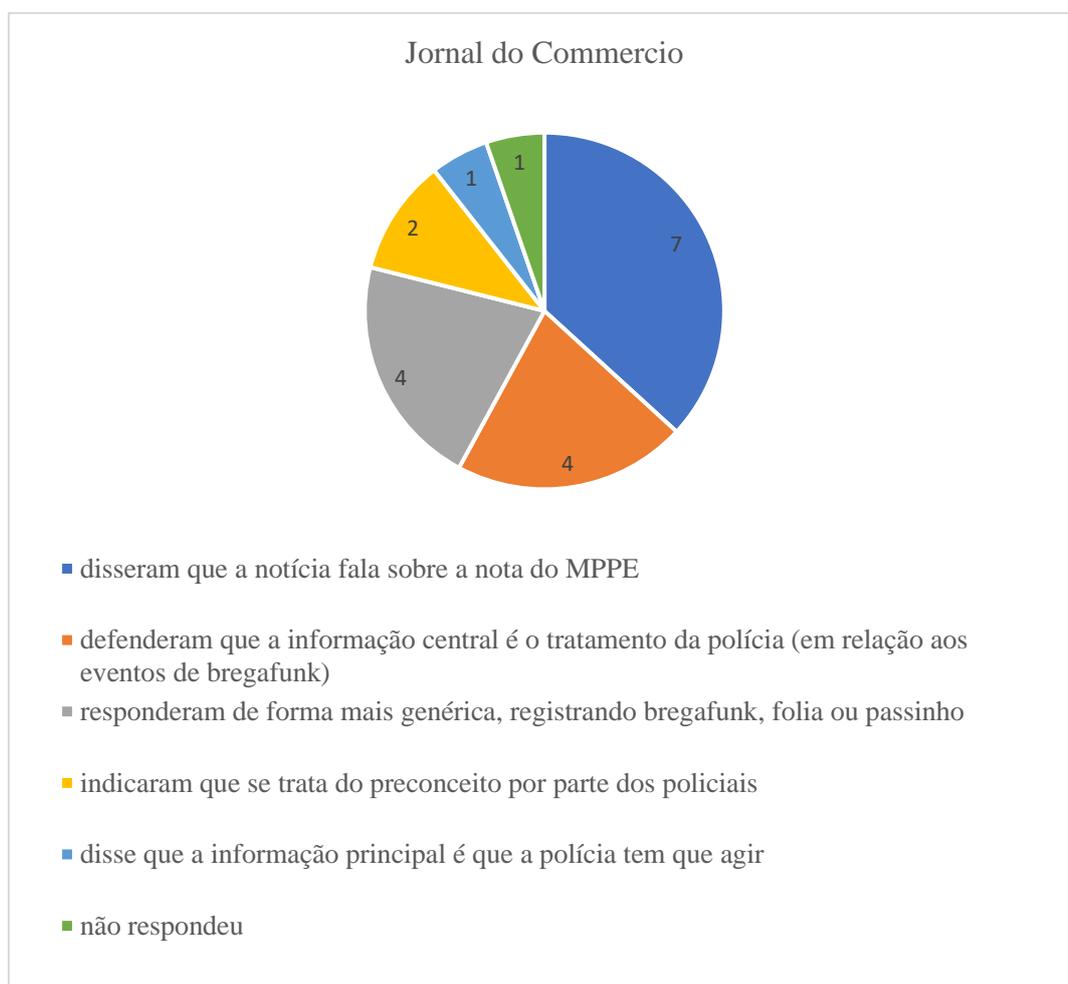
Fonte: dados da pesquisa

Apresentaremos, em linhas gerais, algumas informações dispostas nas notícias, assim como as abordagens adotadas em cada publicação, e pontuaremos as respostas construídas pelos estudantes para este item, respondido por 19 estudantes.

### Jornal do Commercio (JC)

A notícia versa sobre as recomendações do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) a respeito das ações policiais durante o Carnaval. O órgão orientou o cumprimento da legislação no que diz respeito ao direito de manifestação cultural nos espaços públicos. O texto justifica a medida com base em episódios de repressão policial em relação aos grupos de passinho.

Gráfico 9 – respostas dos estudantes sobre o JC no item 3 – macroestruturas



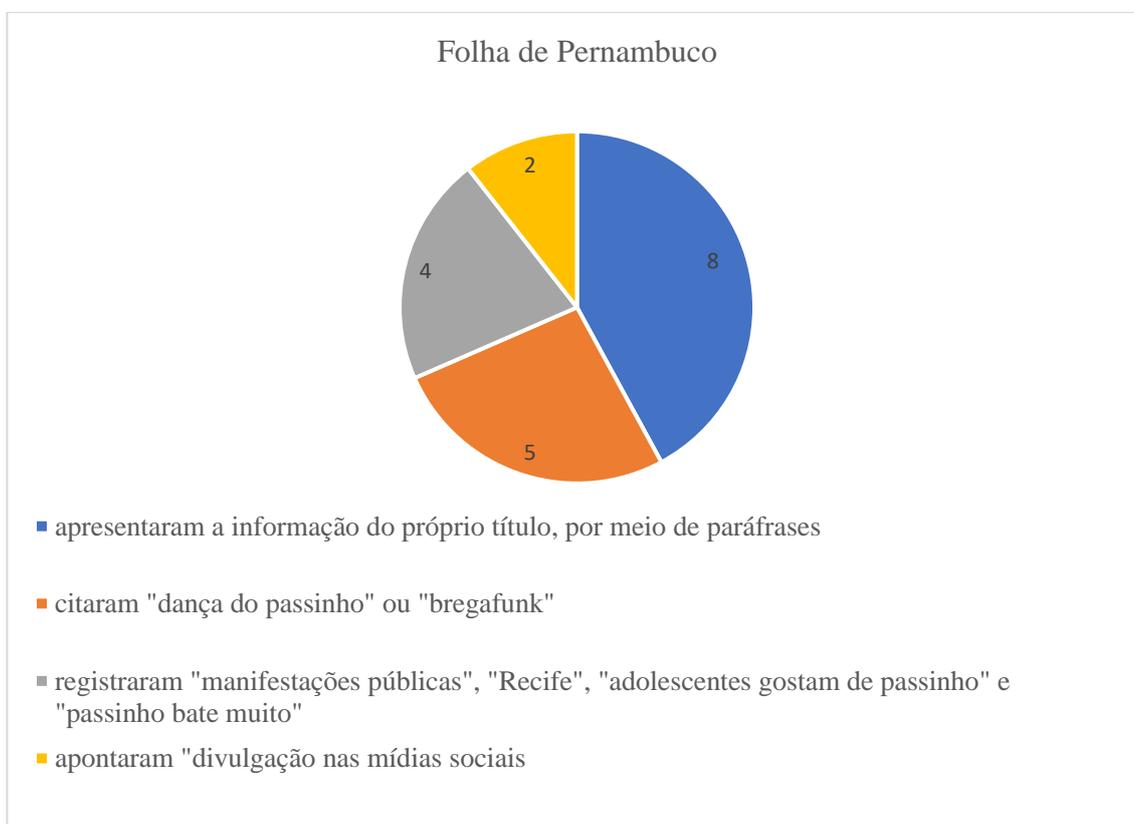
Fonte: dados da pesquisa

Com base nas informações apresentadas pelos estudantes, notamos uma direção mais alinhada às questões referentes ao MPPE e ao comportamento dos policiais em relação aos eventos de bregafunk, discutidos na notícia. Consideramos relevante destacar que a grande maioria construiu uma argumentação mais consistente, sobretudo quando comparamos com questionários anteriores, mais centrados em respostas como “sim” ou “não”.

### Folha de Pernambuco (FP)

A notícia aborda o encontro ‘Dança do Passinho’, realizado no Marco Zero. O texto apresenta o contexto dos movimentos culturais no Recife e a relação direta com a expressão artística presente na periferia, por meios dos DJs e MCs. Além de citar os grupos de dança, traz falas de três jovens que participam do evento. O título e o subtítulo dão conta das informações principais (já que citam o evento, o meio de divulgação, o local e o quantitativo do público presente).

Gráfico 10 – respostas dos estudantes sobre a FP no item 3 – macroestruturas



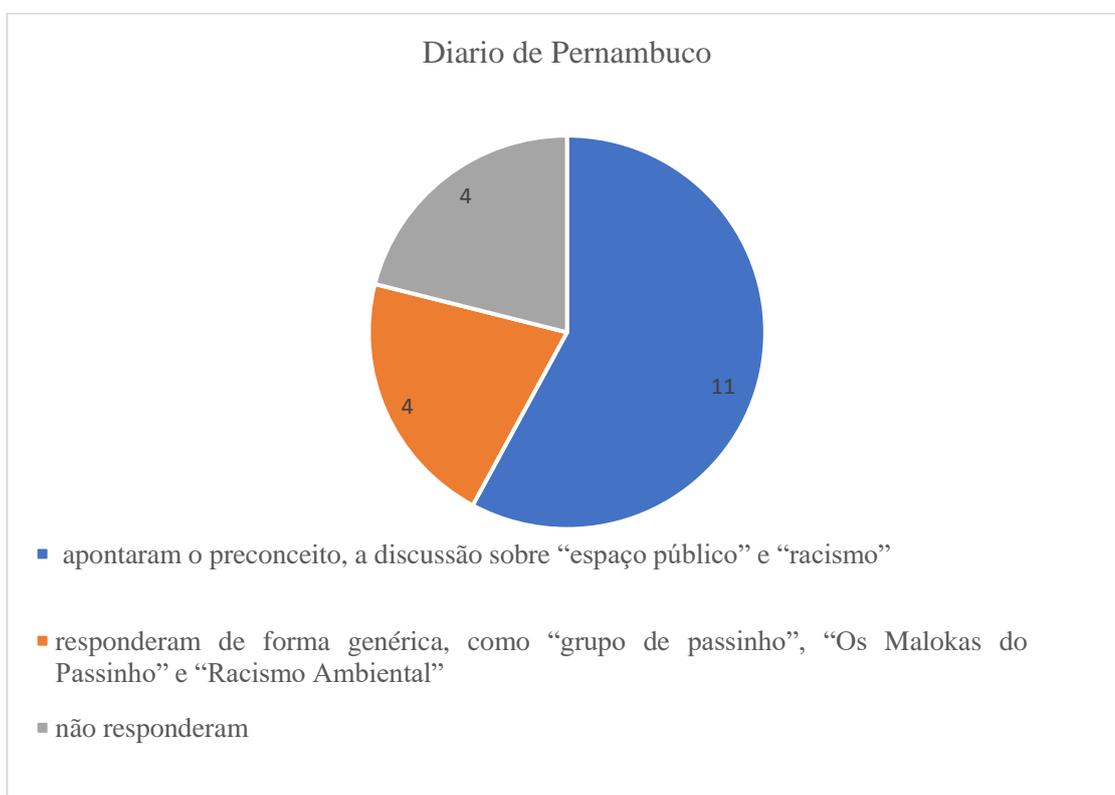
Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o que foi desenvolvido pela turma, notamos uma variedade de respostas para o item analisado. Assim, os estudantes mobilizaram informações presentes no corpo do texto, no título e no subtítulo. É possível que boa parte dos alunos tenha elaborado a resposta com base na foto disposta na notícia, que traz a dançarina no meio da multidão no evento de bregafunk do Marco Zero.

### Diário de Pernambuco (DP)

O texto propõe uma contextualização sobre a origem dos grupos de passinho do Recife, identificando a relação dos jovens da periferia com os movimentos culturais. A notícia aborda o uso dos espaços públicos por motivo da repressão (policial) e do preconceito recorrentes em relação a eventos de dança, promovido por jovens das periferias. A notícia apresenta também falas de uma líder de um grupo de passinho, de uma advogada, do secretário municipal de Segurança Urbana e de uma mestranda que estuda o racismo ambiental.

Gráfico 11 – respostas dos estudantes sobre o DP no item 3 – macroestruturas



Fonte: dados da pesquisa

Para a notícia do DP, apontamos a predominância de respostas que mencionam a abordagem sobre espaço público e racismo. Ainda que se trate de um texto com mais falas de especialistas, ou seja, mais denso, os estudantes não limitaram as respostas a comentários genéricos sobre o ritmo musical, como observamos nos questionários anteriores.

Nosso intuito foi levar o estudante a observar, refletir e, conseqüentemente, identificar a abordagem de cada notícia/jornal. Apresentaremos alguns exemplos das atividades dos

alunos, com a finalidade de mostrar a diversidade das respostas sobre o Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco e Diário de Pernambuco, respectivamente.

Figura 31 – resposta 1 – questionário 3 – macroestruturas

Qual a informação principal apresentada na notícia?	O modo como a polícia trata os dançarinos	Que os jovens gostam do passinho	Que jovens gostam do passinho
---	---	----------------------------------	-------------------------------

Fonte: dados da pesquisa

Para o(a) estudante 1, a informação principal da notícia do JC é o tratamento dos policiais com os dançarinos, enquanto para as da FP e do DP é “jovens gostam do passinho”. Cabe destacar que seriam possíveis outros rumos nas respostas, ainda que essas apresentadas estejam corretas.

Figura 32 – resposta 2 – questionário 3 – macroestruturas

Qual a informação principal apresentada na notícia?	Brega Funk	Panca PO' Parzinho	Os Malokas do Parzinho
---	------------	--------------------	------------------------

Fonte: dados da pesquisa

As respostas apresentadas pelo (a) estudante não são desenvolvidas por meio de algum aspecto social/ de contexto da notícia. Embora ele/ela utilize palavras-chave presentes nos textos jornalísticos, não há uma conexão clara com as temáticas sociais. O termo “Bregafunk” aparece, de fato, no JC (no título e no corpo do texto), assim como a resposta “Dança do Passinho” é localizada no início da notícia da FP. Já para o DP, o(a) aluno(a) aponta “Os Malokas do Passinho”, ainda que não esteja presente na notícia. A menção ao grupo é feita na reportagem Braba na Sentada – A rainha do “passinho dos malokas”. Vale enfatizar, todavia, o

alinhamento dos itens “Bregafunk”, Dança do Passinho” e “Os Malokas do Passinho” em relação ao campo semântico da temática tratada em todas as notícias.

Figura 33 – resposta 3 – questionário 3 – macroestruturas

Qual a informação principal apresentada na notícia?	Polícia. Os policiais e os preconceitos	Brega funk	Sobre a movimentação no marco zero
---	--	------------	------------------------------------

Fonte: dados da pesquisa

Sobre a matéria do JC, o(a) estudante aponta “Os policiais e os preconceitos”, ainda que o texto jornalístico trate de recomendações do MPPE sobre abordagens durante o Carnaval. É possível inferir que o(a) estudante tenha construído sua resposta por meio das próprias orientações do MPPE aos policiais, descritas ao longo do texto. Contudo, para a notícia da FP o registro “bregafunk”, é apresentado sem relação a nenhuma situação específica, como o evento de passinho em questão na matéria. Na notícia do DP o(a) estudante indica se tratar da movimentação no Marco Zero, porém não elucida as discussões presentes no texto, como o preconceito e a repressão a grupos de passinho nem a recorrência de vozes de autoridades no texto.

Figura 34 – resposta 4 – questionário 3 – macroestruturas

Qual a informação principal apresentada na notícia?	Polícia e como eles agem	Se comenta no brega funk	o preconceito e o racismo com os dançarinos do Brega funk
---	--------------------------	--------------------------	---

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o que foi apresentado, notamos a presença de um recorte mais alinhado com as discussões propostas nos textos. Para a matéria do JC, o(a) estudante apresentou a

informação principal como “Os policiais e como eles agiram”, enquanto para a FP “Se concentrou no bregafunk” e, para o DP, a resposta foi “O preconceito e o racismo com os dançarinos do bregafunk”. Podemos destacar, neste caso, um olhar específico para as questões elucidadas em cada texto jornalístico, ainda que a temática do bregafunk seja o mote para todos eles.

Buscamos, dessa forma, suscitar discussão sobre a informação principal de cada texto jornalístico no contexto do bregafunk. Nesse sentido, as questões sociais puderam ser evidenciadas por meio das escolhas de direcionamento dos jornais. Nosso intuito nesse item analisado foi levar o estudante a perceber como o mesmo assunto pode estar disposto nas notícias de formas diferentes, elucidando, dessa forma, a perspectiva ideológica do jornal sobre a temática.

Com base no que analisamos na categoria das questões sociais, observamos que as macroestruturas podem revelar as intenções (do jornal, do autor ou do mercado publicitário), a revisão ou manutenção dos modelos mentais e as constantes lutas de poder por meio das abordagens das temáticas sociais. Dessa maneira, a perspectiva de ideologia no percurso da nossa pesquisa esteve a serviço de desvelar as constantes lutas de poder presentes no texto jornalístico. Como assinala Fairclough (2001, p.121):

As ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia.

Neste enfoque, levamos em conta nos debates e discussões a existência de uma empresa midiática, do jornalista que escreve, do editor que revisa, dos valores culturais e históricos (ou a refutação sobre eles), das marcas que divulgam seus produtos no jornal e de tantas outras questões ideológicas subjacentes ao texto jornalístico.

Na perspectiva do nosso trabalho, lançamos o olhar crítico sobre o texto jornalístico quando fomentamos reflexão sobre o que viria a ser a informação principal da notícia, o ponto de vista de quem escreve e quando resgatamos as discussões suscitadas pelos jornais no tocante ao debate sobre a(s) temática(s) vislumbradas no texto jornalístico. No recorte da nossa pesquisa, o bregafunk e as questões que perpassam pelo ritmo musical: preconceito, truculência, falta de acesso a espaços públicos, condições sociais nas favelas etc. A esse respeito, van Dijk (2015, p.73) defende que “a mídia jornalística decide quais atores serão representados na arena pública, o que será dito a respeito deles e, em especial, como será dito.”

Os posicionamentos dos jornais, neste caso, podem ser desvelados quando refletimos não só com base nas estruturas linguísticas, mas pela forma como eles são organizados, e apresentados. Assim, ao mobilizar informações sobre as notícias dos três jornais os estudantes puderam percorrer sobre as abordagens das temáticas sociais, o uso do discurso direto e indireto para evidenciar as escolhas das fontes, a recorrência das sequências descritivas e expositivas.

Em relação ao último item analisado, percebemos um avanço quando comparamos essas respostas com as das primeiras etapas das oficinas. Nesse viés, a turma, de forma geral, apontou para aspectos específicos de cada notícia lida, diferentemente de várias respostas iniciais centradas no “sim” ou “não”. Ainda que muitas respostas da última categoria de análise tenham ficado centradas no âmbito do bregafunk e do passinho, boa parte do grupo elucidou temáticas discutidas (direta ou indiretamente) nas notícias, como preconceito, estigma, direito ao lazer, a juventude nas periferias e visibilidade dos grupos de danças discriminados. Respaldamos, dessa forma, a importância dos primeiros momentos das oficinas com o intuito de preparar o estudante para a etapa de leitura e comparação dos jornais pernambucanos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura em sala de aula constitui-se como um dos recursos pedagógicos imperiosos em todas as fases da vida escolar. A prática do professor, nesse sentido, direciona sua abordagem em relação às perspectivas aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa. Sabemos que a uma formação leitora eficiente durante o percurso do estudante permite-o chegar às etapas de Ensino Médio e Superior compreendendo os implícitos, as funções específicas de determinadas estruturas linguísticas, desenvolvendo a argumentação nas propostas de debates e nas atividades de produção de texto.

Por meio da escolha de textos jornalísticos que despertem a atenção dos estudantes, é possível propor metodologia de leitura crítica, através da qual os alunos possam compreender o contexto no qual eles estão inseridos e expressar como eles veem no cotidiano as situações tratadas. Ao refletir sobre as nossas práticas pedagógicas diárias, sobre a falta de sugestões inovadoras nas formações continuadas e sobre as propostas apresentadas nos próprios livros didáticos, o nosso trajeto de pesquisa reitera a importância da concepção de leitura da notícia em sala de aula a partir da leitura de textos que fomentem reflexões sobre situações próximas à realidade do grupo, como preconceito, discriminação policial e falta de oportunidades aos jovens da periferia.

Apresentamos uma contextualização sobre a prática jornalística nas redações dos jornais, a fim de fundamentar nossa pesquisa a respeito das questões que perpassam pelo exercício do jornalismo. Nosso embasamento foi respaldado em de Traquina (2005), Rossi (2007), Lage (2012) e Pena (2017). Nesse sentido, o entendimento sobre a produção e a circulação da notícia consideram os valores-notícia e os critérios de noticiabilidade, ainda que muitas vezes um fato ganhe maior ou menor relevo de um jornal para outro, assim como observamos diferenças nas abordagens de veículo para veículo de comunicação.

A propósito de leitura e linguagem, o nosso estudo foi fundamentado nas discussões e enquadres teóricos de Bakhtin (1997), Kleiman e Moraes (2002), Bazerman (2006), Riolfi (2008) e Koch e Elias (2010). As nossas escolhas teóricas, dessa forma, comungaram com o aporte teórico da ACD e, automaticamente, forneceram subsídios para uma abordagem na qual o texto jornalístico está a serviço de ser desvelado ao mesmo tempo que busca conscientizar o estudante sobre seu lugar social nas discussões promovidas no âmbito da sala de aula, que impactam em suas vivências fora do espaço da escola. O olhar crítico para as notícias trabalhadas durante as oficinas recorreu às orientações documentais da BNCC, dos PCN, da

Política de Ensino do Recife e do Currículo de Pernambuco, para legitimar a abordagem sobre o ensino de notícia nos anos finais.

A pesquisa levou em consideração o enquadre teórico da ACD por meio dos estudos Fairclough (2001), Wodak (2004) e van Dijk (2015, 2017). Nesse sentido, é imprescindível instigar o estudante do 6º ano, recém chegado ao ensino fundamental – anos finais, a transpor as discussões propostas na escola para a vida fora da escola, atentando para a importância do engajamento social com as questões que promovem exclusão e desigualdade no dia a dia.

A metodologia adotada no nosso trabalho foi constituída por meio da abordagem qualitativa. A pesquisa-ação, no nosso contexto, fundamentou a nossa intervenção para proposta de uma questão que identificamos ao longo de nosso percurso didático em sala de aula. Dessa forma, buscamos refletir sobre a escolarização do gênero notícia e, respectivamente, propor intervenção por meio de oficinas de leituras de notícias (da Revista Piauí e de três jornais do Recife) sobre o passinho do Recife, com o foco no olhar crítico sobre as intenções das respectivas publicações.

A pesquisa foi realizada em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Dr. Rodolfo Aureliano, no bairro da Várzea, Recife- PE. A intervenção foi realizada durante 10 aulas, através de uma abordagem de leituras de textos intercaladas com debates e discussões. As etapas das oficinas contemplaram a aplicação de três questionários nos quais os estudantes deveriam responder aos itens sobre as notícias trabalhadas.

Para estabelecer nosso percurso nas análises, delimitamos nossas observações de pesquisa para duas categorias: as microestruturas (referentes aos títulos e aos subtítulos) e as macroestruturas (correspondentes às questões sociais e contextuais) da temática central: o bregafunk/ passinho do Recife. As oficinas de leituras foram realizadas no segundo semestre de 2019, durante 10 aulas. Embora a turma seja composta por 27 estudantes não conseguimos contemplar a todo grupo no trajeto da intervenção. Alguns estudantes faltaram às aulas no decorrer na aplicação das atividades, o que fez com que nosso alcance tenha chegado ao máximo de 19 alunos em um dos questionários.

A realização das oficinas ocorreu de forma interativa e em ambientes diferentes. Utilizamos os espaços da sala de vídeo e da biblioteca. Nesse sentido, pela utilização de cadeiras e mesas plásticas foi mais fácil a formação de semicírculo para os debates e discussões. O espaço da biblioteca contribuiu para que os alunos pudessem acessar dicionários quando sentiram necessidade de pesquisar algum termo durante as leituras dos textos. Além disso, esses ambientes são climatizados e ficam localizados em um corredor mais afastado das salas de aulas

regulares, o que também evita dispersão dos estudantes, seja por causa do calor ou do barulho externo.

Após aplicarmos três questionários referentes às notícias da revista Piauí, do Jornal do Commercio, da Folha de Pernambuco e do Diário de Pernambuco, delimitamos seis perguntas do total de todas as fichas de atividades, a fim de analisar as categorias microestruturas (títulos e subtítulos) e as macroestruturas (questões sociais). A análise dos dados consistiu na escolha de 3 ou 4 comentários dos estudantes para cada item observado, assim como fizemos um apanhado para as respostas gerais da turma. Nesse sentido, pudemos sedimentar nossas análises através da relação que os estudantes apresentaram nas respostas das fichas de atividades para as questões propostas.

Nessa direção, consideramos relevantes os resultados obtidos no nosso percurso. Na primeira categoria analisada, os estudantes refletiram sobre as estruturas linguísticas nos títulos e subtítulos com foco na adequação dessas escolhas e o sentido positivo ou negativo dos termos “braba” e “sentada”. Muitos estudantes apontaram uma direção reflexiva sobre o aspecto ideológico presente no uso dos termos observados.

A maioria associou que o uso de gírias na manchete de uma notícia não significava discrepância, uma vez que o nível de informalidade apresentava compatibilidade com a temática abordada, segundo a classe. No comparativo entre os jornais, boa parte dos alunos associou as escolhas linguísticas nas estruturas analisadas por “ter a ver com o assunto”, “por ter falado bem sobre o passinho” ou “por ter dado destaque” a algum item lexical nas manchetes. Embora os resultados não tenham saído das nossas expectativas, acreditamos que outros conteúdos gramaticais poderiam ter sido contemplados nas oficinas, a fim de contribuir no percurso das reflexões dos estudantes sobre os títulos e subtítulos, como o uso da voz passiva e da voz ativa e a adjetivação em textos jornalísticos. Para isso, seria conveniente uma maior quantidade de aulas nas oficinas para contemplarmos questões específicas de gramática.

Na categoria sobre as questões sociais, observamos um direcionamento nas respostas, para a maioria dos estudantes, no que diz respeito ao tema central e aos assuntos relacionados ao contexto do passinho. Ao propor que os estudantes discorressem sobre a situação tratada, o ponto de vista da autora e a informação central de cada jornal, os alunos deveriam mobilizar informações expostas nas notícias, assim como implícitos e outras questões suscitadas nos momentos de debates e discussões.

Ainda que os textos tivessem sido adaptados, para estarem condizentes com a faixa etária da turma e com as propostas do currículo para sexto ano, logramos resultados satisfatórios

no decorrer de todas as etapas realizadas na nossa intervenção. Consideramos relevantes os momentos de debates, reflexões, leituras individuais e em grupos, realização dos questionários, produção dos cartazes e culminância sobre os aspectos positivos do bairro.

Acreditamos, ainda, na importância e na legitimidade de propostas de leituras em sala de aula com foco no olhar crítico sobre temas sociais durante toda as etapas escolares. Dessa forma, as aulas de Língua Portuguesa cumprirão o papel de fomentar nos discentes a percepção a respeito das questões sociais presentes no cotidiano, que, muitas vezes são pouco debatidas ou socializadas de forma respeitosa e esclarecedora.

Esse percurso de estudo com a notícia contribuiu para que os estudantes tivessem um primeiro contato com o gênero sob uma perspectiva do texto extraído de jornais de grande circulação, sobre temáticas e assuntos próximos da realidade deles, com espaço para reflexão sobre situações intrínsecas ao conteúdo proposto nas notícias. Embora não tivesse feito parte diretamente do nosso plano de aulas, a criação do jornal informativo “De olho na notícia” teve o objetivo de levar o estudante a aplicar as discussões e debates suscitados nas oficinas, imprimindo um olhar engajado, cidadão e respeitoso sobre o bairro e a comunidade a qual eles pertencem.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. In: DIONISIO, A.P; HOFFNAGEL, J.C (Org.), São Paulo: Cortez, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)**. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- COTTA, P. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FARIA, M.A; ZANCHETTA JR., J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- KLEIMAN, A.B; MORAES, S.E. **Leitura e interdisciplinaridade**. Tecendo redes nos projetos da escola. 2. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- KOCH, I.V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo – Norte e Sul**. Tradução: Rafael Varela Junior. São Paulo: EDUSP, 1997.
- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- LOPES, A. Passinho reúne centenas de jovens no Marco Zero. **Folha de Pernambuco**. Recife, 09 de jan. de 2019. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/passinho-reune-centenas-de-jovens-no-marco-zero/92725/>. Acesso em 20 de jun. de 2019.
- MEDEIROS, M. **Montanha-russa: crônicas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
- OLIVEIRA, L.A.; CARVALHO, M.A.B. Fairclough. In: OLIVEIRA, L.A. (Org). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p.281- 310.
- OLIVEIRA, L.A. van Dijk. In: OLIVEIRA, L.A. (Org). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. .311 - 366.
- PAIVA, V.L.M. de O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1.ed. São Paulo: Parábola. 2019.
- PARA VIVER JUNTOS: **português**, 6º ano: anos finais: ensino fundamental. 4. ed. São Paulo: Edições SM, 2015.
- PENA, F. **Teoria do jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental, área de linguagens.** Recife. 2019.

RECIFE, Secretaria de Educação. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: Subsídios para atualização da organização curricular.** MAÇAIRA, E. de F. L.; SOUZA, Katia Marcelina de; GUERRA, M.M. Del G. (Org.). 2.ed. Recife: Secretaria de Educação: 2014.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

RIOLFI, C. et al. **Ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Thomson Learning, 2016.

ROSSI, C. **O que é jornalismo.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SUAREZ, J. Braba na sentada. A rainha do passinho dos malokas. **Piauí**, São Paulo, mar. de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/braba-na-sentada/>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo.** Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

UNIVERSOS: **língua portuguesa**, 6º ano: anos finais: ensino fundamental. 3.ed. São Paulo: Edições SM. 2015.

VAN DIJK, T.A. **Discurso e Poder.** In: HOFFNAGEL, J; FALCONE, K. (Org.), 2.ed. São Paulo. Contexto. 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso e contexto.** Uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2017.

VASCONCELOS, R. Estigma e repressão a grupos de passinho reacendem debate sobre uso do espaço público. **Diário de Pernambuco**, Recife, 02 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/04/estigma-e-repressao-a-grupos-de-passinho-reacendem-debate-sobre-o-uso.html>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

VIEIRA, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2ª edição. 2016.

VILAR, F. MPPE quer que PM evite excessos e não reprima bregafunk no Carnaval 2019. **Jornal do Commercio.** Recife, 28 de fev. de 2019. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/02/28/mppe-quer-que-pm-evite-excessos-e-nao-reprima-bregafunk-no-carnaval-2019-372691.php>. Acesso em 20 de jun. de 2019.

WODAK, Ruth. **DO QUE TRATA A ACD** – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Disponível em:

[http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/297/313](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/313)

. Acesso em 13 de mar. de 2018.

## APÊNDICE A – PLANOS DE AULA DAS OFICINAS

<b>AULAS 1 E 2</b> A apresentação do texto jornalístico	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geral</li> <li>• Específicos</li> </ul>	<p><b>Apresentar o gênero notícia por meio da notícia sobre o bregafunk</b></p> <p>Levar o estudante a observar a estrutura composicional da notícia; discutir sobre o passinho; fomentar debate sobre intenções dos jornais por meio da escolha de determinadas estruturas linguísticas</p>
<b>Eixo de ensino</b>	Leitura/ oralidade/ produção de textos escritos/ análise linguística
<b>Descrição das atividades</b>	<p>Com a sala em semicírculo, será sugerida leitura individual (notícia 1) – 20 min.</p> <p>Pediremos a um voluntário para ler para a turma. – 5 min.</p> <p>Aplicaremos questionário 1, a fim de observar as impressões sobre a leitura. Os estudantes poderão tirar dúvidas com o professor. – 25 min.</p> <p>Leitura das respostas relevantes de 2 ou 3 alunos. Intercalaremos com discussões sobre a temática. – 10 min.</p> <p>Suscitaremos reflexões a fim de preparar os estudantes para as próximas etapas, com perguntas na lousa: <b>Como o jornal fala sobre o bregafunk?, A notícia apresenta as dançarinas de forma positiva ou negativa?, Há palavras no texto que expressam algum tipo de preconceito?</b> – 30 min.</p> <p>Espera-se para esta fase que o estudante consiga entender, mesmo que de forma embrionária, como a notícia é estruturada. Por meio das perguntas direcionadas no questionário, acreditamos que o estudante poderá refletir sobre a hierarquização dos sintagmas no título e no subtítulo, a escolha de determinadas palavras, a condução do fato pelo jornal, a função informativa e a reflexão sobre temáticas sociais.</p>
<b>Material necessário</b>	Cópia da notícia 1, ficha de atividades impressa, caderno e canetas
<b>Avaliação</b>	Participação na leitura, comentários pertinentes durante debate/discussão e realização de questionário

<b>AULAS 3 E 4</b> Reflexão sobre a temática e análises das estruturas	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geral</li> <li>• Específicos</li> </ul>	<b>Discutir sobre os aspectos linguísticos e contextuais/ideológicos da notícia</b>  Identificar posicionamentos positivos e/ou negativos no texto jornalístico; debater sobre as respostas dos questionários dos estudantes; observar a função dos títulos e subtítulos na notícia; identificar a visão dos jornais por meio das escolhas lexicais.
<b>Eixo de ensino</b>	Leitura/ oralidade/ produção de textos escritos/ análise linguística
<b>Descrição das atividades</b>	<p>Com a sala em semicírculo, retomaremos as discussões levantadas na aula passada. Caberá ao professor, discutir sobre as respostas apresentadas na atividade, levantando outras discussões sobre manifestações culturais da periferia, preconceito, estigmatização de grupos sociais na cobertura das notícias para casos que envolvam jovens da periferia ou moradores de bairros poder aquisitivo elevado, por exemplo. – 45 min.</p> <p>Aplicaremos questionário 2 com questões mais específicas sobre a notícia 1. – 25 min.</p> <p>Leitura das respostas relevantes de 2 ou 3 alunos. Intercalaremos com discussões sobre a temática. – 25 min.</p> <p>Esperamos que os estudantes possam observar a organização estrutural de uma notícia por meio do título, do subtítulo, do discurso direto e as questões ideológicas/contextuais no corpo do texto.</p>
<b>Material necessário</b>	Cópia da notícia 1, ficha de atividades impressa, canetas e cadernos
<b>Avaliação</b>	Participação no debate por meio de comentários pertinentes e na atividade do questionário

<b>AULAS 5 E 6</b> Leituras de notícias e comparações entre os jornais locais	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geral</li> <li>• Específicos</li> </ul>	<p><b>Identificar as questões linguísticas e ideológicas nos jornais pernambucanos</b></p> <p>Observar a organização das estruturas título e subtítulo; pontuar as falas escolhidas nas notícias; comparar os discursos dos jornais.</p>
<b>Eixo de ensino</b>	Leitura/ oralidade/ produção de textos/ análise linguística
<b>Descrição das atividades</b>	<p>Em grupos de até 4 estudantes, será sugerida a leitura dos textos jornalísticos do Jornal do Commercio (notícia 2), Folha de Pernambuco (notícia 3) e Diário de Pernambuco (notícia 4), a respeito da temática bregafunk.</p> <p>Orientaremos que os estudantes discutam entre as equipes sobre os aspectos mais relevantes de cada notícia. Lançaremos na lousa algumas reflexões, a fim de orientar as discussões: <b>Como cada jornal fala sobre o ritmo do passinho?, Quais as informações apresentadas no título e subtítulo? A linguagem do texto é formal ou informal? De quem são as falas (fontes) mostradas na notícia? – 45 min</b></p> <p>Com a sala disposta em fileiras, aplicaremos questionário 3 (individual), com foco no comparativo entre os jornais trabalhados. – 45 min</p> <p>Espera-se que os estudantes identifiquem semelhanças e/ou diferenças entre os jornais, não só em relação à estrutura composicional, mas no que diz respeito à linguagem, à ideologia etc.</p>
<b>Material necessário</b>	Cópia impressas das matérias dos três jornais pernambucanos, cópia impressa do questionário, canetas
<b>Avaliação</b>	Participação na leitura, interação com a equipe, realização do questionário

<b>AULAS 7 E 8</b> Debate sobre os discursos da mídia	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geral</li> <li>• Específicos</li> </ul>	<b>Promover reflexão sobre as abordagens dos jornais por meio das respostas dos questionários das equipes</b>
	Fomentar reflexão sobre discurso da mídia; observar estruturas linguísticas específicas nos títulos e nos subtítulos das notícias
<b>Eixo de ensino</b>	Oralidade
<b>Descrição das atividades</b>	<p>Com a sala disposta em equipes, orientaremos a leitura dos registros feitos por alguns estudantes da turma (entre 3 e 4) para cada matéria analisada. O professor mediará a explanação das respostas individuais, fomentando reflexões sobre a estrutura composicional da notícia no jornal, os aspectos ideológicos e a importância da visibilidade de grupos sociais discriminados socialmente. – 45 min.</p> <p>Espera-se que os estudantes observem as características do texto jornalístico e o uso de determinadas estruturas, sobretudo no título e no subtítulo, além das discussões levantadas pelos jornais sobre a temática do passinho.</p> <p>Após isso, sugeriremos que cada equipe exponha brevemente o que mais chamou a sua atenção nas notícias trabalhadas, independente das respostas individuais dos questionários. Levantaremos discussão sobre as características na abordagem de cada jornal. – 45 min.</p>
<b>Material necessário</b>	Cópia impressas das matérias dos três jornais pernambucanos, cópia impressa do questionário
<b>Avaliação</b>	Participação por meio de comentários pertinentes/ explanação de pontos de vista

<b>AULAS 9 E 10</b> Orientação para a atividade final e culminância das oficinas	
<b>Objetivos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geral</li> <li>• Específicos</li> </ul>	<p><b>Orientar produção de cartazes; promover culminância da oficina, retomando discussões pertinentes realizadas durante as etapas do trabalho</b></p> <p>Promover discussão entre equipes para produção de cartazes, com olhar crítico sobre questões sociais da comunidade; observar comentários dos estudantes sobre a temática da oficina; suscitar discussão sobre movimentos culturais, preconceito e periferia</p>
<b>Eixo de ensino</b>	Leitura/ oralidade/ produção de textos escritos/ análise linguística
<b>Descrição das atividades</b>	<p>O professor orientará os estudantes a elaborarem (em duplas ou em grupos) cartazes sobre o que mais os inquietou nas abordagens dos jornais, como eles refariam a manchete ou o subtítulo, um evento sobre o passinho no bairro etc.</p> <p>Nesse sentido, orientaremos a atividade sugerindo que os estudantes criem manchetes com subtítulos para mostrar a outras pessoas como retratariam as notícias analisadas.</p> <p>Caberá ao professor distribuir material, orientando para que os estudantes produzam cartazes para o encerramento da oficina. – 45 min.</p> <p>O professor organizará as apresentações dos estudantes, de forma que eles possam ler e comentar sobre os temas escolhidos, manchetes e subtítulos criados e a abordagem social do assunto. – 45 min.</p>
<b>Material necessário</b>	Cartolinas, tesouras, fita adesiva, cola, lápis de cor e giz de cera
<b>Avaliação</b>	Participação na produção dos cartazes em equipes e na exposição dos trabalhos

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO 1

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

PERGUNTAS	RESPOSTAS
1) A linguagem predominante na notícia lida é <b>formal</b> ou <b>informal</b> ?	
2) As falas são mostradas (marcadas) no texto por meio de qual sinal gráfico?	
<p><b>A apresentação de uma notícia é disposta no título (ou manchete). A informação que vem depois do título é o subtítulo (ou subtã, no jargão do jornalismo).</b></p> <p>3) Você acha que o título foi adequado para apresentar o fato? E o subtítulo? Comente.</p>	
4) Quais as palavras no título e no subtítulo que mais chamaram a sua atenção? Dê um sinônimo a elas.	
5) Qual situação está sendo tratada no texto?	
6) Quem são as personagens envolvidas na matéria?	
7) Na sua opinião, a forma como essa notícia é apresentada contribui para nos <b>informar</b> ? Comente.	

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 2

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

<b>ANÁLISE DA NOTÍCIA</b> – Aspectos da composição (estrutura) e do contexto	
<b>TÍTULO</b>	BRABA NA SENTADA
<b>SUBTÍTULO</b>	A rainha do “passinho dos malokas”

Há predomínio de linguagem **informal** no título e no subtítulo. Qual o efeito de sentido que causa na leitura?

---



---



---

A autora explica o significado da expressão **BRABA NA SENTADA**. A expressão tem sentido positivo ou negativo no texto lido? Comente com base em algum trecho da notícia.

---



---



---

O texto discute sobre movimentos culturais vindos da periferia, espaço urbano etc. Extraia um trecho que represente **o ponto de vista da autora** sobre o tema.

---



---



---

Na notícia, as falas são representadas por meio do sinal gráfico **aspas**, para indicar o **discurso direto**. Extraia do texto uma fala que melhor representa a discussão principal do texto.

---



---



---

### APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO 3

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

<b>O que você observou em cada jornal?</b>			
<b>SOBRE AS NOTÍCIAS...</b>	Jornal do Commercio	Folha de Pernambuco	Diario de Pernambuco
Qual o tipo de linguagem predominante?			
A escolha dos termos no título e no subtítulo é adequada?			
Qual a informação principal apresentada na notícia?			
Quem são as fontes(falas) escolhidas no texto?			
Qual é o posicionamento do jornal?			

**APÊNDICE E – JORNAL DE OLHO NA NOTÍCIA**

# DE OLHO DA NOTÍCIA

JORNAL EXPERIMENTAL TEMÁTICO  
**VÁRZEA**  
EDIÇÃO 1 – 2019

Escola Municipal Dr. Rodolfo Aureliano  
Gestão Escolar: Cristiano Lima (Gestor),  
Cristiane Cavalcanti (Vice) e Eliane  
Gonçalves (Coordenadora Pedagógica)  
Reportagem e produção: Estudantes dos sextos anos  
Edição: Caio Dias

**PERSONALIDADE:** Eliane Gonçalves “EU AMO A VÁRZEA”

Moradora da Várzea, Eliane Gonçalves vive no bairro desde muito jovem. A coordenadora pedagógica da Escola Municipal Dr. Rodolfo Aureliano realizou seus estudos no Grupo Escolar Olinto Victor, cursou Pedagogia na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e começou a trabalhar próximo de casa. “A Várzea é um bairro muito rico em atividades artísticas, culturais e apresenta tantas outras opções de lazer e de diversão. Eu amo a Várzea”, destaca.

**DEU SAMBA**

Quando se fala em manifestações culturais, a comunidade da Várzea não deixa passar batido. O bloco *Saberé em Folia*, conhecido pelo tradicional desfile nos domingos de Carnaval, anima e agita os moradores do bairro desde 1997. O grupo nasceu com o nome Grêmio Recreativo Escola de Samba Adolescente (inspirado na novela *Os Inocentes*), pelo morador do bairro Sr. Queiroz, em 15 de novembro de 1981, depois participou de vários desfiles no *Bloco do Sujo*. Atualmente, a agremiação realiza ensaios, bingos festivos e rifas para manter o bloco nas ruas.

**SERVIÇO:**

SEDE: Rua Emetério Maciel, 146

ENSAIOS: Praça Saberé

DIRETORIA: Ronaldo Magalhães e Macilon Costa

MESTRE DE BATERIA: Alberto Pedro Cajueiro

## A VOZ DA GALERA



Nossa equipe conversou com alguns moradores da Várzea. Os entrevistados falaram sobre o que mais gostam, os lugares favoritos e o que precisa melhor no bairro. Confira!

“Moro aqui há 29 anos. Gosto da proximidade com a natureza, com os espaços culturais, como a Oficina Cerâmica Francisco Brennand e o Instituto Ricardo Brennand”.

(Flaviane Duarte)

“Acho a Várzea um lugar maravilhoso de morar. Gosto muito da Praça (Pinto Damaso) e das opções de lazer do bairro. Apesar disso, creio que faltam mais serviços de pavimentação e segurança pública nas ruas da Várzea”.

(Lucian Santana)

“A Várzea é um bairro que é próximo de tudo. Gosto das feirinhas de artesanatos, das praças e do clima. É um bairro arborizado e tranquilo para se viver.”

(Katarina Melo)

## NO PASSINHO...

No segundo semestre de 2019, foi realizada no 6º C da Escola Municipal Dr. Rodolfo Aureliano uma oficina de leitura de notícias dos jornais pernambucanos sobre o ritmo do passinho, conduzida pelo professor Caio Dias. Dentre as atividades, os estudantes criaram títulos e subtítulos que eles gostariam de ver estampados nos jornais, longe de preconceito e de marginalização.



Confira a seguir algumas das produções da turma.

<p><b>O bregafunk está lançando muitas músicas</b></p> <p>Pessoas que antes não se interessavam por danças, hoje desenvolvem a criatividade</p>	<p><b>Festa na Praça da Várzea</b></p> <p>Grupos da comunidade se juntam para dançar e reúne mais de 2 mil pessoas</p>
<p><b>Novo sucesso no bairro da Várzea</b></p> <p>Jovens do bairro formam grupo de dança e logo são chamados para show, que leva público à loucura</p>	<p><b>Escola Rodolfo Aureliano está na competição de dança</b></p> <p>Campeonato juntou jovens, arrastou multidão e levou sucessos para a escola</p>



### PARA SABER MAIS...

O site **Por Aqui** listou algumas curiosidades sobre o bairro da Várzea. A reportagem apresenta dados históricos e atualidades. Eis os tópicos:

- **Nosso bairro é um dos mais antigos da cidade!**
- **Onde hoje é a Várzea, havia, no século XVI, 16 engenhos**
- **Hoje o bairro da Várzea é um só, mas seus limites são uma confusão!**
- **O que é a Cidade Universitária, famosa CDU?**
- **Quantos somos?**
- **“A melhor e mais bela moradia”**

**Para conferir as respostas, basta clicar em:**

<https://poraqui.com/varzea/6-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-a-varzea/>

Para quem gosta de histórias de terror, **O Recife Assombrado** conta uma história bastante conhecida pelos moradores mais antigos da Várzea. A saga de uma senhora sentada num ônibus deixa muita gente de cabelo em pé.

**Para ler a história completa, basta clicar em:**

<http://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/a-velhinha-da-caxanga/>

**ANEXO A – NOTÍCIA 1 (REVISTA PIAUÍ)**

EDIÇÃO 150 MARÇO\_2019

Esquina

**BRABA NA SENTADA****A rainha do passinho dos “malokas”** (Texto adaptado)

POR JOANA SUAREZ

O som do brega-funk estalava na praça do Marco Zero, no Centro histórico do Recife, agitando mais de 3 mil adolescentes de várias comunidades. No meio da praça, uma roda de pessoas observava, fotografava e filmava Clara Araújo acompanhada pelas outras quatro dançarinas do grupo As do Passinho S.A. – sigla de Santo Amaro, o bairro onde elas moram. As meninas com idades entre 12 e 15 anos estavam vestidas de tops de cor pink, curtíssimos shorts jeans e tênis.

Foi Araújo quem estimulou, por meio das redes sociais, a reunião de tanta gente no Encontro Clara Especial 10 k, uma batalha de passinhos para comemorar o que para ela representava um recorde: ter conquistado 10 mil seguidores no seu perfil no Instagram, no fim do ano passado. Porém, quando a festa aconteceu, em 8 de janeiro, os seguidores já eram mais de 20 mil. E em meados de fevereiro ultrapassavam a marca dos 100 mil. A adolescente negra de 15 anos, 1,55 metro e 52 quilos, havia se tornado em Pernambuco, indiscutivelmente, a “rainha do passinho”, como dizem seus fãs.

A festa na praça que é um dos cartões-postais do Recife conseguiu algo inesperado: quebrar o isolamento dos jovens de diferentes comunidades e fazê-los dançar juntos. “O povo da favela mostrou que tem diferença, que não tem só menino que quer estar em droga, a gente não é só favelado, também tem respeito”, disse Araújo, ao fim do encontro. Após ser solicitada para dezenas de fotos com fãs, ela se deu conta de que realizara um desejo da infância: tornar-se uma dançarina famosa. “Hoje, estou vendo que consegui. Não só eu como minhas amigas também.”

Nas comunidades pobres do Recife e redondezas, praticamente toda semana surgem novos grupos de dança de brega-funk, de influenciadores digitais, DJs e MCs (mestres de cerimônias e cantores).

Dançarinos e dançarinas prestigiados – como Os Magnatas do Passinho S.A. e As do Passinho do Coque – quase sempre são convidados para atuar em shows dos MCs e cobram cachê. As garotas do As do Passinho S.A., que atuam juntas desde novembro, recebem 150 reais por hora de dança, quantia que é dividida entre as cinco. Às vésperas do Carnaval, esperavam aumentar bastante o número de apresentações. “A gente já tem um mói [um monte] de evento fechado”, contou Araújo.

O “passinho dos malokas” virou febre nas comunidades da capital pernambucana, de Olinda e de Jaboatão dos Guararapes no final do ano passado. Em fevereiro já era praticado nas festas da moçada de classe média. A dança é embalada pelo brega-funk – em que o funk dominante é misturado com variados gêneros, como o pagode baiano, o forró, o frevo, o reggaeton latino e, sobretudo, o brega. São essas misturas excêntricas do som que diferenciam o “passinho dos malokas” do Recife do “passinho” do funk das favelas do Rio e de outras capitais. Além disso, os dançarinos pernambucanos usam menos os pés, pois preferem mexer os ombros, os braços e a região pélvica.

Em 20 de janeiro, uma nova batalha do passinho, com milhares de jovens, tomou conta da praça do Recife Antigo. Absortos na dança, os participantes pareciam não dar importância à polícia, que resolveu fazer revistas aleatórias e rondar o local com viaturas. Nenhum incidente grave foi constatado pela PM. Naquele dia, Araújo dançou três horas seguidas sob um sol forte.

Maria Clara Damasceno Araújo é seu nome completo. “Mas não gosto de falar dessas coisas”, ela disse, referindo-se à sua vida pessoal. Prefere mostrar os vídeos de dança que fez ou as seis tatuagens – nos braços, nos ombros, na mão e na barriga. Em uma delas está escrito: “A força mais potente do universo é a fé.” Outra aconselha: “Para quem tem fé a vida nunca tem fim.” Embaixo desta, estampou o nome da mãe, Geane, que já morreu. Como também perdeu o pai, ela mora com a avó na comunidade conhecida como favela do Santo Amaro, no bairro do mesmo nome.

Araújo começou sua carreira como dançarina de swingueira, o pagode baiano. Depois de se converter ao brega-funk, passou a postar vídeos no Instagram, em junho passado, e logo se destacou por causa do requebro veloz, preciso e poderoso. Um de seus vídeos chegou a atingir 400 mil visualizações. Nessa época, abreviou seu nome para Clara Araújo, mas é bem mais conhecida como Clara do Passinho, a garota que, como diz a música, “tira braba na sentada” [arrasa muito].

Ela está cursando a 7ª série no turno da noite. Antes de ficar conhecida, passava os dias “morgada em casa”, conta. Com o lampejo de fama, começou a levantar cedo para enfrentar a agenda agitada. “Agora, acordo às sete da manhã para organizar tudo. Todo dia tem muita coisa pra fechar.” São shows, reuniões, entrevistas, além de postagens nas redes sociais. Se tudo der certo, seu plano é comprar uma casa própria.

## ANEXO B – NOTÍCIA 2 (JC)

**jornal do  commercio**  
www.jc.com.br

FOLIA

**MPPE quer que PM evite excessos e não reprima bregafunk no Carnaval 2019**

Para o órgão, polícia deve agir ‘com base nos princípios da legalidade, necessidade, razoabilidade e proporcionalidade durante as manifestações públicas’

Fillipe Vilar

Publicado em 28/02/2019, às 14h57 (Texto adaptado)



MPPE quer controle nas ações policiais durante as festas de Carnaval

Foto: Bobby Fabisak/ JC Imagem

JC Online atualizada às 15h11

O Ministério Público de Pernambuco (MPPE) enviou uma nota à Polícia Militar recomendando uma série de medidas para que excessos sejam evitados nas ações policiais durante o Carnaval. O texto foi publicado na última quarta-feira (27) no site da instituição e, segundo o órgão, enviado ao coronel Vanildo Maranhão, comandante-geral da PMPE.

Entre as recomendações está “o uso estrito da força policial, com base nos princípios da legalidade, necessidade, razoabilidade e proporcionalidade durante as manifestações públicas do Carnaval”. Para os promotores, os policiais só podem exercer seu poder “quando pautados pela legalidade”, prevalecendo o interesse público sobre o particular.

O órgão também fala para os policiais evitarem a “utilização de métodos que provoquem sofrimento desnecessário”. A promotoria diz que não vai tolerar o emprego de armas e “de instrumentos de menor potencial ofensivo” nas detenções ou dispersão de manifestantes.

### **Bregafunk e repressão policial**

A nota fala ainda sobre o Brasil ser signatário de tratados internacionais que asseguram a livre participação dos cidadãos em atividades da vida cultural e artística. O MPPE afirma que deve ser protegido o direito dos jovens da periferia, “principalmente negros”, a se expressarem por meio de “música e dança de funk, brega, bregafunk e demais ritmos de matrizes africana e indígena”. Os "encontros de passinho", como são chamados, têm registrado polêmicas e confusões nos últimos meses.

Os promotores querem que os policiais militares usem “adequadamente” os cadarços de identificação nas peças dos uniformes e coletes balísticos. Todas as recomendações do Ministério Público devem “ser repassadas à tropa da PMPE mediante afixação da recomendação nos quadros de aviso das unidades policiais e divulgação do texto pelo boletim geral da corporação”.

No fim do texto, o órgão pede que a polícia investigue eventuais casos de abuso no uso da força e violação dos princípios de legalidade, para que os responsáveis sejam punidos administrativamente.

## ANEXO C – NOTÍCIA 3 (FP)

**RECIFE****'Passinho' reúne centenas de jovens no Marco Zero**

Através de divulgação nas mídias sociais, segunda edição da 'Dança do Passinho' reuniu centenas de jovens e adolescentes no Bairro do Recife

Por: Aquiles Lopes em 08/01/19 às 22H01, atualizado em 09/01/19 às 06H10

(Texto adaptado)



*Evento foi marcado por Clarinha do Passinho e as garotas do grupo 'As do Passinho Santo Amaro (S. A.)' - Foto: Paulo Almeida/Folha de Pernambuco*

**'Dança do Passinho' levou muitos jovens e adolescentes ao Marco Zero**

Exaltada como a capital do brega, Recife é uma das cidades brasileiras onde a cultura da periferia é mais forte. Além do ritmo já consagrado, uma série de outras manifestações acontecem todos os dias nos bairros mais populosos da Região Metropolitana, bem longe do olhar ou do conhecimento da classe média.

Boa parte do poder de toda esta movimentação está nas redes sociais, que MCs, DJs e dançarinos usam para divulgar e promover seus eventos. No final da tarde desta terça-feira (8), um desses momentos aconteceu em pleno Marco Zero, no Bairro do Recife, na área central da Capital, reunindo pelo menos mil jovens e adolescentes. O que os

levou para o Recife Antigo foi uma edição da “Dança do Passinho”, marcada pelas garotas do grupo “As do Passinho Santo Amaro (S.A.)”.

“Fiquei muito feliz em ver que tanta gente veio dançar. Marcamos esse encontro aqui porque é um lugar aberto, grande e que podemos usar sem ter que pagar”, afirmou Maria Clara Damasceno dos Santos, a Clarinha do Passinho. Aos 15 anos ela é líder do grupo, que reúne mais de 16,3 mil inscritos no canal de Youtube.

O estudante Rafael Araújo, 17 anos, saiu do bairro de Rio Doce, em Olinda, na Região Metropolitana do Recife, para participar do encontro. Ele explicou que durante as férias é comum que encontros assim sejam marcados, com a participação de diversos “bondes”, como eles chamam os grupos. “Hoje não tem disputa, o pessoal vem só dançar e trocar ideia mesmo”, explicou. Isso porque o passinho envolve competições de coreografias, que acontecem nos clubes da periferia.

O passinho do Marco Zero foi o segundo do ano em local público no Centro. O primeiro ocorreu na semana passada, no parque 13 de Maio e também reuniu um grande público. Um dos segredos para massificar é uma divulgação colaborativa. DJs, cantores e grupos de dança compartilham as postagens uns dos outros.

“Vim aqui para dar uma força a Clarinha, que é uma menina muito querida. É bom que toda essa galera possa ver a gente e tirar fotos sem ter que pagar ingresso”, disse o MC Schevchenko, que divide com o MC El Loco os vocais do Bonde do Tem 24 por 48, com mais de 90 mil inscritos no Youtube.

## ANEXO D – NOTÍCIA 4 – (DP)

**DIÁRIO** de **PERNAMBUCO**

## RACISMO AMBIENTAL

**Estigma e repressão a grupos de passinho reacendem debate sobre o uso do espaço público**

Por: Rosália Vasconcelos/ Publicado em: 02/04/2019 08:23  
Atualizado em: 02/04/2019 08:39 (Texto adaptado)



Foto: Bruna Costa/ DP.

Os grupos do passinho, movimento essencialmente negro e oriundo das periferias do Recife e Região Metropolitana, têm saído de suas comunidades para ocupar espaços públicos de áreas centrais. O estigma e a repressão que esses jovens vêm sofrendo têm levantado debates acerca das representatividades culturais, mas sobretudo em relação às questões envolvendo o direito à cidade. A discussão, contudo, não é nova. Outros movimentos culturais periféricos, como o brega, o funk e o hip hop, também foram historicamente retaliados e expulsos das zonas nobres das grandes cidades até que ganhassem legitimidade.

A advogada e mestranda pelo Programa de Mestrado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (MDU-UFPE), Juliane Lima, deu visibilidade acadêmica ao tema pelo que ela tem chamado de Racismo Ambiental. “Historicamente, a população negra tem acesso limitado a determinados espaços da cidade, sobretudo os de lazer. E quando essas pessoas adentram esses lugares, acabam sendo reprimidas, seja pela polícia, que é o poder legitimado da elite e do governo, seja pela exclusão e pelo preconceito velado”, diz a pesquisadora. Um dos exemplos mais latentes dessa discriminação ambiental eram os chamados “rolezinhos”, quando jovens da periferia eram proibidos de frequentar os shoppings da cidade em grupo. “A cidade é construída

pelos negros e depois cabe a eles apenas a periferia, num verdadeiro processo de higienização”, destaca Juliane.

Jaqueline Castro, 22 anos, líder do grupo de passinho As Cacique Oficial, do Complexo de Salgadinho, em Olinda, Região Metropolitana do Recife (RMR), afirma que não se sente bem-vinda quando o movimento frequenta, nos fins de semana, lugares centrais como a Praça do Marco Zero, no Recife Antigo, o Parque 13 de Maio, no bairro da Boa Vista, e o Parque da Jaqueira, uma das regiões mais nobres do Recife. “A polícia fica sempre em cima da gente, arroteando, manda a gente abaixar o som, como se fôssemos marginais. Nós somos de comunidades. Nós crescemos vendo a favela e sentimos necessidade de conhecer outros espaços públicos e queremos também que quem não conhece a favela possa conhecer nosso trabalho. Passinho é uma expressão genuinamente de resistência”, diz Jaqueline.

“Quando marcamos batalhas de MC’s e Encontro de Passinho, a favela toda vai. Existem as pessoas bem intencionadas e outros que se aproveitam da roda, do agrupamento, para fazer o mal. Às vezes é até uma questão de brigas entre comunidades. Mas aí a polícia quando chega espancando, atirando para reprimir, coloca todo mundo que é negro no mesmo bolo. E é aí que se acaba a vida de um menino. Acho que a polícia precisa ter inteligência para saber separar os grupos, dialogar melhor com a comunidade. E os MCs aumentar a conscientização do pessoal da favela. E não reprimir os movimentos no centro da cidade, porque quando acontece é algo bonito de se ver”, ponderou Adelaide.

Juliane Lima lembra ainda que historicamente tudo o que vem da população negra é rejeitado pela sociedade devido ao processo histórico de repressão de todos os componentes da cultura afro, como proibição das religiões, das vestimentas e da capoeira, por exemplo. “Ao longo dos anos, a sociedade internalizou que tudo o que vem do negro está fora do padrão social e existe certa dificuldade em aceitar. A elite branca acredita que o espaço público pertence a ela, designam seus espaços privilegiados e restringem o acesso. A repressão ao passinho é uma versão diferente da gentrificação”, contextualizou a pesquisadora.

### **Polícia tenta se adaptar a novo fenômeno cultural**

Após vários episódios de brigas, arrastões e repressões em eventos no Marco Zero e na Praça 13 de Maio, ambos em áreas centrais do Recife, diversas discussões acerca do papel da força policial na organização desses eventos foram levantadas. Para o secretário municipal de Segurança Urbana, Murilo Cavalcanti, é necessário abrir um diálogo com as lideranças do movimento para entender seus anseios. Ele também se comprometeu a orientar a Guarda Municipal do Recife para que os agentes saibam distinguir os que fazem atos de cultura e os que estão na rua para cometer delinquências.

“Houve muitos avanços. A polícia sabe quem são os delinquentes. A inteligência da Polícia Militar junto com a da Guarda Municipal estão sendo usadas para saber distinguir quem frequenta os encontros para brigar e fazer arrastão e quem vai apenas para se divertir com sua música e sua arte. Para aumentar esse diálogo, temos deixado uma mesa aberta de negociação com as lideranças do movimento de forma a garantir os direitos desses jovens, sem deixar de intervir nos excessos. Mas sabemos que ainda precisamos avançar bastante nas políticas públicas que ofertem cidadania e seja capaz de mediar uma cultura

de paz e não violência”, defendeu Murilo. Apesar disso, os MCs El Loco e Shevchenko foram proibidos de gravar um clipe no Parque da Jaqueira, no último mês de fevereiro.

Já a Secretaria de Defesa Social de Pernambuco afirmou que os encontros de passinho têm sido acompanhados pelos batalhões responsáveis pelas áreas onde acontecem, seja na Jaqueira, na Várzea ou Recife Antigo, por exemplo, conforme solicitação dos realizadores, “de modo a garantir a tranquilidade na realização do ato e a segurança, não apenas dos participantes, como das pessoas que transitam nesses locais”.